



A CASA CIRCULAR

**A FLEXIBILIDADE EM ARQUITETURA E A REGENERAÇÃO URBANA COMO RESPOSTA ÀS NOVAS FORMAS DE
HABITAR A CIDADE CONTEMPORÂNEA**

O CASO DO BRAÇO DE PRATA, MARVILA

Marina Januário da Silva

(Licenciada)

Dissertação/ Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

(Mestrado Integrado em Arquitetura)

Orientador Científico

Professor Doutor Luís Conceição

Júri

Presidente: Professor Doutor Amílcar Gil Pires

Vogal: Professor Doutor Luís Afonso

Lisboa, FAUL, Dezembro 2017

Documento Definitivo

(Página anterior)

CASA CIRCULAR
ALÇADO NORTE ESTILIZADO
ESQUEMA DA AUTORA.

RESUMO

Vivemos atualmente num período de transição sendo a cidade o reflexo de uma determinada estrutura social vigente e, por conseguinte, de um determinado conjunto de valores inerentes à memória coletiva que, determinam as vivências que decorrem na cidade. A cidade contemporânea é, por isso, palco de dinâmicas de complexidade e heterogeneidade crescente e, sobretudo, caracteriza-se por uma grande indefinição referente à sua estrutura morfo-tipológica.

Atualmente, a ambiguidade inerente à cidade contemporânea está associada a uma transformação do modelo social e de práticas que implicam uma metamorfose permanente da cidade. Face a este contexto, constata-se uma necessidade de adaptação da cidade a um novo paradigma social, económico e cultural emergente.

Pretende-se a busca por uma nova lógica de conceção do espaço que responda verdadeiramente à imprevisibilidade que determinam novas formas de habitar e de apropriação do espaço, mais especificamente num contexto urbano junto à Estação do Braço de Prata, na freguesia de Marvila.

Palavras-chave: Cidade Pós-Industrial; Fragmentação Urbana; Estação Braço de Prata; Habitação; Flexibilidade

TITULO

A CASA CIRCULAR

A Flexibilidade em arquitetura e a Regeneração Urbana como resposta às novas formas de habitar a cidade contemporânea: o caso do Braço de Prata, Marvila.

NAME

Marina Januário da Silva

ORIENTAÇÃO

Prof. Doutor Luís Conceição

Mestrado: Mestrado Integrado em Arquitetura

Lisboa, Janeiro 2018

ABSTRACT

We currently live in a period of transition because the city itself is a reflection of one determined social structure and, therefore, it's determined by its the inherent values of the collective memory . Therefore, the city is the background that supports a set of dynamics which are more and more complex and heterogeneous and it is characterized, above all, by a great uncertainty regarding its morphological and typological structure.

This inherent ambiguity in the contemporary city is associated with a transformation of the social model and several practices that imply a permanent metamorphosis of itself. Due to this context, it becomes quite evident the need of the city to adapt to a new social, economic and cultural paradigm which is emerging.

This work looks forward to carry out a reflection on the concept of flexibility as a viable answer to the problems associated with the space transformation and search for a new design logic of space that responds truly to the unpredictability that determines new ways of living, appropriation of space and, therefore, a new temporality that the city should support, more specifically, near Braço de Prata Station in Marvila parish (Lisbon).

TITLE

CIRCULAR HOUSE

Flexibility in architecture and Urban Regeneration as a response for dwelling in the contemporary city.

NAME

Marina Januário da Silva

ADVISER

Prof. Luis Conceição

Master's Degree Master of
Architecture

Lisbon, January 2018

Keywords: Post-Industrial City; Urban fragmentation; Braço de Prata; Housing,

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradecer ao meu orientador pela oportunidade e partilha de conhecimento no processo deste trabalho assim como, ter demonstrado a disponibilidade e compreensão para me acompanhar na conclusão deste projeto num contexto complicado.

Aos amigos de sempre, em especial à Sara Schuh e à Inês Gomes, que me acompanharam e apoiaram, incondicionalmente, quer do ponto de vista académico quer nas peripécias da vida.

Ao Jorge pela amizade, pela compreensão e apoio em todos os momentos e por todas as oportunidades que me proporcionou de constante aprendizagem e partilha de conhecimento, assim como pela motivação e gosto pela prática da arquitetura.

Aos meus avós, Adelino e Gracinda, pela força e verticalidade com que sempre conduziram a sua vida, pelos valores e sabedoria que me transmitiram e que me marcarão para toda a vida.

Ao meu pai e ao meu irmão pelo apoio e pela presença nos momentos-chave apesar da distância que nos separa. Em especial à minha mãe que ao longo de todo o processo foi incansável, que me acompanhou nas longas noites de trabalho, que celebrou os sucessos e consolou nos fracassos, assim como todas as oportunidades que ao longo da vida me foi conseguindo proporcionar, fruto de um grande espírito de sacrifício e de um amor incondicional. A vocês dedico este trabalho.

The ordering of space in buildings is really about the ordering in space of people.¹

¹ HANSON, Julienne; HILLIER, Bill, *The Social Logic of Space*, Cambridge University Press, Londres ,1984, p.1

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE GERAL.....	VIII
ÍNDICE DE FIGURAS.....	X
1 INTRODUÇÃO.....	12
CONTEXTUALIZAÇÃO.....	1
OBJECTIVOS.....	2
ESTRUTURA.....	3
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	5
A CIDADE COMO CONTRADIÇÃO.....	6
O <i>ESPAÇO</i> E O <i>TEMPO</i> NA CIDADE.....	8
A REGENERAÇÃO URBANA COMO ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO.....	14
A CASA.....	21
A CASA COMO REFLEXO DA ESTRUTURA SOCIAL.....	21
A CASA CONTEMPORÂNEA COMO CASA COMPLEXA.....	29
DESENHAR PARA O IMPREVISÍVEL.....	36
O VARIÁVEL E O PERMANENTE.....	38
FLEXIBILIDADE ATIVA E FLEXIBILIDADE PASSIVA.....	39
3 O PROJETO.....	50
ANÁLISE URBANA.....	55
ESTRATÉGIA URBANA.....	57
O ESPAÇO PÚBLICO.....	60
O MERCADO.....	61
OS ARMAZÉNS.....	62
AS TIPOLOGIAS DE HABITAÇÃO.....	63

O FIXO.....	64
O VARIÁVEL.....	65
A CASA CIRCULAR E A CASA DESCONTÍNUA.....	66
A TRANSIÇÃO INTERIOR / EXTERIOR.....	67
SISTEMA CONSTRUTIVO.....	68
ACABAMENTOS.....	71
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
BIBLIOGRAFIA.....	73

ÍNDICE DE FIGURAS

FIG. 01 | CIDADE CÓSMICA, A CIDADE MÁQUINA, CIDADE ORGÂNICA. Registrado em *The City Shaped*, Spiro KOSTOF, 1993, p.15.

FIG. 02 | VAZIOS NEGATIVOS - ESPAÇOS RESIDUAIS
Registrado em *Pattern Language*, Christopher ALEXANDER, Oxford University Press, Nova Iorque, Hamish Hamilton, 1977, p.518

FIG. 03 | VAZIOS POSITIVOS - ESPAÇOS SIGNIFICANTES
Registrado em *Pattern Language*, Christopher ALEXANDER, Oxford University Press, Nova Iorque, Hamish Hamilton, 1977, p.518

FIG. 04 | PLANTA DE MARVILA
Silva Pinto, 1911

FIG. 05 | PLANTA DE MARVILA, ACTUAL

FIG. 06 | PLANTA DE NOLLI DA ZONA DE INTERVENÇÃO, MARVILA.
Esquema da autora.

FIG. 07 | PASSAGEM DE NÍVEL DA LINHA DO NORTE, 1940
Autoria Desconhecida.

FIG. 08 | PLANTA DE QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO URBANO
Plano Director Municipal de Lisboa, 2012

FIG. 09 | NO VACANCY.
Registrado em *The Art of Living*, Saul STEINBERG Londres, Hamish Hamilton, 1952.

FIG. 10 | PORTRAIT OF FAMILY PLAYING MUSIC
Pieter de Hooch, 1663

FIG. 11 | O QUARTO
Pieter de Hooch, 1658-1660

FIG. 12 | JUST WHAT WAS IT THAT MADE YESTERDAY'S HOMES SO DIFFERENT SO APPEALING.
Richard Hamilton em Kunsthalle Tubigen, 1956

FIG. 13 | FOTOGRAFIA DA COZINHA DE FRANKFURT
Grete Schütte-Lihotzky, Alemanha, 1927

FIG. 14 | CASA EFICIENTE, CATHERINE BEECHER; HARRIET B. STOWE, 1869
Registrado em: RAMOS, Rui Jorge Garcia. *A Casa- Arquitetura e Projeto Doméstico na Primeira Metade do Século XX Português*. 1ª Ed. Porto: FAUP Publicações, 2010

FIG. 15 | CASA WARD W. WILLITS. FRANK LLOYD WRIGHT, HIGHLAND PARK, ILLINOIS, EUA, 1901
Registrado em RAMOS, Rui Jorge Garcia. *A Casa- Arquitetura e Projeto Doméstico na Primeira Metade do Século XX Português*. 1ªEd. Porto: FAUP Publicações, 2010.

FIG. 16 | CASA ROGERS, 1968-1969
Richard e Su Rogers

FIG. 17 | FRAMES DO FILME MON ONCLE, 1958
Jacques Tati

FIG.18 | WHAT IS A HOUSE? , 1944

CHARLES EAMES

Registado em RAMOS, Rui Jorge Garcia. *A Casa- Arquitetura e Projeto Doméstico na Primeira Metade do Século XX Português*. 1ªEd. Porto: FAUP Publicações, 2010

FIG.19 | CIRCULAÇÃO DE UM FOGO TIPO DO BLOCO DE HABITAÇÃO

Bloco de habitação social em Graz, Riegler & Riewe, 1994.

Registado em GAUSA, Manuel, *Housing- Nuevas alternativas, nuevos sistemas*.

Actar: Barcelona, 1998, p.155.

Esquema da autora.

FIG.20 | CIRCULAÇÃO DE UM FOGO TIPO DO BLOCO DE HABITAÇÃO

Tipologia de habitação no Bairro de Alvalade,

Miguel Jacobetty Rosa, 1945

Esquema da autora.

FIG.21 | DECOMPOSIÇÃO DE UM EDIFÍCIO EM CAMADAS:

ESTRUTURA (FRAME SPACE) E COMPARTIMENTAÇÃO (GENERIC SPACE).

Orfanato , Aldo Van Eyck, Amesterdão, 1960

FIG.22 | FOGO TIPO DA HABITAÇÃO SOCIAL NEMAUSUS

Plantas do Piso 0, 1 e 2

Jean Nouvel, Nîmes, 1987

FIG.23 | EXEMPLO DE ORGANIZAÇÃO EM NÚCLEO

Tipologia A - Habitação colectiva - 149 Rue des Suisses

Herzong & De Meuron, Paris, 1990- 2000

FIG.24 | EXEMPLO DE ORGANIZAÇÃO EM BANDA ATIVA

Tipologia B - Habitação colectiva - 149 Rue des Suisses

Herzong & De Meuron, Paris, 1990- 2000

FIG.25 | APARTAMENTOS SALUTE

Planta Tipo

Hans Scharoun, Estugarda, 1961- 1963

FIG.26 | CASA DE LA MARINA

Josep Antoni Cordech, Barcelona, 1954

FIG.27 | CASA POMBALINA

Registado em MASCARENHAS, Jorge, *Sistemas de Construção*, 2003

FIG.28 | QUINTA MONROY

Planta tipo .Elemental, Chile, 2014

Esquema da autora

FIG.39 | QUINTA MONROY

Planta tipo .Elemental, Chile, 2014

Esquema da autora

FIG.30 | DIAGOON HOUSES

Herman Hertzberger, Delft, 1967

Esquema da autora

FIG.31 | PÁTIO DE ENTRADA
Diagoon Houses
Herman Hertzberger, Delft, 1967

FIG.32 | TERRAÇO DO PISO 2
Diagoon Houses
Herman Hertzberger, Delft, 1967

FIG.33 | APEADEIRO DA ESTAÇÃO
Fotografia da Autora, 2016

FIG.34 | ÁREA ADJACENTE AO APEADEIRO
Fotografia da Autora, 2016

FIG.35 | RUA DR. ESTEVÃO DE VASCONCELOS
Fotografia da Autora, 2016

FIG.36 | VAZIO URBANO- AV. INFANTE D.HENRIQUE
Fotografia da Autora, 2016

FIG.37 | DEGRADAÇÃO DO EDIFICADO
Esquema da Autora.

FIG.38 | VIAS ESTRUTURANTES
Esquema da Autora.

FIG.39 | ESTRATÉGIA URBANA
Esquema da Autora.

FIG.40 | PROGRAMA PROPOSTO
Esquema da Autora

FIG.41 | MERCADO
Projeto Proposto

FIG.42 | ARMAZÉM- TIPOLOGIA A
Projeto Proposto

FIG.43 | CASA-ATELIER- TIPOLOGIA A
Projeto Proposto

FIG.44 | NÚCLEO
Projeto Proposto

FIG.45 | ELEMENTOS VARIÁVEIS - PAINEIS DESLIZANTES
Tipologias de habitação

FIG.46 | AXONOMETRIA
Tipologias de habitação

FIG.47 | PÁTIOS E ZONAS DE TRANSIÇÃO
Tipologias de habitação

FIG.48 | PORMENORIZAÇÃO CONSTRUTIVA
Tipologias de habitação

1 INTRODUÇÃO

TEMA

A presente dissertação do projeto final de mestrado, desenvolvido no âmbito da obtenção do grau de mestre em Arquitetura, procura uma reflexão sobre as problemáticas inerentes à cidade contemporânea e a novas formas de habitar e de apropriação do espaço, tendo como diretriz a investigação assente em duas escalas.

a) **À escala da cidade**, referente à configuração urbana e ao impacto que as mudanças a que assistimos do paradigma social têm sobre a mesma, nomeadamente, na compreensão das dinâmicas inerentes à heterogeneidade da cidade de hoje e quais as novas necessidades a que esta tem que responder;

b) **À escala da habitação** é feito um estudo da evolução da habitação a partir da relação inerente entre configuração tipológica e os modelos familiares dominantes, assim como as mudanças que a evolução destas duas variáveis imprimem no espaço.

Sob este contexto, o tema da flexibilidade surge como proposta de reflexão e uma resposta pertinente ao desajuste na organização do sistema urbano, ainda herdeira de uma lógica modernista de zonamento, assim como, numa escala mais aproximada, à obsolescência espacial que as transformações das dinâmicas sociais imprimiram no interior doméstico e, por conseguinte, na sua definição tipológica.

CONTEXTUALIZAÇÃO

O contexto no qual se pretende trabalhar insere-se na zona oriental de Lisboa, mais concretamente, no tecido urbano adjacente à Estação do Braço de Prata, na freguesia de Marvila.

O território em questão caracteriza-se por uma essência heterodoxa resultado das profundas transformações que sofreu ao longo do tempo, nos vários ciclos de industrialização. Marvila revela um legado de edificado, maioritariamente, industrial assentes sobre uma estrutura urbana não planeada e desconexa.

A fragmentação presente neste local resulta das várias interrupções da continuidade da malha urbana pelas infraestruturas como são exemplos, a abertura da Linha do Norte (1856) e a ligação entre o centro e a zona oriental de Lisboa através da abertura da Avenida Infante D. Henrique (1948).

No contexto atual, o processo de desindustrialização e as infraestruturas que outrora as serviam produzem um resultado paradoxal no território, mais concretamente, a produção de vazios urbanos expectantes e, simultaneamente, uma oportunidade de regeneração urbana através do aproveitamento das infraestruturas existentes que atuam como charneira entre duas zonas nobres da cidade (o centro histórico e o Parque das Nações).

Pretende-se através da abordagem temática proposta, olhar para o conceito de flexibilidade como ferramenta de regeneração do território que promova uma revitalização da estrutura social baseada em relações de proximidade.

O presente trabalho procura documentar e justificar as decisões adotadas na proposta de projeto final de mestrado, assente sobre a busca por uma nova conceção espacial, tendo a mudança como critério de desenho e, consequentemente, da definição da *forma*.

Do ponto de vista urbano, pretende-se inverter a situação de degradação e de desconexão na qual jaz o território a intervir, através da regeneração da zona adjacente à Estação do Braço de Prata, abordando-a como uma “porta de entrada” da freguesia de Marvila, tirando partido da localização privilegiada que lhe é inerente.

Para o efeito, o programa proposto procura uma nova centralidade que parte da flexibilidade como gerador de uma espacialidade que admita uma relação híbrida entre uma dimensão mais privada- a casa, e uma dimensão mais pública- o trabalho e espaços de lazer, atualmente inexistentes.

A reinterpretação destes dois universos para um contexto contemporâneo recupera a relação de proximidade que sempre marcou o cariz social e urbano de Marvila- a proximidade entre a habitação operária e a fábrica- presente na memória coletiva que ainda hoje persiste.

Do ponto de vista metodológico e de organização do trabalho, partiu-se de uma investigação teórica da temática proposta. Esta investigação decorreu de uma revisão literária, tendo em conta duas escalas que traduzem as duas fases de projeto- a escala da cidade (Capítulo I) e a escala do edifício (Capítulo II)

No capítulo I **-A CIDADE-** pretende-se compreender as dinâmicas inerentes ao desenho urbano enquanto espaço significativo e em constante transformação, explorando a dicotomia entre *Espaço* e *Lugar*, assim como a relação entre o *Espaço* e o *Tempo* como definidores das permanências na cidade. Posteriormente, é feito um estudo sobre as problemáticas inerentes à cidade contemporânea pós-industrial, nomeadamente, os vazios urbanos.

Finalmente, à luz da investigação teórica exposta previamente, é feita uma análise do território a intervir, através da definição de estratégias de desenho da cidade, a par com um enquadramento histórico e social de Marvila.

No capítulo II **-A CASA** enfatiza-se uma escala mais aproximada através do estudo da habitação assente em duas fases. Em primeiro lugar, o estudo relativo à evolução do espaço doméstico e da estrutura familiar, com o intuito de compreender o impacto que as dinâmicas sociais operam sobre a definição da *forma* da casa. De seguida, procura-se definir o conceito de flexibilidade e identificar as principais premissas assente sobre a análise de casos de estudo.

Por último, o capítulo III- **O PROJETO-** é apresentado a proposta de intervenção. A solução apresentada baseia-se nos conceitos de flexibilidade e de polivalência espacial, através dos quais se pretende responder às necessidades dos diferentes utilizadores.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A CIDADE

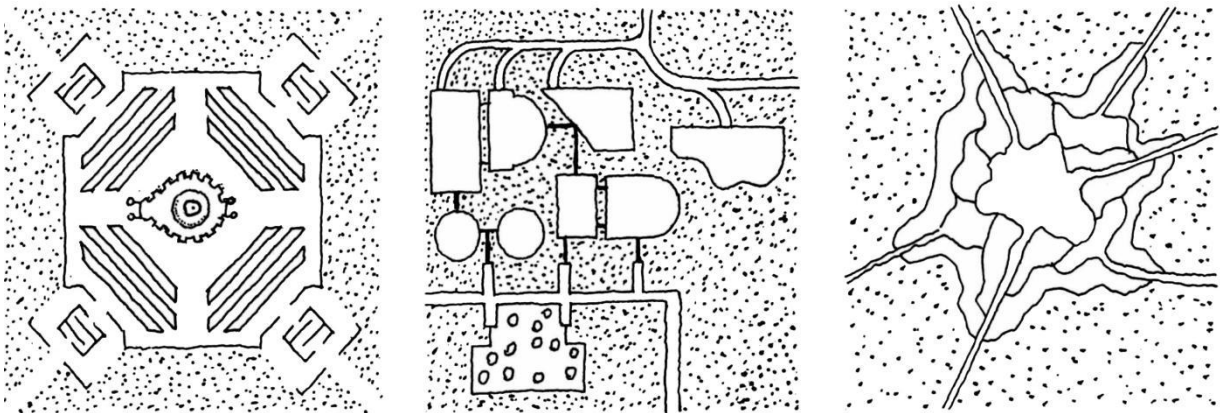


FIG. 1 | À esq: *Cidade Cósmica*. Ao centro, a *Cidade Máquina*. à dir. *Cidade Orgânica*.

KOSTOF, Spiro, *The City Shaped*, p. 15.

*[A cidade] é um produto das práticas sociais, sendo estas que constroem o espaço. A cidade é apropriada e construída simultaneamente pois, representa o cenário que suporta as suas práticas sociais quotidianas implicando, por isso, uma constante transformação do espaço.*²

² SALGUEIRO, Teresa Barata, *A Espacialidade no Tempo Urbano.*, in Penélope, Lisboa, nº7, p.8.

A CIDADE COMO CONTRADIÇÃO

A dicotomia entre *Espaço* e *Lugar*

A concepção de espaço representa um testemunho do paradigma social vigente, operando como uma manifestação cultural de um determinado período histórico. Deste modo, a reflexão sobre a cidade tem que, necessariamente, ter em conta um conhecimento do seu passado.

Posto isto, para compreender a cidade contemporânea é essencial apreender, à priori, que a mesma se constitui, essencialmente, a partir da condição de contradição que lhe é inata, nomeadamente, no antagonismo na definição de *Espaço* e *Lugar* enquanto espaço funcional e espaço significativo, dependendo da oportunidade de apropriação que o mesmo oferece. (Lefebvre, 1991)

Para uma reflexão mais aproximada ao objetivo da investigação- a intervenção na cidade contemporânea- recorre-se à definição deste mesmo conceito da autoria de Zukin, que perspetiva a cidade como resultante de uma delimitação sócio-espacial comunitária, *i.e.* cada comunidade define um *lugar* que resulta de uma representação de um conjunto de valores partilhados por todos os membros. Esta lógica permite criar uma identificação com aquele espaço, ou seja, um *lugar* representativo da memória coletiva (Zukin, 1996).

Zukin verifica que as paisagens pós-modernas caracterizam-se, fundamentalmente, pela regeneração urbana dos antigos *lugares*, reinterpretando-os e conferindo-lhes significado. Este processo verifica-se, especialmente, nas cidades pós-industriais onde existe um processo de alteração dos usos urbanos, tornando-os objetos em transição- o que a autora denomina como *espaços limiares*, ou seja, marcados por uma certa ambiguidade funcional (Zukin, 1996).

Segundo a autora, o processo de regeneração urbana de zonas presentemente obsoletas não pode ser uma mera reconstrução da imagem do *lugar* existente, conduzindo a uma artificialização e à super-valorização simbólica da sua própria *forma*, pois os símbolos não se enquadram na estrutura social e cultural corrente, construindo uma simulação ou *espaços-simulacros*.

A distinção entre *Espaço* e *Lugar* abordada por Zukin, vai ao encontro daquilo que Augé refere como um *não-lugar*: *um espaço que não se pode definir como identitário, social, ou como histórico, definirá um não-lugar*³.

Sumariamente, a criação de um *lugar* está subjacente a uma lógica de restituição de valor no processo de [re]apropriação espacial. Contudo, a contemporaneidade, acarreta inúmeras variáveis que atuam como condicionantes neste processo e que derivam, diretamente, de um novo paradigma de temporalidade e permanências na cidade, que, por conseguinte, dita o tempo e o modo de habitar do quotidiano.

³ Tradução livre da autora. Do original: *If a space cannot be defined as relational, or historical, or concerned with identity will be a non-place*. Registado em AUGÉ, Marc, *Non-places. An Introduction to an anthropology of Supermodernity*, Verso, Londres, 1995., p.77

O ESPAÇO E O TEMPO NA CIDADE

A condição pós-moderna como definidora de novas permanências na cidade contemporânea

A cidade contemporânea é herdeira de uma organização do espaço ligado a uma lógica modernista de zonamento que fora transversal ao longo de todo o séc. XX. Atualmente, é possível concluir que o fenómeno de fragmentação urbana decorre, em grande medida, como resultado de um conjunto de fatores, nomeadamente, a conceção espacial segundo um modelo de especialização funcional, a expansão urbana e o processo de desindustrialização com consequências na perda de densidade dos centros urbanos.

*(...) A desindustrialização (...) por via da transferência das indústrias para a periferia das cidades ou áreas suburbanas, potencia o aparecimento de enormes porções de terreno livre, muitas vezes em áreas urbanas centrais, em processo de degradação ou de simples obsolescência e consequente abandono, ou em processo de declínio.*⁴

A condição pós-moderna, que marca a segunda metade do séc. XX, faz surgir um novo conjunto de questões relativas à cidade, mais concretamente, uma mudança progressiva dos modos de habitar, assim como um regresso aos centros urbanos, invertendo o processo de expansão da cidade que anteriormente existira.

O processo de implosão urbana ao qual se assiste tem, como consequência, a criação de oportunidade de repensar a imagem da cidade, partindo de uma lógica de fragmentação para uma lógica de integração, que se traduz numa nova abordagem dos vazios urbanos enquanto oportunidade de ação sobre o território.

⁴ MENDES, Luís,. *A Regeneração urbana na política de cidades: inflexão entre o fordismo e o pós-fordismo*. in urbe. Revista Brasileira de Gestão, v. 5, n. 1, p. 33-45, jan./jun. 2013, p. 39 e 40.



Fig. 1 | Edifícios que criam espaço exterior negativo- espaços residuais in ALEXANDER, C, *SA Pattern Language*, Oxford University Press, Nova Iorque, 1977,p. 518



Fig. 2 | Edifícios que criam espaço exterior positivo- espaços significativos in ALEXANDER, C, *A Pattern Language*, Oxford University Press, Nova Iorque, 1977,p. 518

A cidade é o produto de um conjunto de ações que operaram sobre si ao longo do tempo, representando *um palimpsesto de memórias sobrepostas e estratificadas*⁵

A cidade constrói-se através da composição de elementos diversos. No caso do vazio urbano tradicional, este detém uma presença figurativa - a praça, o largo, a rua- que atuam como elementos estruturantes na construção da imagem mental da cidade e, por conseguinte, na sua legibilidade (LYNCH, 1966).

Nesta ótica, o vazio representa um momento de desafio do tecido urbano, sendo espaços determinantes no equilíbrio entre os elementos primários que constituem a cidade, ou seja, a relação entre o cheio (o construído) e o vazio (a ausência de edificado).

Nesta lógica, conclui-se que os vazios urbanos herdados da cidade tradicional revelam-se como uma peça fundamental na organização do sistema urbano, operando como pontos de referência devido ao reconhecimento da sua *forma* e, portanto, pela sua significação (Choay, 1969).

Uma descontinuidade na malha urbana não é, por isso, vazia de significado, mas sim um cenário de vivências, de representações sociais e um campo aberto de oportunidade de múltiplas apropriações e experiências, sendo lugares significantes *per si*.

⁵PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro; CABRAL, João, *Políticas Urbanas – Tendências, estratégias e oportunidades*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2003, p.96

Contudo, as lógicas de sectorização urbana a que correspondem os vazios existentes na cidade contemporânea conferem-lhes novos contornos, transformando-os em espaços residuais, que resultam de descontinuidades abruptas do território, provenientes do atravessamento de infraestruturas, má gestão do solo e do edificado.

Estes espaços são, geralmente, elementos urbanos expectantes que constituem zonas de franja, limites ou zonas de ligação entre lugares, correspondentes a vastas áreas de baldio ou espaços vazios sem forma- *non-formed space* pois, não suportam as vivências sociais características do espaço público reconhecível como tal e, por isso, não assentam numa lógica de significação sendo, em certa medida, ilegítimos. (WIKSTRÖM, 2005)

O vazio urbano assume, por isso, um protagonismo estruturante no pensamento das cidades de hoje pois, são os mesmos que determinam a transformação e ocupação do solo num contexto de intervenção, na qual está subjacente a tarefa difícil de atribuir uma identidade, um significado, tornando um espaço, *à priori*, abstrato e obsoleto num espaço legível⁶ e inteligível⁷ por parte de quem o habita, devolvendo-o à cidade.

⁶ Refere-se ao conceito de *legibilidade* como o ato que decorre da percepção estabelecida entre objeto/espaço e observador, resultando na produção de uma imagem mental.

⁷ *Inteligibilidade* é o conceito que corresponde ao reconhecimento, através da razão, dos objetos e do espaço. Este ato não depende tanto da experiência direta, mas antes da capacidade de apreender conceitos abstratos e processá-los através da inteligência.

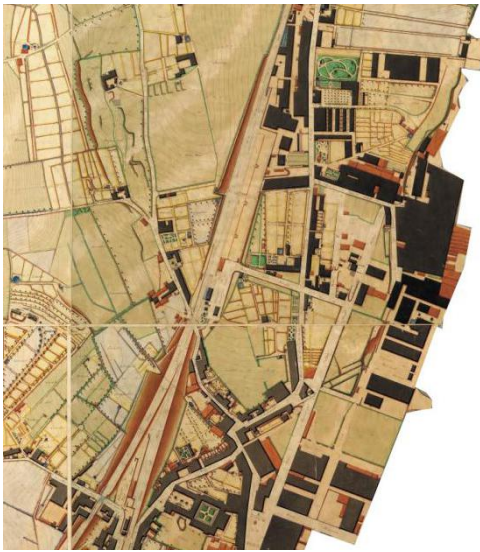


FIG. 3 | Planta de Marvila. Silva Pinto, 1911



FIG. 4 | Planta de Marvila, Actual

Choay⁸ propõe uma nova reflexão sobre estes espaços que contrarie as qualidades que lhe são inerentes tais como, a rutura e a descontinuidade para transformá-los em espaços de articulação, a partir dos quais decorrem as transições entre escalas, de flexibilidade e ligação entre os vários sistemas que compõe a cidade.

Ao encontro deste pensamento, Mark Wigley frisa a importância do vazio na reflexão sobre a cidade, abordando-o não como um problema, mas como uma oportunidade, *o vazio não é uma questão de pensar em algo vazio. O vazio nunca está vazio, antes é o início do pensamento, da substância. Se estivesse vazio, era nada. O vazio é um convite à possibilidade de uma experiência*⁹

Tendo em conta o estudo dos vazios urbanos como elementos estruturantes na reflexão sobre a cidade, constata-se o interesse na caracterização dos mesmos no contexto do território a intervir. A malha urbana envolvente à Estação do Braço de Prata vive numa dicotomia entre conexão associada à mobilidade - o *espaço-rede* (Oswald & Baccini, 2003) e a fragmentação que esta estrutura cria no território, impossibilitando o contacto entre a infraestrutura e o pré-existente. Atualmente, a linha de caminho de ferro constitui, por isso, uma barreira urbana e um limite à imagem mental da cidade.

⁸ CHOAY, Françoise, *The Modern City: Planning in the 19th century*, Studio Vista, Londres, 1969.

⁹ WIGLEY, Mark in Textos de comissários da Trienal Internacional de Arquitetura de Lisboa, 2007.





FIG. 5 | Planta de Nolli da zona de intervenção.
Esquema da autora

A REGENERAÇÃO URBANA COMO ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO

À luz da investigação exposta anteriormente, justifica-se o propósito da abordagem do conceito de Regeneração urbana, na medida, em que a mesma surge associada a um olhar crítico sobre a cidade num contexto pós-industrial. Atualmente, constata-se a existência de uma tendência de intervir sobre o território segundo uma lógica de reintegração do pré-existente subjacentes aos conceitos de revitalização, renovação, reabilitação e requalificação do espaço urbano.

Estes conceitos visam uma forma de pensar e produzir cidade e têm, como denominador comum, o processo de transformação urbana independentemente do seu grau de intensidade. Na sua origem, jaz uma crescente preocupação com a preservação e a conservação dos centros urbanos que remonta à segunda metade do séc. XX como resposta ao crescimento rápido e desordenado das cidades, resultante do êxodo rural e dos processos de industrialização -entre a década de 50 à década de 70, mais de ¼ da área construída das cidades europeias e norte americanas foi afetada por demolições e reestruturações (MENDES, 2013).

Posto isto, estes processos intervêm na resolução de problemas concretos de um tecido urbano expectante e surge como resposta a um período de declínio, contrariando as variáveis que, num determinado momento, conduziram o território a um processo de degeneração urbana.

A este processo está subjacente a ideia de *melhoramento-improvement*- das várias valências do alvo a intervir, nomeadamente, através do seu reposicionamento relativamente à hierarquia urbana envolvente.

Este reposicionamento engloba uma visão mais abrangente dos vários fatores a considerar no ato de intervenção, nomeadamente, o seu enquadramento físico- a reestruturação do território e o seu *cosimento* ao sistema urbano- assim como, o seu enquadramento social e económico- o valor que esse processo gera e o impacto que o mesmo tem sobre a população que nele habita.

A ambivalência entre o impacto físico e social sobre o território que resulta deste processo está presente no pensamento de Roberts e Sykes ao referirem que *a Regeneração Urbana é uma visão e uma ação compreensiva e integrada que conduz à resolução de problemas urbanos e que busca o melhoramento das condições económicas, físicas, sociais e ambientais de uma área que foi alvo de intervenção.*¹⁰

A ideia de integração é consensual no que diz respeito ao conceito de Regeneração Urbana, tendo uma presença recorrente na definição do conceito feita por vários autores. Segundo Mendes, o conceito de integração surge associada a outros valores que são intrínsecos a este processo, nomeadamente, a flexibilidade, sustentabilidade/resiliência, estratégia e abrangência.

O mesmo autor refere ainda que o princípio de integração constitui uma peça essencial no sucesso da intervenção sobre o território pois implica, de um ponto de vista programático, a relação entre os vários agentes envolvidos no processo e, por conseguinte, uma abordagem essencialmente estratégica de intervenção.

¹⁰ Tradução livre da autora. Do original: *Urban regeneration is a comprehensive and integrated vision and action which leads to the resolution of urban problems and which seeks to bring about a lasting improvements in the economic, physical, social and environmental condition of an area that has been subject to change.* (ROBERTS, SYKES, 2000, p. 17)

A importância de uma abordagem estratégica no processo de intervenção é referida como a ferramenta base que permite promover uma valorização crescente de um território outrora obsoleto, ao estabelecer uma relação próspera entre três vetores- físico (o território), social (os habitantes) e económico (as atividades geradas por este processo).

Esta relação estabelece-se numa perspetiva de continuidade, a médio e a longo prazo, graças aos valores de flexibilidade e resiliência acima referidos. Estes valores derivam da capacidade de constante adaptação da intervenção de acordo com os cenários que vão surgindo ao longo do processo sem comprometer, contudo, a eficácia e o objetivo da estratégia inicialmente traçada.

Portanto, a Regeneração Urbana enquanto intervenção multidisciplinar, abrangente e que visa o melhoramento das condições sociais, económicas e ambientais do território a intervir, revela-se uma estratégia premente na proposta de reintegração de Marvila, especialmente, na zona adjacente à Estação do Braço de Prata sobre a qual se debruça este trabalho.

MARVILA, DA CENTRALIDADE À FRAGMENTAÇÃO URBANA

Contextualização histórica e social

(...) Marvila apresenta-se ao breve olhar como um território inóspito, desconexo, descontínuo. Ao olhar semi-serrado, revela-se fluida, cheia de altos e baixos, descoloridos e contrastes. (...) Marvila é um desses lugares que carregam o peso de serem periferia dentro de cidade.¹¹

De modo a intervir num contexto urbano tão complexo como Marvila é necessário analisar o seu desenvolvimento no plano social e urbano que conduziu à essência predominantemente heterodoxa deste território

Originariamente, Marvila caracterizava-se pela sua matriz predominantemente rural e de uso agrícola. Na segunda metade do século XIX e, transversalmente ao longo da primeira metade do séc. XX, o crescimento da Lisboa oriental assenta sobre um processo de industrialização, delegando para o passado a sua essência rural. A construção da linha férrea que permitia a ligação da cidade Leste-Norte, em 1856, o porto e a localização de indústrias como a Fábrica de Sabões, do Material de Guerra ou de companhias como a Abel Pereira da Fonseca permitiu que Marvila emergisse como um importante centro industrial e a uma consequente concentração populacional, maioritariamente de cariz operário, que se instalara adjuvante aos respetivos locais de trabalho.



Fig. 6 | Passagem de nível da Linha do Norte
Marvila (1940)

¹¹ CAEIRO, M.J, *Lisboa capital do nada – Marvila, 2001- criar, debater, intervir no espaço público*, Almedina, Lisboa 2007.

Estes fatores constituem peças fundamentais para a compreensão do território, tendo em conta que a grande concentração da indústria e de famílias operárias originaram especificidades nas dinâmicas sociais e na relação dos mesmos com a cidade a qual foi palco do processo de socialização e integração urbana destas populações migrantes.

Desta forma, a proximidade entre a casa e a fábrica surge como um denominador comum que determina os ritmos e formas de apropriação do espaço e a sua consequente construção identitária através da memória coletiva (MAGRI; TOPALOV, 1989).

Nas décadas de 80 e 90, um novo ciclo se inicia, o declínio industrial de Lisboa leva à desindustrialização do centro da cidade, à realocação da indústria para as periferias, fenómeno impactante nas zonas tradicionalmente afetadas a uma atividade produtiva, como é o caso do território em análise. A reconfiguração demográfica e do território surgem como resultantes destes fatores, nomeadamente, através da desagregação da estrutura dos solos - industrial, comercial e residencial (BARATA SALGUEIRO, 2001).

Anteriormente, Marvila marcava posição entre a Baixa, a “zona de transição” e os núcleos suburbanos industriais mais distantes. Agora, a sua posição na metrópole joga-se entre o Parque das Nações e a Baixa, entre Chelas e o porto de Lisboa e o Tejo. No seio deste mosaico urbano jaz uma condição de *relativa invisibilidade urbana*, decorrente do processo de desestruturação das dinâmicas sociais que pontuavam as relações entre esses espaços, os seus residentes e a cidade (BAPTISTA; NUNES, 2010).

Podemos constatar a heterogeneidade do tecido urbano em presença, que podemos facilmente identificar e sintetizar em duas escalas distintas, a escala industrial que comporta os grandes quarteirões de armazéns e indústrias, e uma escala doméstica de habitação que, em pequenos aglomerados, se encontram em descontinuidade uns dos outros.

Sumariamente, o desenvolvimento de Marvila foi definida, inicialmente, pelas vias que ligavam os conventos e palácios que usufruíam de uma ligação próxima com o rio, e que se adaptavam à geografia local, posteriormente os seus limites foram sucessivamente alterados, com a implantação de novas acessibilidades como a Doca do Poço do Bispo, e a linha-férrea e a Av. Infante D. Henrique, que desempenharam um papel fundamental para a instalação das unidades fabris, e os grandes quarteirões de armazéns.

Atualmente, face a uma consciencialização da importância desta zona da cidade, têm surgido planos de intervenção sobre este território, como é exemplo mais recente, o plano diretor municipal de Lisboa (2012) que procura a integração do edificado industrial e alguns aglomerados habitacionais através da requalificação de espaços urbanos, criação de espaços verdes, infraestruturas e equipamentos urbanos que sejam atrativos para a fixação do sector terciário nesta zona da cidade.

Apesar de todos os esforços é, ainda, visível a desconexão em relação ao resto da cidade. Conclui-se que as vias que despoletaram a desintegração do território são hoje em dia, fator de centralidade no contexto da cidade de Lisboa, tornando-a uma zona apetecível de valorização e desenvolvimento e, por conseguinte, prioritária face a uma concretização de estratégia de regeneração urbana que conduza, a longo prazo, à sustentabilidade económica, social e cultural deste território.

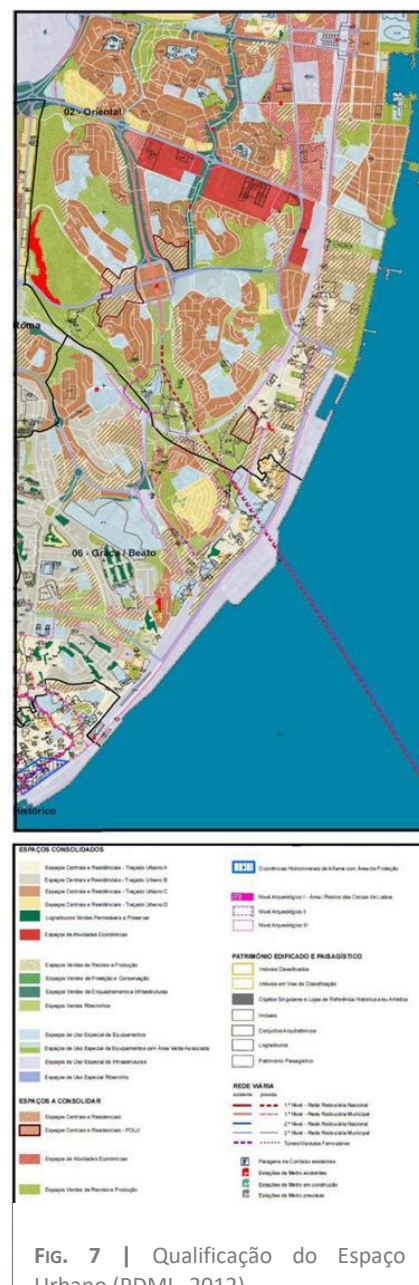


FIG. 7 | Qualificação do Espaço Urbano (PDML, 2012)

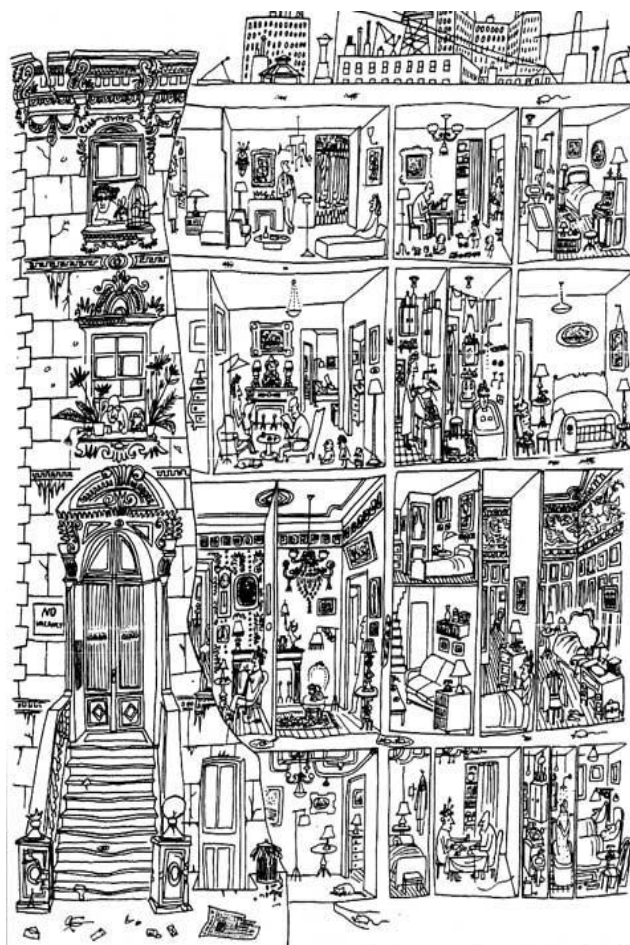


FIG. 8 | O VACANCY. SAUL STEINBERG (LONDRES, 1952)

*A habitação é uma unidade funcional onde a organização responde às normas culturais da sociedade e da época. A organização interna da habitação traduz as normas culturais dominantes, mas é, também, fruto de uma evolução histórica.*¹²

¹² Tradução livre da autora. Do original: *Le logement est une unité fonctionnelle où l'organisation de l'espace répond aux normes culturelles de la société et de l'époque. L'organisation interne du logement traduit les normes culturelles dominantes, mais est aussi le fruit d'une évolution historique.* CHOAY, Françoise; MARLIN, Pierre. *Dictionnaire de L'Urbanisme et de L'Aménagement*. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.

A CASA COMO REFLEXO DA ESTRUTURA SOCIAL

A importância do modelo de família na evolução da habitação

*(...) spacial configuration seems to be almost a projective representation of the social structure.*¹³

A evolução da habitação sempre esteve associada à evolução da composição familiar que, por sua vez, determina a mudança do paradigma da estrutura social vigente. Posto isto, é possível traçar um paralelismo em termos evolutivos entre o modelo de família e habitação, pois as mudanças sociais implicam, necessariamente, mudanças nas formas de habitar o espaço gerando, por conseguinte, novas tipologias de habitação. Podemos constatar esta relação de simbiose ao perspetivar historicamente a evolução de ambas as variáveis.

O conceito de família surge, inicialmente como uma relação de dependência, nomeadamente ao longo da Idade Média, tendo como estrutura social hegemónica o feudalismo, na qual a família dependia de um senhor. (SARTI, 2001) A vida familiar da Idade Média caracterizava-se por uma grande expansividade relativamente aos membros que habitavam a casa, pois o conceito do íntimo e do privado nasce posteriormente.

¹³ Esta observação surge no contexto das observações feitas nas sociedades primitivas, a partir da qual Lévi-Strauss conclui que existe uma clara relação entre ordem espacial e estrutura social, sendo o espaço o suporte das projeções externas de cada um. (Registado em: LÉVI-STRAUSS, Claude, *Structural Anthropology*, Volume 1.USA: Basic Books, 1963, p. 292).



FIG. 9 | PORTRAIT OF FAMILY PLAYING MUSIC.
PIETER DE HOOCH, 1663

Especialmente, este modelo familiar significava que, contrariamente ao modelo atual, na casa medieval, as atividades domésticas desenrolavam-se todas no mesmo espaço, fazendo com que a casa fosse, no seu todo, de domínio público e dotada de uma grande ambiguidade de usos devido à sobreposição de valências do habitar e do trabalho.

(...) the idea of associating any specialized function with individual rooms had not yet occurred to them. There were no dining rooms, for instance. Tables were demountable, and people ate in different parts of the house.¹⁴



FIG. 10 | O QUARTO
PIETER DE HOOCH., 1658-1660

Com o fim da Idade Média e a ascensão de uma classe burguesa, surge a noção de conforto que despoleta a crescente especialização do espaço doméstico. A partir do séc. XVIII as mudanças são evidentes, existindo a privatização dos espaços através da separação do domínio do trabalho e da habitação, caminha-se para uma segmentação e especialização da casa assim como a progressiva redução do núcleo familiar. A separação dos espaços dedicados ao trabalho e à vida doméstica é determinante para a consagração do privado e da intimidade familiar, conceitos até então praticamente inexistentes (Rybczynsky, 2001).

A domesticidade, a intimidade, o conforto, o conceito de casa e a família são, literalmente, grandes conquistas da Era Burguesa¹⁵

¹⁴ RYBCZYNSKY, Witold. *Home: A Short Story of an Idea*. Londres: Pocket Books, 2001, p. 42-44.

¹⁵ Tradução livre da autora. Do original: *La domesticidad, la intimidad, el confort, el concepto del hogar y de la familia son, literalmente, grandes logros dela Era Burguesa*. Citação de John Lukacs na sua obra *O interior Burguês*, Registrada em: RYBCZYNSKI, Witold. *La Casa: historia de una idea*. Madrid: Nerea, 1989, p. 61.

O modelo familiar altera-se a partir do séc. XIX, as famílias contemporâneas resultam do processo de individualização que começa a inscrever-se na esfera política com a Revolução Francesa¹⁶ e associado à individualização sedimenta-se a noção de privacidade¹⁷ que encara, definitivamente, a habitação como o domínio do privado. A organização interna da habitação do séc. XIX é marcada pela dicotomia público e privado, íntimo e social que se prolonga ao longo do tempo refletindo-se, ainda hoje, nas tipologias de habitação corrente.

No início do séc. XX, a habitação entrou em debate pela necessidade de sua produção massificada para a classe trabalhadora que se instalara nas zonas urbanas, provenientes das zonas rurais devido ao processo de industrialização. O crescimento populacional exponencial que conduziu a um processo de urbanização espontâneo e habitação precária. Do ponto de vista social- com a mudança do papel da mulher na casa e com um aumento de co-habitação em detrimento do matrimónio- o modelo familiar sofre grandes transformações, não só relativamente à estrutura, mas também no seu sistema de relações.

A necessidade de construção de habitação em massa despoletou uma reflexão mais exaustiva sobre formas e necessidades associadas ao habitar, patentes nas investigações *Time and Motion* de Willem van Tijen na Holanda e a *Cozinha de Frankfurt* por Grete Schütte-Lihotzky na Alemanha.



Fig. 11 | Just What Was It That Made Yesterday's Homes So Different So Appealing. Richard Hamilton em Kunsthalle Tubigen, 1956



Fig. 12 | Fotografia da Cozinha de Frankfurt. Grete Schütte-Lihotzky, 1926

¹⁶ SINGLY, François de. *Sociologia da Família Contemporânea*. Lisboa: Edições Texto e Grafia, Lda, 2011, p. 11.

¹⁷ A noção de privacidade surge no séc. XVIII, mas é com a publicação do artigo *The right to be let alone* de Louis Brandeis e Samuel Warren em 1890 nos E.U.A. que inicia o debate em torno da legitimação deste conceito como um direito mais tarde consagrado no art. 12º da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948).

Mies Van der Rohe defende uma necessidade de *criar ordem a partir da desesperada confusão do nosso tempo*¹⁸, ilustrando a organização do espaço segundo uma ordem, sistematização, padronização e racionalização do mesmo.

Deste modo, durante o século XX, uma das agendas da arquitetura relativamente à habitação consistia na sua redução espacial através da diminuição do número de dependências. O resultado deste processo foi uma reinterpretação da casa enquanto ideia de núcleo como agente estruturante da casa, tendo como base a premissa de simplificação das vivências domésticas através da introdução de novas variáveis enquadradas num pensamento da produção de habitação para o *Homem-Moderno* (RAMOS, 2010).

O processo de simplificação da casa teve como origem a influência da cultura anglo-saxónica através da progressiva unificação entre espaços de entrada e de estar, determinando a organização da casa- *central living hall*- segundo um espaço central polarizador de todas as dinâmicas associadas à mesma. Este espaço permitia não só uma abertura do sistema de circulação da casa como servia como o espaço de transição entre o interior e o exterior, ganhando rapidamente protagonismo como espaço vital da vida doméstica.

Esta noção de centralidade na habitação é proposta inicialmente como o paradigma da eficiência doméstica divulgado pelos estudos pioneiros de Catherine Beecher (1800-1878) e de Harriet Beecher Stowe (1811-1896) que resultaram no protótipo da *Casa Eficiente* (1869), assente no conceito de planta regida por um *central core*, permitindo a instalação de diversos equipamentos para uma maior eficácia das atividades do quotidiano.

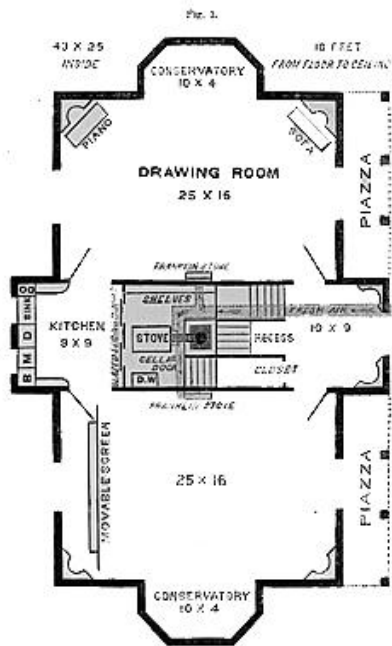


Fig. 13 | Casa Eficiente.
CATHERINE BEECHER, HARRIET B. STOWE, 1869

¹⁸ Citação registada em: VENTURI, Robert. *Complexidade e contradição em Arquitetura*. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996

A mesma ideia é, posteriormente, materializada por Frank Lloyd Wright através da introdução do mesmo núcleo funcional inserida numa lógica de planta cruciforme. Na casa Ward W. Willits, o centro é ocupado por um núcleo funcional que serve, metaforicamente, como motor da casa a partir da agregação da lareira, mobiliário, infraestruturas e cozinha, libertando o espaço envolvente para apropriação.

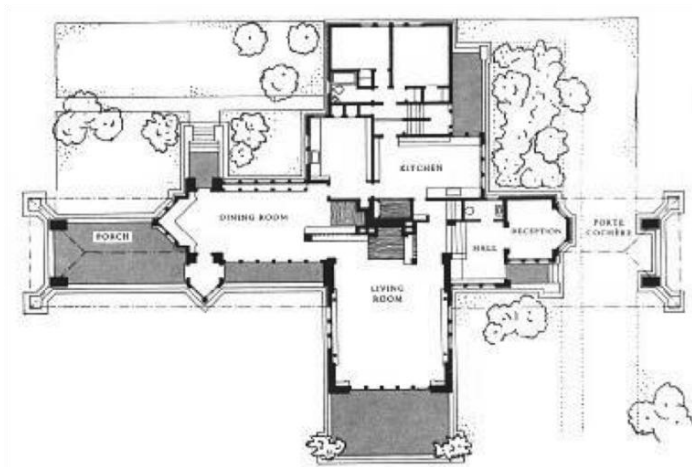


FIG. 14 | CASA WARD W. WILLITS.
FRANK LLOYD WRIGHT, 1901 (HIGHLAND PARK, ILLINOIS, EUA).

Contudo, apesar do Movimento Moderno estar, muitas vezes, associado a um encerramento gerado pela extrema especialização e redução dos espaços, o contexto de experimentação e investigação sobre a habitação levada a cabo neste período, permitiu a reinterpretação do elemento central. Neste sentido, surgiu uma abordagem distinta da conceção da habitação através dos argumentos da fachada livre, da infraestrutura centralizada num núcleo e a consequente libertação do espaço envolvente, culminando na noção de *open space* (RAMOS, 2010).

O *open space* permitiu redefinir a separação entre zonas de circulação e zonas de estar. A Rogers House (1968) da dupla Richard e Su Rogers assume-se como exemplo extremo deste conceito, concentrando num só espaço as atividades domésticas de estar, comer e cozinhar, ambicionando uma abordagem do espaço mais polivalente.

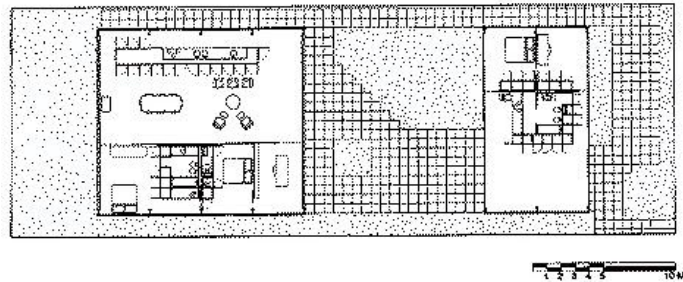


FIG. 15 | CASA ROGERS.
Richard e Su Rogers (1968-69)

Esta série de premissas conduziram, numa fase tardia do Modernismo, ao surgimento de uma nova forma de conceção espacial, que marca um período de um certo distanciamento aos princípios Modernos da primeira metade do século XX para um momento de transição e de uma reinterpretação dos mesmos, permitindo criar pistas para o estudo de novas tipologias de habitação que respondessem, de outra forma, às exigências de uma nova forma de habitar.

Neste contexto, a noção de flexibilidade dá os seus primeiros passos, apregoando uma continuidade espacial que promova um conjunto de lugares para a vida doméstica que se abre a uma multiplicidade de atividades que permite, quer a ação coletiva, quer a ação individual, (...) *A casa é então um contendor de múltiplas funções e atividades que já não encontram uma definição rígida baseada na compartimentação, mas num espaço que se pretende fortemente contínuo e fluído, de acordo com os habitantes e a sua idade, a época ou a circunstância.*¹⁹

¹⁹ RAMOS, Rui Jorge Garcia. *A Casa- Arquitetura e Projeto Doméstico na Primeira Metade do Século XX Português*. 1ªEd. Porto: FAUP Publicações, 2010, p. 534

Outros arquitetos como Charles Eames, Aldo Van Eyck, Eileen Grey²⁰ ou Gerrit Rietveld representam o questionamento da ortodoxia do *International Style*, procurando uma reconsideração do Homem, das suas vivências quotidianas como alicerces de pensamento de projeto rumo a uma maior flexibilidade espacial. Um dos exemplos paradigmáticos desta abordagem neste período é a Casa Schroeder (1924) em Utrecht resultante da colaboração entre Rietveld e a cliente.



FIG. 16 | Planta do piso 0 - Casa Schroder.

Gerrit Rietveld (1924)

Nesta casa está patente a flexibilidade enquanto valor de conceção espacial numa lógica de alteração da configuração do espaço através da criação de um sistema de paredes divisórias deslizantes que possibilitassem uma diferente configuração das mesmas assim como, uma libertação total do espaço.

²⁰ Em relação ao conceito de casa enquanto *máquina de habitar* defendido por Le Corbusier, Eileen Gray contrapõe afirmando: *A casa não é uma máquina de habitar. É um refúgio do Homem, a sua extensão, a sua libertação, a sua emancipação espiritual* (Do original: *A house is not a machine to live in. It is a shell of man, his extension, his release, his spiritual emancipation*). Revelando, desta forma, uma abordagem do espaço doméstico segundo a ótica do habitante enquanto agente “apropriador” do espaço. (Registado em KRONENBURG, Robert, *Modern Architecture and the Flexible Dwelling*. in *Living in Motion- Design and architecture for flexible dwelling*. Vitra Design Museum, 2002, p. 18- 33.)

Na segunda metade do século XX, com o advento do Pós-Modernismo, surge uma nova abordagem às problemáticas do funcionalismo da habitação Moderna, Bill Hillier aponta que apesar desta estrutura oferecer, aparentemente, a solução mais clara e simples do que o espaço doméstico deve ser, falha no que diz respeito à abordagem do espaço como uma variável cultural, devendo ser concebido de forma a transmitir uma significação e traduzir um conjunto de códigos- *space-code*²¹- como resistência à destruição da diversidade das práticas sociais rumo a uma uniformização das tipologias de habitação produzidas²².

*It's [Modern Housing] only serious disadvantage is that it completely fails to account for the findings of the ethnographic studies of domestic space organisation which spaces features (...) ways as a means of social and cultural identification (...) spaces encodes and transmits social meaning*²³

Este período corresponde a uma fase de análise e crítica da habitação que pretende responder a uma emergência de valores presentes numa forte contestação do Movimento Moderno. Esta nova abordagem da conceção do espaço doméstico vai conduzir a uma nova reflexão, já no século XXI, sobre as necessidades da casa contemporânea.

²¹ HANSON, Julianne; HILLIER, Bill. *Domestic Space Organisation*. In *Arch. & Behaviour*, nº1, 1982, p.6

²² *More awareness of these strong cultural factors in domestic space would seem to be required if design guidance is not, unwittingly, to obliterate the richness and diversity of "social" practice in favour of a spurious "biological" uniformity. (registado em: HANSON, Julianne; HILLIER, Bill. Domestic Space Organisation. In Arch. & Behaviour, nº1, 1982, p.6)*

²³ HANSON, Julianne; HILLIER, Bill. *Domestic Space Organisation*, in *Arch. & Behaviour*, nº1, 1982, p5-25

A CASA CONTEMPORÂNEA COMO CASA COMPLEXA²⁴

Uma reflexão sobre as novas dinâmicas sociais
como condicionante da concepção da habitação

O séc. XXI caracteriza-se como um período de transição e ambivalência. Por um lado, a herança da habitação Moderna que já não responde às novas formas de habitar, por outro, a capacidade de reflexão e análise das necessidades que partem de um novo contexto social complexo e diversificado, caracterizado por uma extensão e banalização da monoparentalidade e a recomposição familiar tendo, como consequência, a busca por um novo modelo de habitação (LÉGER; PANNIER, 2005).

O determinismo defendido pelo movimento Moderno assenta numa visão *behaviourista*²⁵ do espaço, *i.e.* a concepção da habitação é feita segundo uma lógica unilateral entre forma-função, na qual espaços funcionalmente pré-determinados conduzem a comportamentos igualmente determinados.

²⁴ O termo *Casa Complexa* é usado por Garcia Ramos para descrever uma tipologia de habitação que, simultaneamente, promove uma simplificação do espaço sem ser castradora das vivências inerentes à casa, deixando a oportunidade de apropriação, como refere (...) *uma casa “complexa” que assume o compromisso de simplificar o espaço sem ser redutora da experiência de vida.*

²⁵ *Behaviourism* corresponde ao estudo das ações humanas defendendo que qualquer ação se pode traduzir num comportamento. À luz de uma perspetiva arquitetónica significa que, o comportamento de cada indivíduo é a resultante dos estímulos do ambiente em que vive. in (WEITEN, Weyne, *Psychology: Themes and Variations*, Wadsworth, Cengage Learning, 2007, p. 8).

Por oposição, outros autores defendem que a habitação é o espaço, por excelência, de representação de um conjunto de códigos sociais e culturais, sendo dependente de um código de comportamento.

Para que tal se concretize implica que, tanto os objetos que compõe a habitação como o padrão de atividades que nela decorrem estejam interligados. Deste modo, o fracasso do discurso determinista de pensar o espaço enquanto gerador de vivências é apontado como causa das problemáticas inerentes à tipologia de habitação corrente.

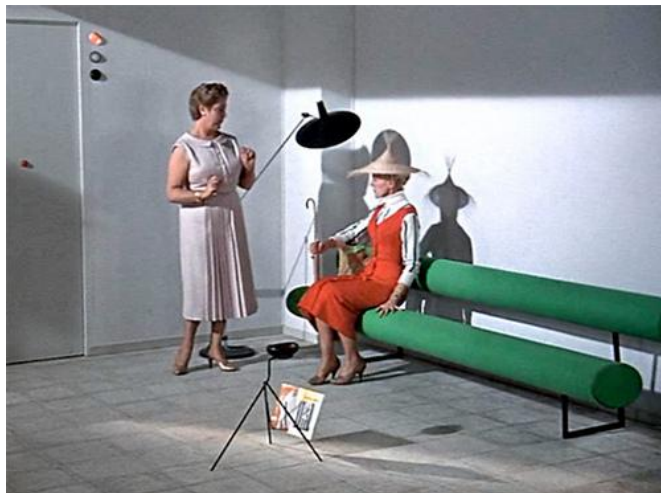


FIG. 17 | Frames do filme *Mon Oncle* (1958) de Jacques Tati. Ilustra o contraste entre a rigidez espacial imposta pelo determinismo da habitação Moderna em oposição à espontaneidade de apropriação que caracteriza uma espacialidade mais aberta, menos condicionada.

Apesar das críticas tecidas ao Modernismo, a sua visão está ainda extremamente presente na abordagem que fazemos do espaço. Neste sentido, é possível constatar que a conjuntura que enquadra a arquitetura contemporânea é de uma forte dicotomia. Por um lado, a produção de habitação em linha com as premissas de universalidade e rigidez tipicamente modernas e, por outro lado, o reconhecimento da desadequação desses critérios na concepção da habitação face as necessidades e exigências da vida contemporânea.

Assim, o determinismo na arquitetura é uma variável essencial na concepção da habitação contemporânea pois, a mudança dos padrões sociais implicam transformações de várias ordens. A casa, enquanto cenário de representação social, deve evoluir paralelamente com essas mesmas transformações.

A configuração espacial tem a capacidade de criar ou eliminar vivências, na medida em que potencia a concentração e o encontro que pode ser mais denso ou disperso, previsível ou imprevisível dependendo do nível de inteligibilidade que o espaço apresenta. Estas relações são sistémicas (BURDETT; HILLIER; PENN, 1987).

Esta abertura dada pelos autores relativa às dinâmicas que podem decorrer no espaço consoante a sua *forma*, sugerem uma abordagem possível que permite a concepção da casa segundo uma lógica mais aberta que suporte as diferentes dinâmicas internas, servindo como mote para uma perspetiva de gerar um espaço mais flexível, mais adaptável.

Esta ideia é reforçada por Hertzberger ao refletir sobre a necessidade da arquitetura e, em especial, da habitação do futuro quando refere que *a arquitetura do futuro terá que prestar mais atenção às pessoas para as quais foi inicialmente concebida (...) Todas as pessoas precisam de um espaço para colocar os seus itens pessoais e para o arquiteto isso significa que ele tem que criar a condição.*²⁶

Portanto, o espaço tem que “se permitir” à apropriação de forma a que se estabeleçam um sistema de relações efetivo entre o utilizador e o espaço utilizado. Este processo de apropriação pressupõe que o espaço disponha de mecanismos que permitam receber o conjunto de objetos que fazem parte do espaço *mental-space*.

No caso específico da casa contemporânea, o processo descrito anteriormente, tem que ocorrer de várias formas, respondendo à especificidade da noção de domesticidade por parte de indivíduos distintos que corresponde a um conjunto de expectativas diversas em relação a um mesmo espaço.

Tendo em conta o paralelismo entre estrutura familiar e configuração espacial visível ao longo da história da arquitetura, é constatável a necessidade de reformulação tipológica da habitação.

²⁶Tradução livre da autora. Do original: *(..) the architecture of the future will have to pay more attention to the people for whom it was initially conceived (...) every person needs a place to store their personal items and for the architect that means he has to create the condition.* (Registado em HERTZBERGER, Herman, *Architecture of the Future*, Naio10 publishers, Roterdão, 2013, p.55

(...) a habitação deixou de ser uma unidade estanque e funcional dentro de um sistema coletivo, para se transformar num reduto para a experiência da nossa singularidade. É preciso idealizar outras tipologias que incorporam novos âmbitos de intimidade para o indivíduo, assim como novas formas de convivência mais permeáveis e mais ambíguas que irão sugerir novas formas que atualmente se concebem como imutáveis.²⁷

Sob este contexto, o processo de reformulação na casa contemporânea passa pela mudança para uma lógica de hierarquia relativa em que cada espaço tem a sua própria centralidade devido à sua interdependência, possibilitando estabelecer um sistema de relações múltiplas.

Neste processo, o compartimento que perde protagonismo é a sala, anteriormente espaço central da casa e de convívio familiar, atualmente torna-se obsoleto devido à incompatibilidade dos horários dos usuários e uma crescente individualização do tempo de lazer, de atividades e de interesses. Assim, o quarto assume o protagonismo anteriormente atribuído à sala sendo, simultaneamente, lugar de ócio, trabalho e lazer.

A cozinha é a única que apresenta uma inércia às mudanças que ocorrem na habitação ao longo do tempo, na medida em que este espaço é uma zona servidora e não servida, sendo elemento comum e que vincula todos os residentes da mesma casa.

Assim sendo, a cozinha apresenta-se como o único espaço verdadeiramente partilhado, apesar de uma crescente complexidade dos horários laborais e uma valorização cada vez maior dos tempos livres, a cozinha continua a ser, ainda nos dias de hoje, um elemento polarizador da casa, atuando como reminiscência da domesticidade e, portanto, da noção de lar.²⁸

²⁷ PARICIO, Ignacio; SUST, Xavier. *La Vivienda Contemporânea: Programa y Tecnología*. Barcelona: ITEC, 1998, p.66.

²⁸ Op cit. p. 46

A discrepância entre a complexidade que caracteriza a malha social em presença e a habitação corrente disponível no mercado levanta um conjunto de questões a ter em conta no momento de conceção da habitação, nomeadamente, quais as premissas que definem a tipologia²⁹ de habitação contemporânea e, por outro lado, se essa definição é alcançável tendo em conta a complexidade e imprevisibilidade do contexto social onde se insere.



FIG. 18 | *What is a house?*
Charles Eames, 1944

²⁹ O termo empregado refere-se ao conceito de *Tipo*, originalmente desenvolvido por Quatremère De Quincy na primeira metade do séc. XIX e, posteriormente, recuperada e reinterpretada por Giulio Carlo Argan em meados da década de 80 do século passado com a publicação do artigo *Sobre el concepto de Tipología Arquitectónica*, no qual refere (...) *a palavra tipo não representa tanto a imagem de uma coisa a copiar ou a imitar perfeitamente, mas sim a ideia de um elemento que, por si mesmo, deve servir de regra ou modelo.*

A flexibilidade como resposta a novas formas de habitar

*Flexibilidade e adaptabilidade são palavras chave para a abordagem do desenho para o imprevisível.*³⁰

Analisando o paradigma social vigente, a citação de Leupen responde, em parte às questões levantadas anteriormente, na medida em que o conceito de flexibilidade é apontado por vários autores³¹ como uma solução mais adequada para a conceção da casa.

Este conceito tem como premissas a sobreposição funcional assim como a sustentabilidade. O primeiro caso, surge como resultado da diversidade e complexidade de relações que emergem das diferentes apropriações do espaço.

A sobreposição de usos assume-se como uma valência determinante para a capacidade de adaptação espacial, já que a quantidade de associações distintas entre os diferentes espaços determina a multiplicidade de relações que se podem estabelecer entre si.

³⁰ Tradução livre da autora. Do original: *Flexibility and changeability are key words for the approach of the design for the unpredictable*. LEUPEN, Bernard, *Frame and Generic Space*, 010 Publishers, Roterdão, 2006, p.2.

³¹ Entre as vozes mais preponderantes que defendem o conceito de flexibilidade e adaptabilidade como uma abordagem viável à conceção de habitação para a contemporaneidade destacam-se Bernard Leupen, Jeremy Till & Tatjana Schneider, Herman Hertzberger assim como, Xavier Monteys que desenvolve uma reflexão sobre as diversas problemáticas inerentes à habitação contemporânea, nomeadamente a questão da adaptabilidade no contexto do trabalho desenvolvido pelo grupo *ReHabitat* da Universidad Politecnica da Cataluña.

A ausência desta valência indica uma precariedade relativamente às relações de interdependência entre compartimentos da habitação, sendo este sistema de relações em árvore caracterizador da organização com base na especialização funcional patente na habitação Moderna, como demonstram os seguintes exemplos postos em comparação como ferramenta de análise das relações entre os vários espaços³²

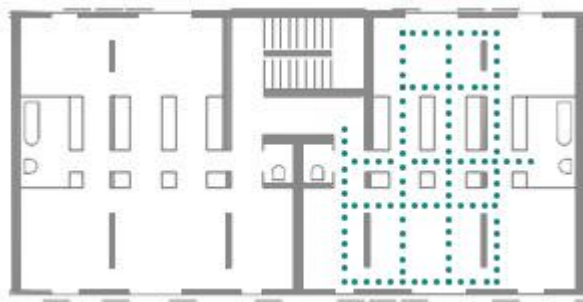


FIG. 19 | Circulação de um fogo tipo do bloco de habitação social em Graz da autoria de Riegler & Riewe, 1994. Esquema da autora.

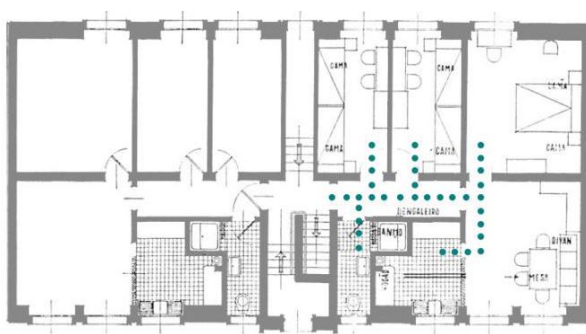


FIG. 20 | Circulação de um fogo tipo das casas de renda económica do processo de urbanização do Bairro de Alvalade, Miguel Jacobetty Rosa, 1945. Esquema da autora.

³²Jacobetty apresenta no Congresso de Arquitetos Portugueses em 1948, um conjunto de tipologias de habitação inseridas no plano urbano realizado por Faria da Costa para o Bairro de Alvalade- que se regiam por princípios de racionalismo e funcionalismo da conceção do espaço. O mesmo fora concebido tendo funções e vivências essenciais da habitação. Cozinhar- Comer; Trabalhar- Repousar; Dormir; Lavar-se. O afastamento desta tipologia de habitação de uma unidade flexível é reforçada por Jacobetty pelo cuidado de reduzir a sobreposição de usos ao referir, *que se as linhas destes percursos se intercetarem — o que significa que os compartimentos afins não estão agrupados, — poderá resultar daí embaraço para a vida doméstica e certamente dificultará uma boa utilização simultânea de todas as dependências.* (Registado em: *Grandes Problemas de Lisboa, A Construção de Casas de Renda Económica. Revista Municipal*, Lisboa: CML, nº 26, 3º trimestre, 1945.p.34)

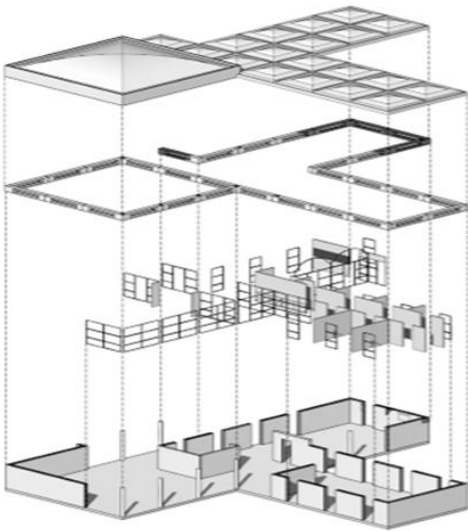


FIG. 21 | Decomposição de um edifício em camadas:
Estrutura (*Frame Space*) e
Compartimentação (*Generic Space*).
Orfanato, Aldo Van Eyck, Amsterdão,
1960

*The more precisely we are able to decide what requirements a dwelling should meet at the start of its life, the greater the likelihood of a discrepancy arising between the dwelling and its future use*³³

A citação anterior descreve a condição essencial para a capacidade de adaptação de um espaço, na medida, em que a flexibilidade surge desde a primeira fase de concepção, o que significa que a flexibilidade em arquitetura implica ter como ponto de partida não o variável mas o permanente. Espacialmente, esta noção corresponde ao esqueleto dentro do qual as mudanças ocorrem, i.e. o espaço permanente que serve de estrutura e que define a arquitetura por um longo período de tempo – *frame space*- serve como enquadramento de um outro espaço onde ocorre a mudança- *generic space*- caracterizado pela indefinição de uso, sendo passível de comportar diferentes categorias de variabilidade- a alterável e a polivalente.

³³ LEUPEN, Bernard, *Frame and Generic Space*, 010 Publishers, Roterdão, 2006, p,24

FLEXIBILIDADE ATIVA E FLEXIBILIDADE PASSIVA

O Alterável e o Polivalente como indutores de flexibilidade na habitação

Esta abordagem vai, em parte, ao encontro da definição de flexibilidade de Schneider e Till, os quais defendem que a capacidade de um espaço responder às constantes mudanças pode ser alcançável através de duas vias. Por um lado, através da noção de determinismo- *determinancy*. Neste caso, o termo usado não detém o mesmo valor de rigidez funcional que apresenta na ótica da habitação moderna, mas antes para caracterizar o recurso à tecnologia para conceção do espaço.

Esta estratégia corresponde à noção anteriormente referida por Leupen de espaço flexível alterável, na medida em que se entende pela capacidade de mudança física dos elementos construídos, através de mecanismos construtivos não fixos. Em confluência com esta descrição está a definição dada por Beisi ao caracterizar a flexibilidade como *o meio de colmatar as necessidades em constante mudança dos vários usuários num mesmo edifício dispondo dos meios que possibilitam essa operação, mais concretamente, a tecnologia construtiva e a gestão dos sistemas do edifício.*³⁴

A outra forma de flexibilidade prende-se com a noção de indeterminação- *indeterminancy*- sob a qual o espaço é concebido para albergar diferentes usos através da inexistência de uma hierarquia entre os espaços e a localização estratégica dos elementos de compartimentação e de serviço (SCHNEIDER; TILL, 2007).

³⁴ BEISI, Jia. *Adaptable Housing or Adaptable People?* In *Arch. & Behaviour*, vol. 11, nº2, 1995, p.140

Na verdade, esta estratégia corresponde à noção de espaço flexível polivalente dada por Leupen da qual está, igualmente, intrínseca a ambiguidade espacial, caracterizando-se essencialmente pela capacidade de um espaço suportar diferentes usos sem alteração significativa da sua configuração.

Monteys surge como um dos autores de referência defensores de uma flexibilidade apoiada numa *ambiguidade útil*. Espacialmente, este conceito possibilita uma maior abertura do uso dos espaços, sendo alcançável através da multiplicidade e alternância de percursos, da ausência de uma hierarquia dimensional e uma lógica de encadeamento entre os vários compartimentos, mais concretamente, através de espaços híbridos de transição que permitam um uso mais versátil da habitação.

*A ambiguidade válida promove uma flexibilidade útil (...) Sou mais pela riqueza de significado do que pela clareza de significado; pela função implícita, tanto quanto pela função explícita (...) Uma arquitetura válida evoca muitos níveis de significado e combinações de enfoque: o espaço arquitetónico e os seus elementos tornam-se legíveis e viáveis de muitas maneiras ao mesmo tempo.*³⁵

O conceito de ambiguidade surge associada ao conceito de polivalência como meio potenciador da multiplicidade de apropriações do espaço, independentemente dos constrangimentos tecnológicos que a habitação pode ou não contemplar.

³⁵ MONTEYS, Xavier, FUERTES, Pere, Casa Collage: Un ensayo sobre la arquitectura de la casa, Gustavo Gili S.A., Barcelona, 2001, p.50

Hertzberger introduz este tema com o intuito de tecer uma crítica à redução do conceito de flexibilidade à sua matriz mais óbvia associada à mudança de *layout* espacial, referindo que a abordagem construtiva deve partir do permanente que permita otimizar a capacidade do espaço se adaptar à mudança, minimizando alterações na sua configuração.

*A única abordagem construtiva para uma situação que está sujeita à mudança é uma forma que parta da própria mudança como fator permanente- isto é, como um dado essencialmente estático: uma forma que seja polivalente. Por outras palavras, uma forma que se preste a diversos usos sem que ela própria tenha de sofrer mudanças, de maneira que uma flexibilidade mínima possa produzir uma solução ótima.*³⁶

A complexidade e diversidade de interpretações associadas ao conceito de flexibilidade está patente na multiplicidade de estratégias que podem ser adotadas com o intuito de estabelecer um conjunto de princípios de desenho para a flexibilidade, nomeadamente, ao nível da dimensão espacial, centralização de zonas de serviço, a transição interior/exterior, espaços de articulação e a capacidade de expansão da habitação.

³⁶ HERTZBERGER, Herman, *Lições de Arquitetura*, Edições Martins Fontes, São Paulo, 2ª Edição, 1999, p.147.

DIMENSÃO ESPACIAL

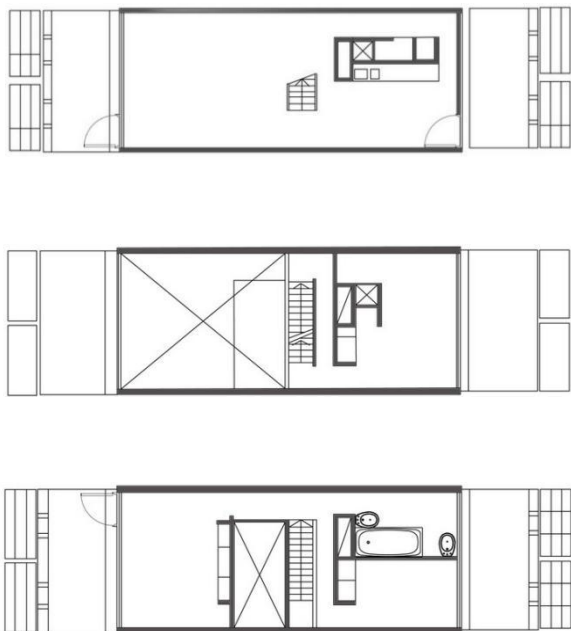


FIG. 22 | Fogo tipo da habitação social *Nemausus*
Plantas do Piso 0, 1 e 2
Jean Nouvel, Nîmes, 1987

No primeiro caso, o espaço é abordado do ponto de vista quantitativo, existindo uma relação entre a área útil e o grau de flexibilidade que o espaço oferece. Esta relação entre área útil e a flexibilidade está patente no estudo dos espaços mínimos da habitação levada a cabo pelo Movimento Moderno que, pela redução espacial e extrema compartimentação, conduziu a uma anulação da flexibilidade.

A dimensão de um espaço revela-se, desta forma, como uma variável crucial para o maior ou menor nível da sua capacidade de adaptação assim, o aumento da área útil surge como uma estratégia que contraria a especificidade funcional e permite a sua uma livre apropriação, citando Jean Nouvel, (...) *uma boa casa é uma casa grande, um bom compartimento é um grande compartimento*.³⁷

³⁷ Tradução livre da autora. Do original: *Un bon logement c'est un grand logement; une belle pièce c'est une grande pièce*. Descrição feita por Jean Nouvel para justificação da generosidade espacial conferida à obra de habitação social *Nemausus*, construído em 1987 na cidade francesa de Nîmes. Citação registada no documento descritivo do projeto elaborado pela *Mairie* de Nîmes. Documento integralmente disponível em: <http://www.nimes.fr/fileadmin/directions/culture/Nemausus.pdf> (última consulta a 18/05/2017).

O NÚCLEO

Outro princípio de desenho consiste em prever a possibilidade de multiplicidade de usos, através da compactação ao centro de circulações verticais e núcleos de serviço, permitindo uma disposição livre dos vários espaços em torno do núcleo principal.

Este princípio recupera a abordagem feita por Leupen relativa à distinção entre o fixo e o variável que está subjacente à centralização dos elementos permanentes da casa para libertar a totalidade da área remanescente para funções várias.

A criação de um módulo centralizado agregador das áreas húmidas e circulações verticais possibilita, igualmente, a otimização dos recursos pela minimização de ductos, uma maior eficiência das zonas de serviço e uma economia considerável de área útil ocupada por estes espaços.



FIG. 23 | Exemplo de organização em núcleo
Tipologia A - Habitação colectiva - 149 Rue des Suisses
HERZONG & De Meuron, Paris, 1990- 2000

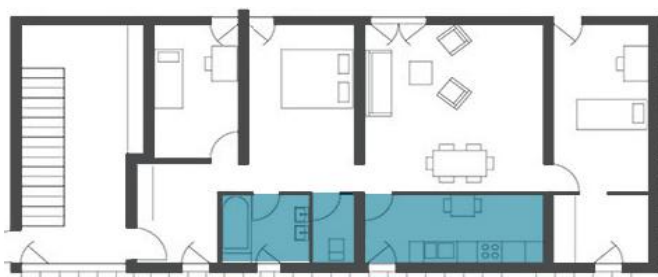


FIG. 24 | Exemplo de organização em “banda activa”
Tipologia B - Habitação colectiva - 149 Rue des Suisses
HERZONG & De Meuron, Paris, 1990- 2000



FIG. 25 | APARTAMENTOS SALUTE
Planta Tipo
HANS SCHAROUN, Estugarda, 1961- 1963

O sistema de articulação patente na casa desempenha um papel importante na indução da flexibilidade na habitação ao possibilitar uma grande diversidade de circulações alternativas. A comunicação entre os vários compartimentos pode ser privilegiada através da colocação de mais do que uma porta ou divisória de acesso ao mesmo espaço.

A abertura ou o encerramento destes dispositivos permite a interligação entre espaços que, à partida, estariam desconexos assim como conferir um maior ou menor grau de privacidade, como referem Monteys e Fuertes, (...) *o número de acessos, as portas interiores, a sua forma e uso, constituem um conjunto de dispositivos que é a expressão sofisticada da variedade de usos de uma casa.*³⁸

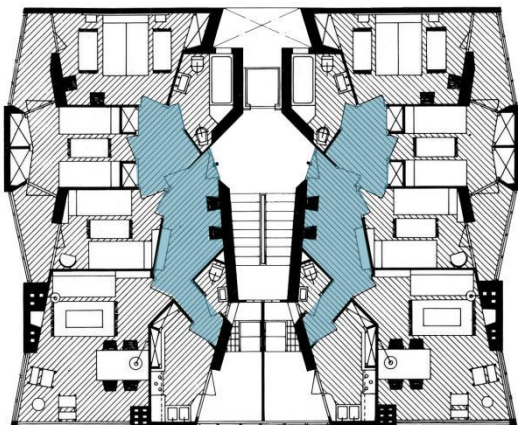


FIG. 26 | CASA DE LA MARINA
Josep Antoni Cordech, Barcelona, 1954

Esta possibilidade permite que o mesmo espaço possa servir para quarto ou sala de estar, consoante o nível de comunicação ou encerramento que lhe é atribuído por parte de quem o apropria. A articulação entre os vários compartimentos permite uma maior autonomia dos mesmos e enfatiza o carácter obsoleto do corredor como único espaço de circulação e distribuição na casa.

Numa lógica de maximização da flexibilidade, o corredor pode ser completamente eliminado e a circulação decorre entre compartimentos tornando-os não só espaços de estar, mas também de passagem (fig.25 e fig.26)

³⁸ MONTEYS, Xavier; FUERTES, Pere . *Casa Collage- Un essay sobre la Arquitectura de la Casa*. Barcelona: Gustavo Gili, 2001, p. 46.

Subjacente à ideia de circulação, podemos resgatar o corredor pela sua função de distribuição e repensá-lo como um espaço apropriável de carácter híbrido que, pelas suas características, se transformem em espaços de articulação e com usos distintos.

A reconfiguração destes espaços permite pôr em prática uma lógica de encadeamento no interior da casa, tornando-se mais do que uma zona de passagem e adicionando um sistema de inter-relações mais complexo e diversificado.

Esta solução está associada a uma certa arquitetura doméstica enquadrada por um modelo de sociedade que exigia a diferenciação entre as zonas de serviço e as zonas nobres da habitação. Esta diferenciação era conseguida através de uma entrada independente mantendo, no entanto, ligação com a restante habitação. (fig.27)

A mudança de uso deste tipo de solução sugere a criação de uma “casa dentro da casa”, ou seja, com o abandono do uso de serviço doméstico este compartimento é passível de ser usado como espaço de trabalho anexo à habitação.

Esta solução confere uma grande flexibilidade à casa ao permitir a compatibilização de usos distintos numa única unidade habitacional, possibilitando a articulação entre os espaços sem a sua reconfiguração.

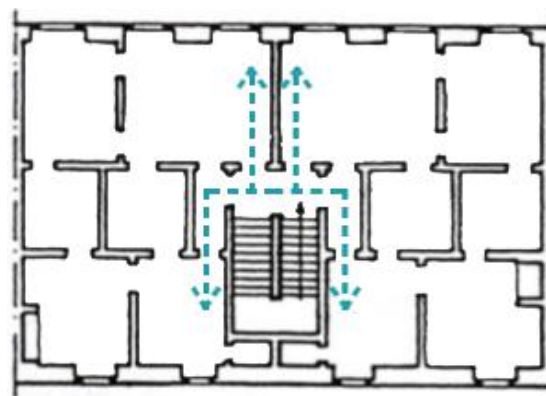


FIG. 27 | CASA POMBALINA
Registado em MASCARENHAS, Jorge, *Sistemas de Construção*, Lisboa: Livros Horizonte, 2003.
Esquema da autora.

ENTRADAS INDEPENDENTES NA HABITAÇÃO ———

EXTENSIBILIDADE

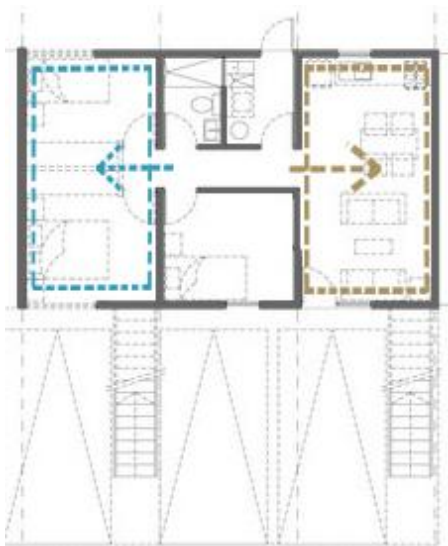


FIG. 28 | QUINTA MONROY
Planta tipo
Elemental, Chile, 2014
Esquema da autora



FIG. 29 | QUINTA MONROY
Corte tipo
Elemental, Chile, 2014
Esquema da autora

— EXTENSÃO DA TIPOLOGIA A
— EXTENSÃO DA TIPOLOGIA B

A extensibilidade como princípio de desenho deve estar presente tanto nos módulos de habitação como na organização do edifício enquanto um todo, na medida em que o nível de flexibilidade que se pode conceber na habitação é condicionado pelo sistema de agregação no qual está inserida.

Desta forma, os modos de agregação das tipologias de habitação devem ser pensados segundo uma lógica de módulos extensíveis que se conectam ou desconectam, quer verticalmente quer horizontalmente. Este conceito permite uma mudança de uso, permitindo uma maior flexibilidade. (fig.28)

Xavier Monteys refere a possibilidade de extensão da habitação em pisos distintos, abordando o conceito de casa descontínua, (...) *a casa descontínua é o resultado de querer imaginar um conjunto de espaços vinculados entre si pelas relações que se estabelecem entre os membros de uma mesma família. A casa é, então, um agrupamento de compartimentos que comportam uma série de serviços e espaços comuns*”³⁹

Em termos de organização interna da habitação, a disposição dos espaços em pisos diferentes permite uma grande autonomia a cada compartimento. Esta valência é potenciada se surgir associada a acessos exteriores à habitação independentes em cada piso, permitindo graus de privacidade e usos diferenciados que suportam hábitos quotidianos radicalmente distintos de um conjunto de utilizadores da mesma habitação. (fig.29)

³⁹ Grupo de Investigación Habitar – *Rehabitar (2) Habitaciones Satélite*, Ministerio de Vivienda, Madrid, 2010, p,23

Hertzberger aplica este conceito nas *Diagoon houses* ao conceber a habitação com base em dois núcleos fixos que atuam como suporte dos restantes compartimentos da casa que, por sua vez, estão separados por vários níveis. A diferenciação de cotas entre as unidades da casa permite atribuir diferentes funções e ampliar a habitação, caso necessário, de acordo com as necessidades de cada agregado familiar. Neste exemplo, a extensibilidade é a premissa de conceção espacial que resulta num *layout* inacabado *à priori*, sujeito a ser constantemente alterado.



FIG. 30 | DIAGOON HOUSES
Planta Piso 0, 1, 2 e Corte
Herman Hertzberger, Delft, 1967
Esquema da autora

OS ESPAÇOS *IN-BETWEEN*

A relação interior/exterior e público/privado na concepção da habitação

O sistema de acessos adquire importância no momento de concepção de uma habitação flexível, por se tratarem de espaços de fronteira entre a rua e a casa são, na sua essência, espaços ambíguos dotados de uma grande potencialidade de apropriação que, ao serem trabalhados como uma extensão de determinados compartimentos da habitação, permitem estabelecer relações urbanas mais ricas entre o espaço público e o espaço privado.

Do ponto de vista arquitetónico, a soleira representa a fronteira entre demarcações espaciais de ordem diferente sendo, essencialmente, um elemento de transição e diálogo entre a esfera pública e a privada.

O tratamento dos espaços adjacentes à soleira- os *espaços-intervalo* ou *in-between*⁴⁰- nomeadamente sob a forma de alpendres, pátios ou entradas, fomentam a criação de oportunidades de conexão entre mundos de ordem distinta, mas, simultaneamente, contíguos.

Voltando ao exemplo anteriormente estudado, das *Diagoon houses*, Hertzberger aplica este conceito através da criação de terraços adjacentes às habitações que pela sua forma e disposição convidam o utilizador a uma livre apropriação.

Neste exemplo, os terraços são construídos com muros de baixa altura e abertos parcialmente, podendo transformar-se na extensão da sala de estar, num jardim exterior ou num terraço totalmente privado consoante o maior ou menor encerramento que os utilizadores atribuírem ao espaço. (fig.31 e fig.32)

⁴⁰ HERTZBERGER, Herman, *Lições de Arquitetura*, Edições Martins Fontes, São Paulo, 2ª Edição, 1999, p.32

Neste caso, a chave da flexibilidade, é conceber o espaço, fornecendo um conjunto de incentivos que deixem em aberto as possibilidades de transformação consoante as necessidades de quem o habita.

Em suma, o que estes autores propõem é uma reformulação profunda do que é a tipologia de habitação patente nos princípios de desenho acima sugeridos. Este processo passa, necessariamente por repensar o que é o habitar numa lógica de vivências diversas. Em última instância, a conceção da habitação flexível procura perspetivar todos os espaços obsoletos da tipologia corrente como oportunidades de criar espaços significantes e apropriáveis que permitam dar resposta à diversidade de expectativas e modos de habitar que caracteriza a sociedade contemporânea.



FIG. 31 | PÁTIO DE ENTRADA
DIAGOON HOUSES
Herman Hertzberger, Delft, 1967



FIG. 32 | TERRAÇO DO PISO 2
DIAGOON HOUSES
Herman Hertzberger, Delft, 1967

3 O PROJETO

No capítulo III- O Projeto- é apresentado uma proposta de intervenção junto à Estação do Braço de Prata, em Marvila, como resultado da reflexão feita ao longo de todo o processo de investigação teórica.

Na primeira parte deste capítulo, a intervenção recai sobre uma escala mais alargada, a escala da cidade, através de uma análise urbana que permita identificar as especificidades do território, mais concretamente, as fragilidades que carecem de intervenção e as potencialidades como pontos a valorizar na estratégia urbana.

Na segunda parte, é apresentado a proposta arquitetónica, com especial foco nas tipologias de habitação para dar resposta às problemáticas levantadas, anteriormente, relativas à casa contemporânea.

Esta fase corresponde a uma escala mais aproximada, na qual se exploram um conjunto de princípios de conceção do espaço que permitam materializar o conceito de flexibilidade no interior da habitação e, por conseguinte, otimizar as suas possibilidades de apropriação.

CONTEXTUALIZAÇÃO

O contexto de intervenção localiza-se na zona oriental de Lisboa, junto à Estação ferroviária do Braço de Prata, em Marvila. A proposta urbana agrega três vazios urbanos contíguos, originários das operações urbanísticas e infraestruturais que ocorreram no território.

A intervenção é delimitada, em toda a sua extensão, a Norte pelo prolongamento da Rua Telhar aos Olivais, a Poente pela linha ferroviária do Norte, a Nascente pela Rua do Vale Formoso de Baixo e a Sul pela Avenida Infante D. Henrique.

A zona de intervenção caracteriza-se por um edificado, maioritariamente, de cariz industrial (ainda em funcionamento, pequenos armazéns ou edifícios em elevado estado de degradação) e habitacional (de baixa densidade, pouco qualificado e, em alguns casos, degradados), tendo, igualmente, pontos de referência com importância patrimonial e histórica, como é caso da Fábrica de Material de Guerra do Braço de Prata, atualmente convertida em polo cultural, a Fábrica de borracha Luso-belga, a Fábrica Abel Pereira da Fonseca e o Palácio da Mitra.

A proposta pretende trabalhar cada vazio segundo um uso urbano diferente com o intuito de lhes conferir características distintas e possibilitar a complementaridade entre os mesmos.



FIG. 33 | APEADEIRO DA ESTAÇÃO
FOTOGRAFIA DA AUTORA, 2016



FIG. 34 | ÁREA ADJACENTE AO APEADEIRO
FOTOGRAFIA DA AUTORA, 2016



FIG. 35 | RUA DR. ESTEVÃO DE VASCONCELOS
FOTOGRAFIA DA AUTORA, 2016



FIG. 36 | VAZIO URBANO- AV. INFANTE D. HENRIQUE
FOTOGRAFIA DA AUTORA, 2016

O VAZIO 1- é delimitado a Norte por um arruamento inacabado que dá continuidade à Rua do Telhal aos Olivais, a Poente pela Estação do Braço de Prata, a Nascente pela Rua do Vale Formoso de Baixo e a Sul pela Rua Dr. Estevão de Vasconcelos.

Os edifícios virados para o interior do quarteirão e para a Estação do Braço de Prata é de baixa densidade, em grande medida, composto por pequenas fábricas, armazéns e anexos que foram sendo construídos de forma desordenada e que apresentam, um elevado estado de degradação ou são, do ponto de vista arquitetónico, pouco qualificados.

Por oposição, a área remanescente da parcela, que confronta a Rua do Vale Formoso de Baixo e a Rua Dr. Estevão de Vasconcelos, apresenta um edificado de exceção relativamente à construção de baixa densidade inerente a Marvila, na medida, em que as cérceas médias destes edifícios variam entre os 18 e os 23 metros.

Este edificado preserva um bom estado de conservação visto que os pisos térreos são, maioritariamente, dedicados ao comércio e os restantes pisos dedicados à habitação. Esta área caracteriza-se por uma grande densidade de ocupação do território, já que o edificado perfaz quase a totalidade da área de implantação disponível, 10 700 m².

Este vazio caracteriza-se pela presença pontual de edificado degradado e de baixa densidade (1 ou 2 pisos) de uso habitacional e disposto no território de forma desordenada como resultado da adaptação à malha urbana da parte velha de Marvila.

Esta área é singular pela presença de grandes áreas de espaços verdes não planeados e de formas de ocupação espontânea pelos moradores das proximidades, apresentando uma topografia irregular e um desaproveitamento destes espaços como zonas que poderiam ser, potencialmente, destinadas às atividades de lazer.

Esta área constitui os vestígios da malha urbana da cidade tradicional e um tecido urbano remanescente das sucessivas operações urbanísticas, nomeadamente a abertura das infraestruturas que lhe estão adjacentes, que conduziram a ruturas no território.

Este fator é visível através da disposição do edificado em relação a estas barreiras urbanas pois, tanto no VAZIO 2 como no VAZIO 3 não apresentam uma “frente de rua” qualificada para a Avenida Infante D. Henrique, pelo contrário, a relação entre o edificado presente nestes vazios e a infraestrutura é pontuado por logradouros degradados que constituem as traseiras das moradias e armazéns.

Desta forma, a forte presença das infraestruturas na malha urbana detém um duplo carácter, sendo simultaneamente espaços de conexão mas não de contacto e, portanto, a sua relação com a envolvente é de negação em vez de integração.

Nesta medida, a proposta busca restabelecer a relação entre estes dois vazios outrora interligados tendo como premissa a valorização dos espaços verdes já existentes através da sua qualificação e união num único “corredor verde” de forma a restabelecer a ligação entre a zona velha de Marvila e a Estação do Braço de Prata através da reabilitação da 3ª travessia do caminho de ferro, que se encontra ao abandono.

Esta ligação é uma mais valia devido à proximidade com a Fábrica do Braço de Prata e o Poço do Bispo permitindo uma conexão privilegiada entre a Estação do caminho de ferro e a zona velha de Marvila.

ANÁLISE URBANA

A proposta apresentada surge resultante de um processo de trabalho contextualizado no programa da unidade curricular de Laboratório de Projeto VI do 5ºano. A proposta foi desenvolvida em duas fases sob o tema *A cidade como antro-urbis*, a qual parte de uma visão mais alargada de análise urbana e histórica do território até à conceptualização de propostas que respondam à necessidade que o mesmo solicita suprimir.

No que concerne à relevância da área de estudo escolhida, é importante frisar a natureza heterodoxa da mesma. O desenvolvimento de Marvila contempla o cruzamento de formas de ocupação do território distintas relativamente ao tempo, ao espaço e ao modo patente nos seus usos e nas suas escalas.

Destaca-se a sua relação com o rio, a dicotomia entre centralidade e fraca acessibilidade e a polissemia patente no contraste entre tecidos urbanos ora com alguma consistência de traçado, ora de crescimento espontâneo e desconexo, assim como o confronto entre as estruturas de acompanhamento pela proximidade de habitação corrente e instalações industriais.

Posto isto, partiu-se da análise assente em três pontos, num primeiro momento relativa à estrutura urbana baseada em “Linhas de ocupação” - correspondentes a vias estruturantes do desenho da cidade- e “Manchas de tecido urbano” - referentes a espaços construídos e vazios ocupados ou expectantes.



FIG. 37 | DEGRADAÇÃO DO EDIFICADO
ESQUEMA DA AUTORA.



FIG. 38 | VIAS ESTRUTURANTES
ESQUEMA DA AUTORA.

Num segundo momento, foi realizada uma análise histórica para uma observação do desenvolvimento do território ao longo do tempo. Por último, abordou-se a vertente humana e social, no que diz respeito ao tipo de circulação e frequência, a relação público/privado, os equipamentos urbanos existentes e os pontos-chave e nós.

Este último parâmetro serviu de ponto de partida para delinear uma estratégia urbana desenvolvida, numa primeira fase em grupo e mais tarde individualmente, a qual procurou a integração e conexão de pontos fulcrais do território que se encontravam dispersos na malha urbana através da transformação de baldios existentes em espaços verdes planeados, a criação de espaços públicos como pontos de articulação e continuidade aliados aos usos da habitação, comércio e serviços.

ESTRATÉGIA URBANA

A conceção do espaço parte com a premissa de uma abordagem à escala do [re]desenho urbano culminando numa solução que relacione o edificado existente e o espaço público com o objetivo de produzir uma proposta que visa uma regeneração urbana.

A centralidade que a zona de intervenção oferece revela-se atrativa à fixação de populações jovens e ativas que pretendem viver na cidade tradicional, conduzindo a uma revitalização cultural e económica.



FIG. 39 | ESTRATÉGIA URBANA
ESQUEMA DA AUTORA.

Para tal, a proposta programática visa o desenvolvimento de tipologias de habitação não corrente que agreguem uma valência multi-funcional, juntando na mesma unidade de habitação usos divergentes-convergentes, públicos e privados, por exemplo, a habitação temporária e estruturas de habitação que permitam a variação de composição e dimensão dos agregados familiares que nela vivem.

PROGRAMA

A estratégia urbana adotada assenta na criação de espaços públicos e equipamentos, atualmente inexistentes, como forma de articulação entre os vários espaços. Assim, o programa proposto para o processo de regeneração urbana assenta em quatro pilares: a) O espaço público; b) O mercado; c) Os armazéns; d) As tipologias de habitação.

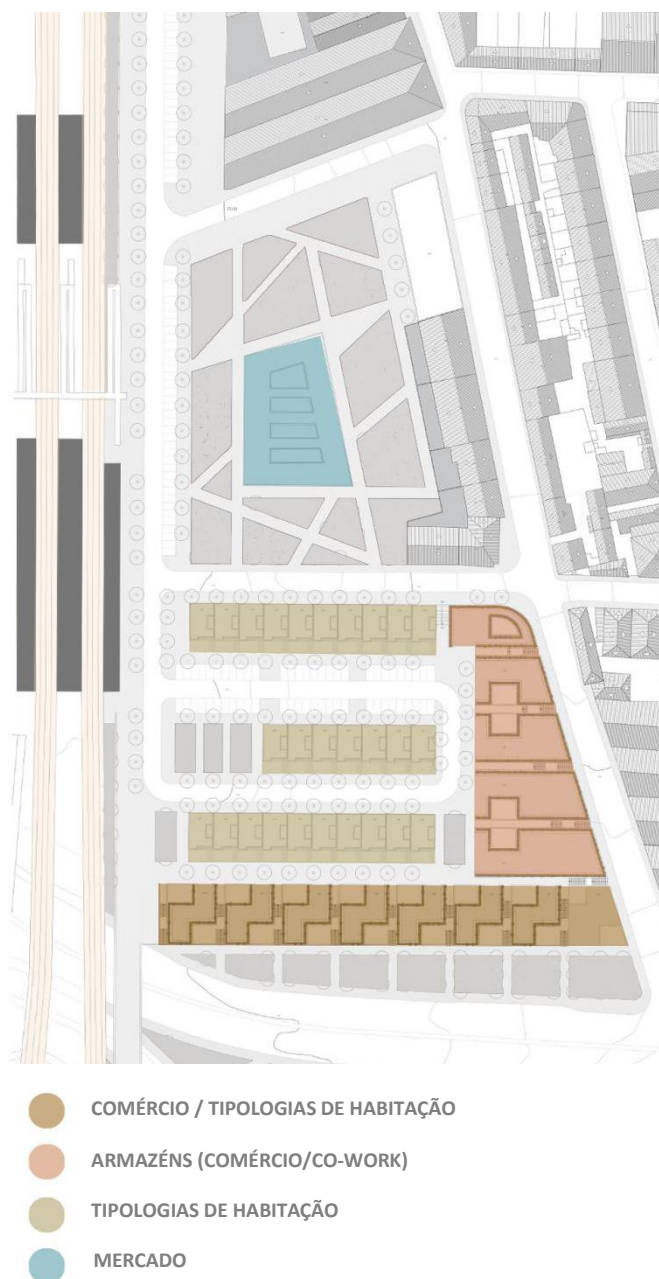


FIG. 40 | PROGRAMA
PROJETO PROPOSTO

O ESPAÇO PÚBLICO

A concepção do espaço público revela-se determinante como elemento de articulação urbana, operando como pontos de referência e espaços de respiração na malha densa edificada. Nesta ótica, o desenho do espaço público apresenta-se como agente responsável pela construção da imagem mental da cidade, sendo que a sua maior ou menor clareza influencia o grau de legibilidade da cidade.

Num contexto de intervenção, a interligação entre as diferentes unidades tipológicas é feito através de um percurso sob forma de um corredor verde que opere simultaneamente, como barreira visual e sonora à linha de caminho de ferro e como eixo de ligação entre a zona Norte e Sul da Avenida Infante D. Henrique.

O objetivo da área verde projetada visa restabelecer o elo perdido entre duas zonas desconexas e fragmentadas rumo a uma continuidade da malha urbana e consolidar o território.

O percurso é estruturado segundo três momentos, com génese no espaço verde proposto junto à margem sul da avenida D. Henrique que, através do atravessamento da 3ª travessia da linha de caminho de ferro, conduz a uma praça adjacente à Estação do Braço de Prata como momento de desafogo da massa edificada.

A praça surge da necessidade da criação de espaço público inexistente no local e como elemento de receção de quem chega de comboio, representando o primeiro momento de vivência daquele segmento de cidade. Não obstante, a representar “a porta de entrada” do Braço de Prata, a praça enquadra-se numa escala apropriada ao carácter intimista do bairro habitacional adjacente.

O MERCADO

O mercado surge como equipamento social polarizador da vida comunitária e variável determinante na revitalização económica do local. A mais valia social que esta tipologia apresenta reside na polivalência que lhe é intrínseca enquanto lugar de trocas comerciais, mas, também, sociais e relacionais.

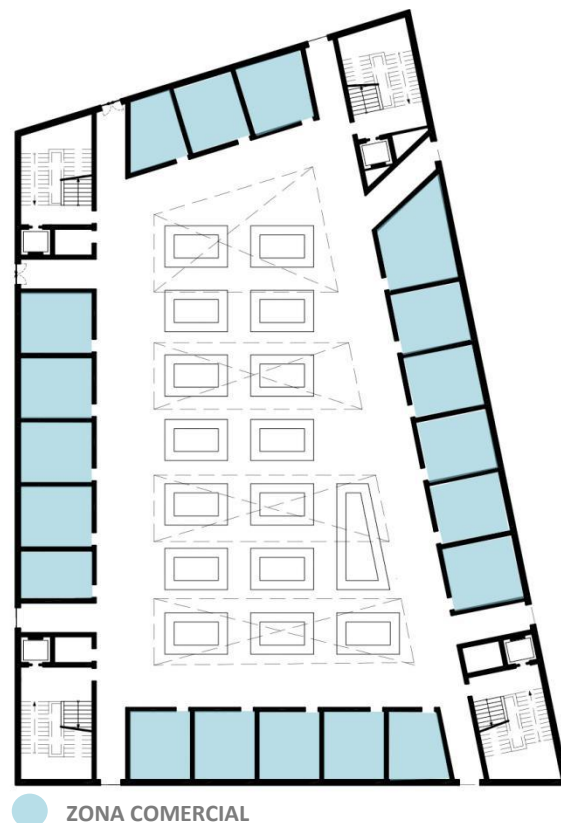


FIG. 41 | MERCADO
PISO 0
PROJETO PROPOSTO

A sua localização relativamente ao restante conjunto proposto faz dele o *terminus* da linha de ligação feita pelo corredor verde, transformando o mercado como praça aberta à apropriação enquanto lugar de encontro e conversa, das manifestações das práticas sociais e da vida da comunidade, gerando uma nova centralidade e atuando como ponto de referência no território.

OS ARMAZÉNS

A criação de armazéns surge como uma opção de projeto com o intuito consolidar a malha urbana, na medida em que é um reflexo do olhar sobre o território envolvente. Esta tipologia ergue-se no VAZIO 2 ao longo da Rua do Vale Formoso de Baixo e espelha os armazéns existentes datados da primeira metade do séc. XX que constituem a fachada do outro lado da rua.

A reprodução e sistematização do módulo de armazéns tão característico de Marvila permite, simultaneamente, preservar a identidade local afeta ao trabalho e ao uso industrial e manter a coerência da malha urbana em presença na envolvente construída. Desta forma, a proposta de projeto procura resgatar para um contexto contemporâneo o carácter polivalente e aberto inerente a esta tipologia ao permitir albergar quer usos afetos ao comércio tradicional de rua (piso térreo) como espaços de trabalho flexíveis- *co-working* e pequenas oficinas e *ateliers* (piso superior), servindo de suporte ao processo de revitalização económica e cultural do local.

Este volume permite vencer a diferença de cotas entre a Rua do Vale Formoso de Baixo e o bloco habitacional, que varia entre os 7 e os 9 metros, fazendo o remate com a Rua Dr Estevão de Vasconcelos e a Avenida Infante D. Henrique. Devido à sua elevação relativamente ao rio, optou-se por trabalhar a cobertura como um espaço público dedicado ao lazer ocupado por espaços ajardinados. Esta opção de projeto recria a memória dos miradouros da cidade de Lisboa, recuperando o seu carácter deambulatório e de contemplação.

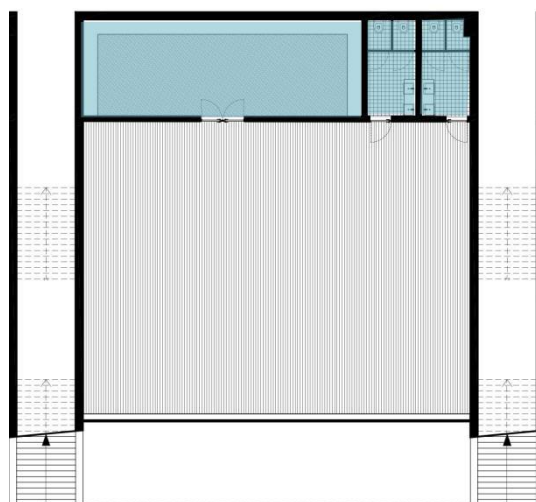


FIG. 42 | ARMAZÉM- TIPOLOGIA A
PISO 0
PROJETO PROPOSTO



FIG. 43 | CASA- ATELIER- TIPOLOGIA A
PISO 1
PROJETO PROPOSTO

● NÚCLEO/SERVIÇOS

O desenvolvimento da habitação representa o principal objeto de estudo do projeto proposto. Do ponto de vista de desenho urbano, as tipologias organizam-se em banda contínua que acompanham a pendente do terreno e seguem os mesmos alinhamentos dos armazéns adjacentes com o intuito de manter uma coerência visual e de leitura do território. A irregularidade da orografia patente no terreno é resolvida através de atravessamentos e do próprio edificado que vence a diferenciação de cotas.

A tipologia de habitação não corrente e adaptável surge como atrativo de fixação de populações mais jovens que, geralmente, representam uma população ativa inserida num contexto laboral flexível- a era digital gerou uma ausência da necessidade de um vínculo físico laboral, permitindo trabalhar a partir de casa- *SOHO (Small Office Home Office)*.

A flexibilidade inerente às tipologias de habitação desenvolvidas promove uma relação mais aberta entre os membros que habitam a mesma unidade habitacional não tendo que, forçosamente, existir uma relação de parentesco entre os mesmos. Este último fator é determinante num contexto contemporâneo, na medida em que a globalização implica uma permanente mobilidade, criando a necessidade de oferta de tipologias de habitação de curta e média duração- habitação temporária.

A opção de projeto, patente na adoção da flexibilidade na habitação como ferramenta de atração de populações jovens, visa obter uma heterogeneidade e revitalização do tecido social de Marvila, contrariando a tendência atual de um progressivo envelhecimento populacional.

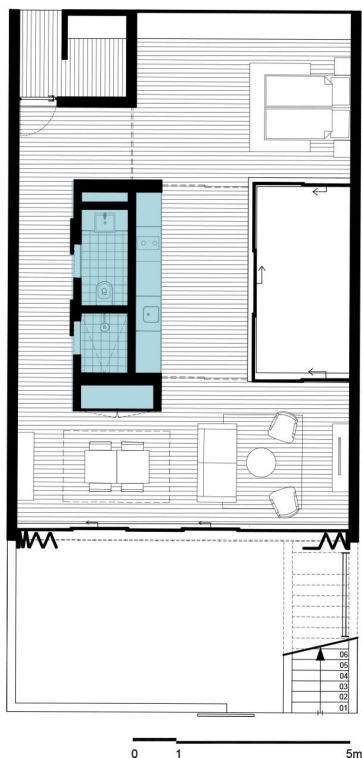
O espaço do interior da habitação foi concebido no sentido de permitir a compartimentação e o uso de cada espaço consoante as necessidades de cada utilizador. A casa foi desenhada tendo em conta um equilíbrio entre a rigidez determinista da planta e a desmaterialização total do espaço, pois o processo de criação de um espaço significativo ocorre mediante a sugestão desse mesmo processo logo, o nível de flexibilidade de um espaço não é proporcional ao nível de despojamento do mesmo pois imprime uma *falsa neutralidade*

Aplicando os princípios de desenho anteriormente expostos por Leupen, a habitação organiza-se segundo duas variáveis: o permanente e o variável.

Os elementos fixos correspondem à estrutura que delimita a casa segundo um módulo de 8x12 metros, assim como ao núcleo servidor que garante todas as necessidades inerentes à habitação.

O variável é referente aos restantes compartimentos da habitação com maior ou menor nível de encerramento deixados ao critério dos utilizadores do espaço.

NÚCLEO COMO ORGANIZADOR DO ESPAÇO



TIPOLOGIA A



TIPOLOGIA B

FIG. 44 | NÚCLEO
TIPOLOGIAS DE HABITAÇÃO

Com o intuito de maximizar a área disponível, a casa organiza-se em torno de um núcleo agregador de todos os elementos necessários ao seu funcionamento, nomeadamente, instalações sanitárias, cozinha e módulos de arrumação.

O núcleo surge como uma solução previamente experimentada na Historiografia da Arquitetura num processo de racionalização e otimização do espaço. O projeto *Domus Demain* (1984) de Yves Lion é um exemplo da aplicação deste conceito através da organização da habitação segundo uma *banda ativa* que visa a concentração das zonas húmidas numa faixa que percorre toda a fachada.

No caso do projeto desenvolvido, tanto na tipologia A e B, o núcleo desenvolve-se perpendicularmente em relação às fachadas. Esta solução foi concebida para a concentração de todos os ductos e infraestruturas e atua como elemento estrutural.

Outro elemento fixo é o pátio interno que surge como ponto de equilíbrio na organização da casa ao localizar-se na oposição do núcleo. A existência de um pátio interior permite, não só a entrada de luz indireta, como uma permeabilidade espacial que permite criar um momento de desafogo no interior da habitação sendo, igualmente, um espaço de articulação.

O VARIÁVEL

A COMPARTIMENTAÇÃO INTERNA COMO DEFINIDORA DE FLEXIBILIDADE

Para além dos elementos fixos criados pelo núcleo e a estrutura, a casa é sujeita a compartimentação interna que corresponde ao elemento variável da habitação. Para uma maior amplitude espacial, optou-se pelo uso mínimo de paredes fixas de alvenaria ou elementos opacos.

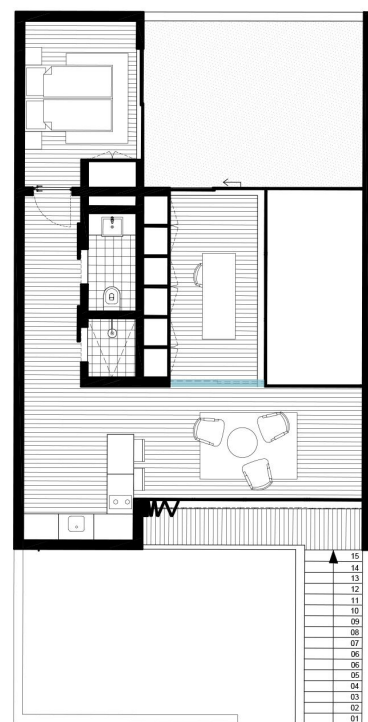
Neste sentido, a compartimentação é feita através de divisórias leves que permitam uma maior ou menor privacidade do espaço, assim como unir dois compartimentos como um só ou, inversamente, permitir que um compartimento maior se transforme em dois quartos no caso de aumento do agregado familiar.

A tipologia está organizada segundo uma lógica tripartida quer, horizontalmente quer verticalmente. Esta opção permite a uniformização de todos os compartimentos, evitando uma certa hierarquia típica na conceção da habitação.

A equidade dimensional entre todos os espaços permite uma maior liberdade de usos, contrariando a especificidade funcional.



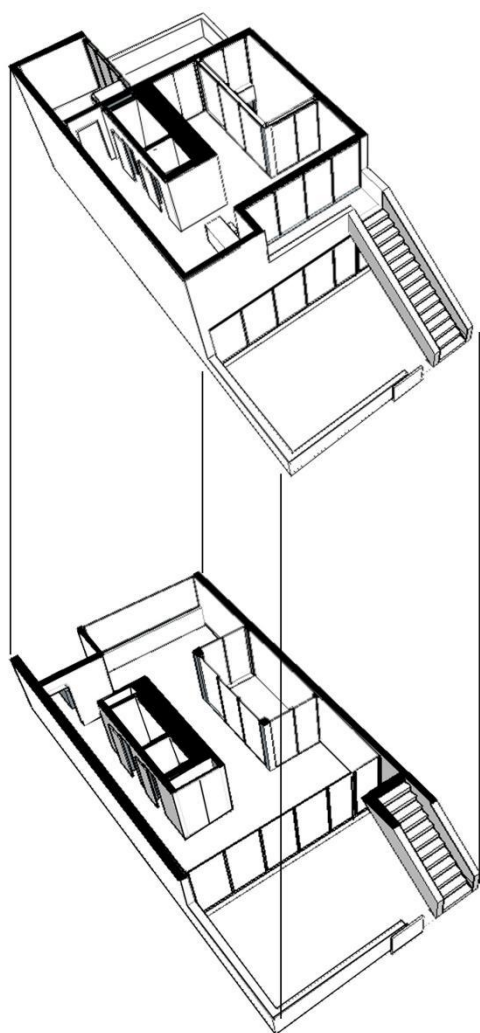
TIPOLOGIA A



TIPOLOGIA B

FIG. 45 | ELEMENTOS VARIÁVEIS - PAINÉIS DESLIZANTES
TIPOLOGIAS DE HABITAÇÃO

O(S) SISTEMAS DE CIRCULAÇÃO NO INTERIOR DA HABITAÇÃO



Ao nível da circulação interna, podemos dividi-las em dois planos, no plano horizontal e no plano vertical.

No primeiro caso, a centralidade do núcleo servidor define um sistema de circulação interna assente na ideia de *Casa-circular* a qual permite o acesso a todos os compartimentos da habitação através da interligação entre eles.

A habitação foi concebida para possibilitar a extensibilidade da mesma, ou seja, recupera-se o conceito abordado por Xavier Monteys da *Casa descontínua*.

Subjacente ao conceito da *Casa-descontinua* está patente a extensibilidade da habitação, na medida em que a casa foi concebida sem um plano definitivo, ou seja, para ser constantemente ampliada em caso de necessidade.

As tipologias desenvolvidas estão preparadas para esse efeito, pois os ductos são prolongados até à cobertura, prevendo a eventualidade de uma ampliação vertical.

Relativamente ao acesso da casa a partir do exterior, as habitações limitam-se, essencialmente com duas ruas permitindo uma dupla entrada na habitação. Esta valência permite atenuar a possibilidade de controlo social assim como criar características distintos entre as diversas ruas.

FIG. 46 | AXONOMETRIA
TIPOLOGIAS DE HABITAÇÃO

A TRANSIÇÃO INTERIOR / EXTERIOR

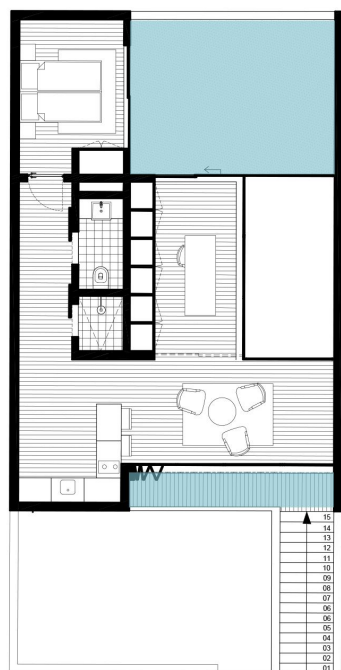
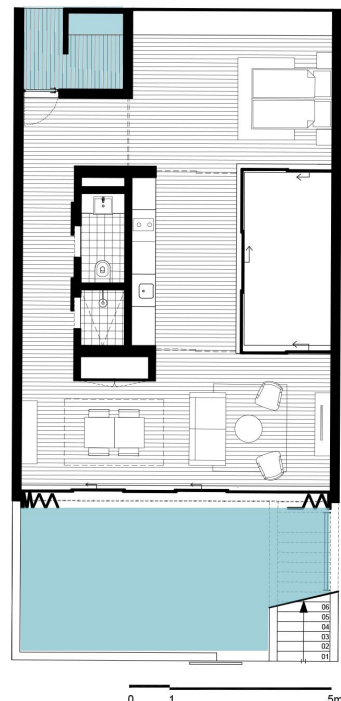
OS ACESSOS À HABITAÇÃO COMO ESPAÇOS DE APROPRIAÇÃO

A transição entre o interior e exterior da habitação é tratado como um elemento com especial importância visto tratar-se de uma zona de diálogo entre o público e o privado. Assim foram criados pátios exteriores ladeados por muros de baixa altura com o intuito de deixar ao encargo dos moradores a decisão da sua apropriação.

O mesmo pátio pode manter-se mais aberto ou pode ser totalmente encerrado, possibilitando ser, igualmente, a extensão do interior da casa no caso de ser necessária a construção de um compartimento extra.

O acesso aos fogos do piso superior é feito através de uma escada que, pela proximidade ao pátio exterior permite criar dinâmicas de vizinhança. A opção de não enclausurar a escada procura que a mesma não seja apenas um elemento de acesso, mas, também, um espaço apropriável.

Para além disso, a escada como peça integrante da fachada confere no conjunto arquitetónico um ritmo e que contrasta com a linearidade das habitações em banda.



TIPOLOGIA B

FIG. 47 | PÁTIOS E ZONAS DE TRANSIÇÃO
TIPOLOGIAS DE HABITAÇÃO

SISTEMA CONSTRUTIVO

O sistema construtivo adotado baseia-se num sistema estrutural em pórtico- pilar-viga- em betão armado.

A estrutura está apoiada nas paredes delimitadoras da habitação assim como no núcleo central que alberga as zonas húmidas. Os pavimentos têm constituições diferentes consoante a sua localização.

Os pavimentos dos pisos térreos são constituídos por:

- a) Laje em betão armado;
- b) Manta geotêxtil de fibras sintéticas
- c) Membrana de impermeabilização em betume protegida com polietileno em ambas as faces;
- d) Isolamento térmico de poliestireno extrudido (esp.0,05m);
- f) Betonilha de regularização de 0,04m de espessura
- g) Revestimento de piso (0,08m esp. para os pavimentos em soalho de madeira).

Nas zonas húmidas, a betonilha afagada constitui o revestimento de piso protegida com verniz para pavimentos em betão de acabamento mate). Os pavimentos entre pisos são constituídos por:

- a) laje em betão armado;
- b) b) Isolamento térmico de 0,05 m de espessura;
- c) c) betonilha de regularização de 0,04m
- d) d) Revestimento de Piso.

A cobertura das tipologias tem a seguinte constituição:

- a) laje em betão armado;
- b) Camada de forma com pendente de 0,5%;
- c) Membrana Para-vapor;
- d) Isolamento térmico de poliestireno extrudido de 0,08m de espessura;
- e) Revestimento de Piso de cimento branco (0,05m);

Relativamente aos paramentos verticais, as paredes exteriores em contacto com o solo são constituídas por:

- a) Impermeabilização com telas asfálticas;
- b) As paredes interiores e exteriores são feitas em alvenaria simples de 30x20x15 e 30x20x30 cm, respetivamente. O acabamento das mesmas é feito com reboco areado fino pintado à cor RAL 9010 (branco).

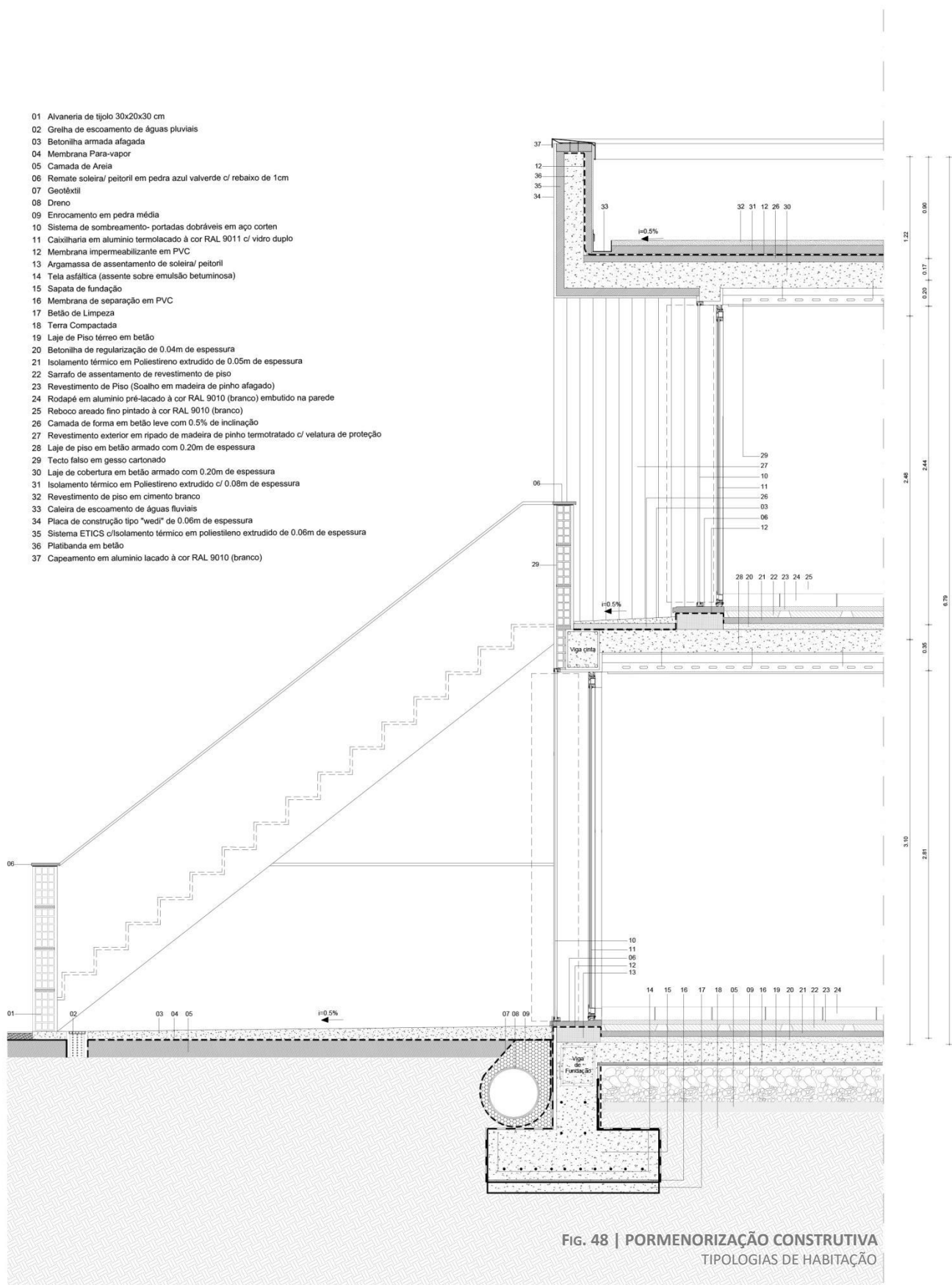


FIG. 48 | PORMENORIZAÇÃO CONSTRUTIVA
 TIPOLOGIAS DE HABITAÇÃO

ACABAMENTOS

As caixilharias dos vãos exteriores e do pátio interior são em alumínio termolacado à cor RAL 9005 (preto) para contrastar com a cor do betão branco aparente, com corte térmico e vidro duplo. Todos os vidros localizam-se à face da caixilharia de forma a uniformizar a leitura das fachadas.

A nível cromático, optou-se por utilizar uma paleta de cores claras, maioritariamente o branco para amplificar o conjunto edificado proposto e criar um contraste com os elementos verdes envolventes. A materialidade reflete a paleta cromática, na medida em que o material de construção, por excelência, de todo o conjunto é a alvenaria revestida a reboco pintado à cor branca.

Nos pisos térreos procurou-se optar por cores mais escuras de forma a contrastar com a claridade dos pisos superiores, nesse sentido o material utilizado para o revestimento foram painéis em chapa de aço corten.

No espaço público, privilegiou-se o uso de um material tipicamente lisboeta, a pedra lioz. Este material servirá para pavimentar todos os percursos pedonais e rodoviários devido à sua resistência e durabilidade.

O sistema de sombreamento adotado foi ao encontro da materialidade proposta no piso térreo sendo composto por portadas dobráveis em chapa perfurada de aço corten, de modo a permitir a entrada de luz indireta assim como conferir ritmo à fachada através do maior ou menor nível de encerramento dos mesmos e da variação da sua disposição no conjunto das tipologias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do tempo, Marvila foi sofrendo profundas alterações evoluindo de uma forte industrialização com génese na segunda metade do séc. XIX até a um período de declínio na década de 80 e 90 do séc. XX e que conduziram à fragmentação urbana, à criação de vazios descaracterizados. Sob este contexto, a Regeneração Urbana surge como uma resposta viável a esta problemática pelo seu olhar crítico sobre a cidade, num contexto pós-industrial.

A proposta de Regeneração Urbana deste trabalho procurou estabelecer uma relação próspera de continuidade entre três variáveis definidores de cidade- a população, o território e as atividades económicas que nele operam de forma a garantir a eficiência e sustentabilidade da estratégia de intervenção adotada e, por conseguinte, a sua reintegração da zona de intervenção à cidade de Lisboa.

Numa escala mais aproximada, a habitação caracteriza-se como uma tipologia em constante transformação. Perante a constatação da sua desadequação face às exigências da sociedade contemporânea, a casa é abordada tendo em conta a necessidade de adaptação permanente.

Conclui-se que a flexibilidade em Arquitetura, em especial na habitação, revela-se como uma solução que conduz a uma apropriação mais livre do espaço pois, ao minimizar o determinismo e a especialização funcional permite prolongar a eficiência da habitação numa ótica futura.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS E PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

AUGÉ, Marc, *Non-places, An Introduction to an anthropology of Supermodernity*, Verso, Londres, 1995

BEISI, Jia. *Adaptable Housing or Adaptable People?*, in Arch. & Behaviour, vol. 11, nº2, 1995

BURDETT, Richard; HILLIER, Bill; PENN, Alan; PEPONIS, John. *Creating Life: Or, Does Architecture determine anything?* In Arch. & Behaviour, vol. 3, nº3, 1987

CAEIRO, M. J, *Lisboa capital do nada – Marvila, 2001-criar, debater, intervir no espaço público*, Almedina, Lisboa 2007

CHOAY, Françoise, *The Modern City: Planning in the 19th century*, Studio Vista, Londres, 1969

CHOAY, Françoise; MARLIN, Pierre, *Dictionnaire de L'Urbanisme et de L'Aménagement*, Presses Universitaires de France, Paris, 1988

GAUSA, Manuel, *Housing. Nuevas alternativas, nuevos sistemas*, Actar, Barcelona, 1998

Grupo de Investigación Habitar – *Rehabitar (2) Habitaciones Satélite*, Ministerio de Vivienda, Madrid, 2010

HANSON, Julienne; HILLIER, Bill. *Domestic Space Organisation*, in Arch. & Behaviour, nº1, 1982, p5-25

HANSON, Julienne; HILLIER, Bill, *The Social Logic of Space*, Cambridge University Press , Londres, 1984

HERTZBERGER, Herman, *Lições de Arquitetura*, Edições Martins Fontes, São Paulo, 2ªEdição, 1999

HERTZBERGER, Herman, *Architecture of the Future*, Naio10 publishers, Roterdão, 2013

KRONENBURG, Robert, *Modern Architecture and the Flexible Dwelling*. in *Living in Motion- Design and architecture for flexible dwelling*. Vitra Design Museum, 2002, p. 18- 33

LEFEBVRE, Henri, *The Production of Space*, Blackwell, Oxford, 1991

LÉGER, Jean-Michel; PANNIER, Benoîte Decup, *La famille et l'architecte : les coups des concepteurs*, Espaces et Sociétés 2005/2, n° 120-121

LEUPEN, Bernard, *Frame and Generic Space*, 010 Publishers, Rotterdam, 2006

LÉVI-STRAUSS, Claude, *Structural Anthropology*, Basic Books, USA, 1963

LYNCH, Kevin, *A imagem da cidade*, Edições 70, Lisboa, 1966

FORTY, Adrian, *Words and buildings: a vocabulary of modern architecture*, Thames & Hudson, Londres, 2000

MAGRI, S.; TOPALOV, C, *Pratiques ouvrières et changements structurels dans l'espace des grandes villes du premier XXe siècle. Quelques hypothèses de recherche*, in *Villes Ouvrières – 1900-1950*, Paris, L'Harmattan, pp. 17-40, 1989

MENDES, Luís, *A regeneração urbana na política de cidades: inflexão entre o fordismo e o pós-fordismo*, in *urbe*. Revista Brasileira de Gestão, v. 5, n. 1, p. 33-45, jan./jun. 2013

MONTEYS, Xavier, FUERTES, Pere, *Casa Collage: Un ensayo sobre la arquitectura de la casa*, Gustavo Gili S.A., Barcelona, 2001

OSWALD, F; BACCINI, P, *Netzstadt*, Springer, Berlim, 2003

PARICIO, Ignacio, SUST, Xavier, *La vivenda contemporânea, Programa y tecnologia*, ITC, Institut de Tecnologia de Construcción de Catalunya, 1998

RAMOS, Rui Jorge Garcia, *A Casa- Arquitetura e Projeto Doméstico na Primeira Metade do Século XX Português*, FAUP Publicações ,1ªEd., Porto, 2010

ROBERT,Peter; SYKES, Hugh, *Urban Regeneration- A handbook*, Sage Publication, Londres, 2000

RYBCZYNSKY, Witold, *Home: A Short Story of an Idea*, Pocket Books, Londres, 2001

SALGUEIRO, Teresa Barata, *Lisboa - Periferia e Centralidades*, Celta, Oeiras, 2001

SALGUEIRO, Teresa Barata., *A Espacialidade no Tempo Urbano*, in Penélope, Lisboa, 1992

SCHNEIDER Tatjana; TILL, Jeremy, *Flexible Housing*, Elsevier/ Architectural, Londres, 2007

SINGLY, François, *Sociologia da Família Contemporânea*, Edições Texto e Grafia, Lda, Lisboa, 2011

SOLÀ-MORALES, Ignasi, *Territórios*, Barcelona, Gustavo Gili, 2002

SARTI, Rafaella, *Casa e Família: Habitar, Comer e vestir na Europa Moderna*, Lisboa, Editorial Estampa, 2001

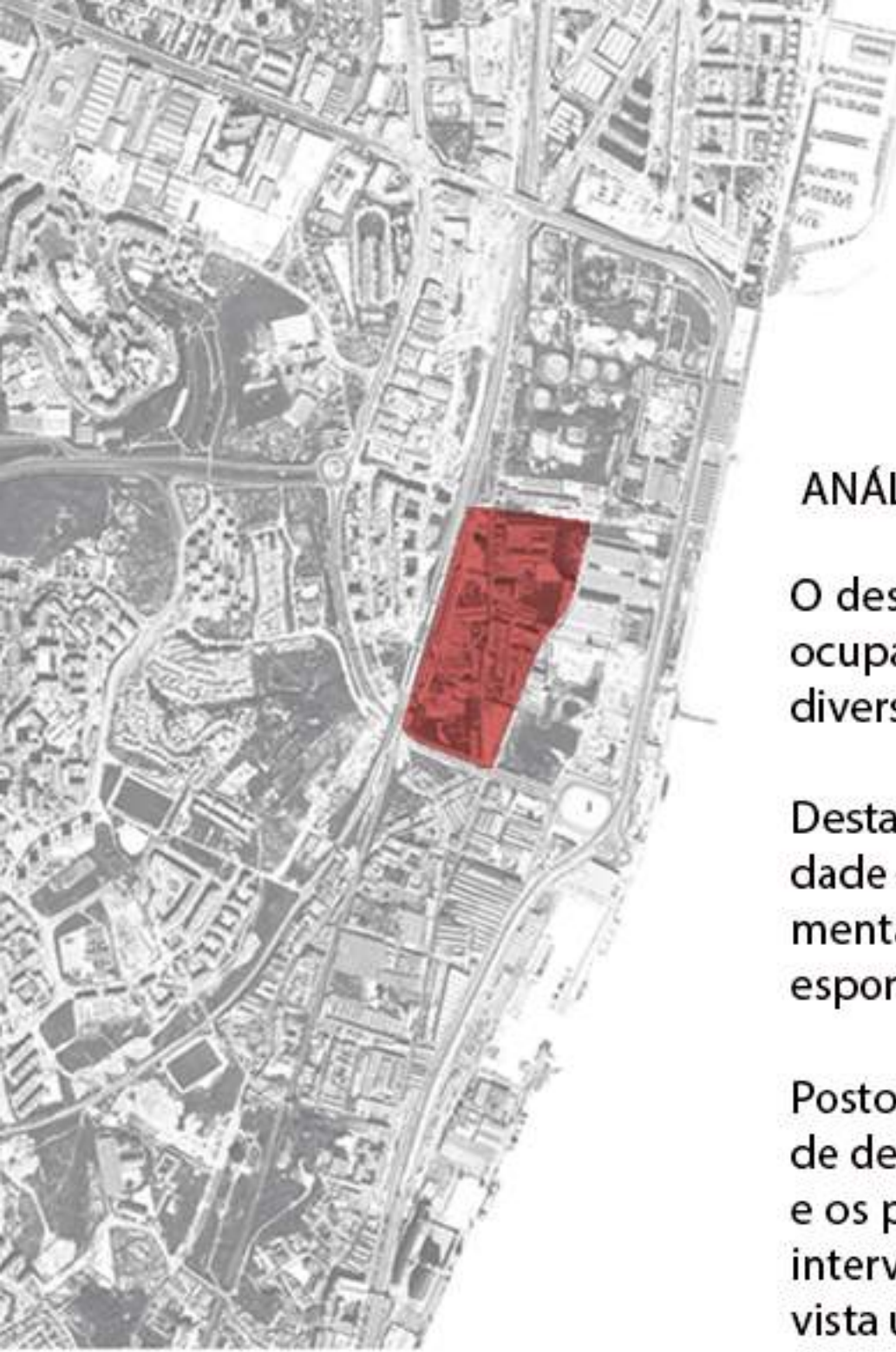
WIKTRÖM, T, *Residual Space and transgressive spatial practice- uses and meanings of non-formed space*, in Nordisk Arkitekturforskning, 2005

ZUKIN, Sharon, *Paisagens Urbanas Pós-modernas: mapeando cultura e poder*, in Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 24, 1996, p. 204-219

WEB

NUNES, J; SEQUEIRA, Ágata, *O Fado de Marvila. Notas sobre a origem citadina e o destino metropolitano de uma antiga zona industrial de Lisboa*, Forum Sociológico, 2011 (última consultada a 18/03/ 2016)

WIGLEY, Mark in Textos de comissários da Trienal Internacional de Arquitetura de Lisboa, 2007 (última consultada a 18/03/ 2016)



ANÁLISE URBANA

O desenvolvimento de Marvila contempla o cruzamento de formas de ocupação do território distintas relativamente ao tempo assim como à diversidade de usos e escalas.

Destaca-se a relação do território com o rio , a dicotomia entre centralidade -patente nas infraestruturas de ligação com o resto da cidade- e fragmentação do tecido urbano com génese num crescimento urbano espontâneo e desordenado.

Posto isto, partiu-se de uma análise urbana na qual se verificou os níveis de degradação do edificado, o papel das infraestruturas na forma urbana e os pontos de referência/ edifícios notáveis na proximidade da zona de intervenção. Estes elementos permitem traçar um perfil do ponto de vista urbano que torna possível identificar as pontencialidades e as fragilidades do território e responder eficazmente a essas necessidades

PLANTA DE LOCALIZAÇÃO
Ortofoto



ESTAÇÃO DO BRAÇO DE PRATA



VAZIO URBANO JUNTO A ESTAÇÃO



RUA DO VALE FORMOSO



AVENIDA INFANTE D. HENRIQUE- VAZIO EXPECTANTE

ESTAÇÃO DO BRAÇO DE PRATA
ANÁLISE URBANA E ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO

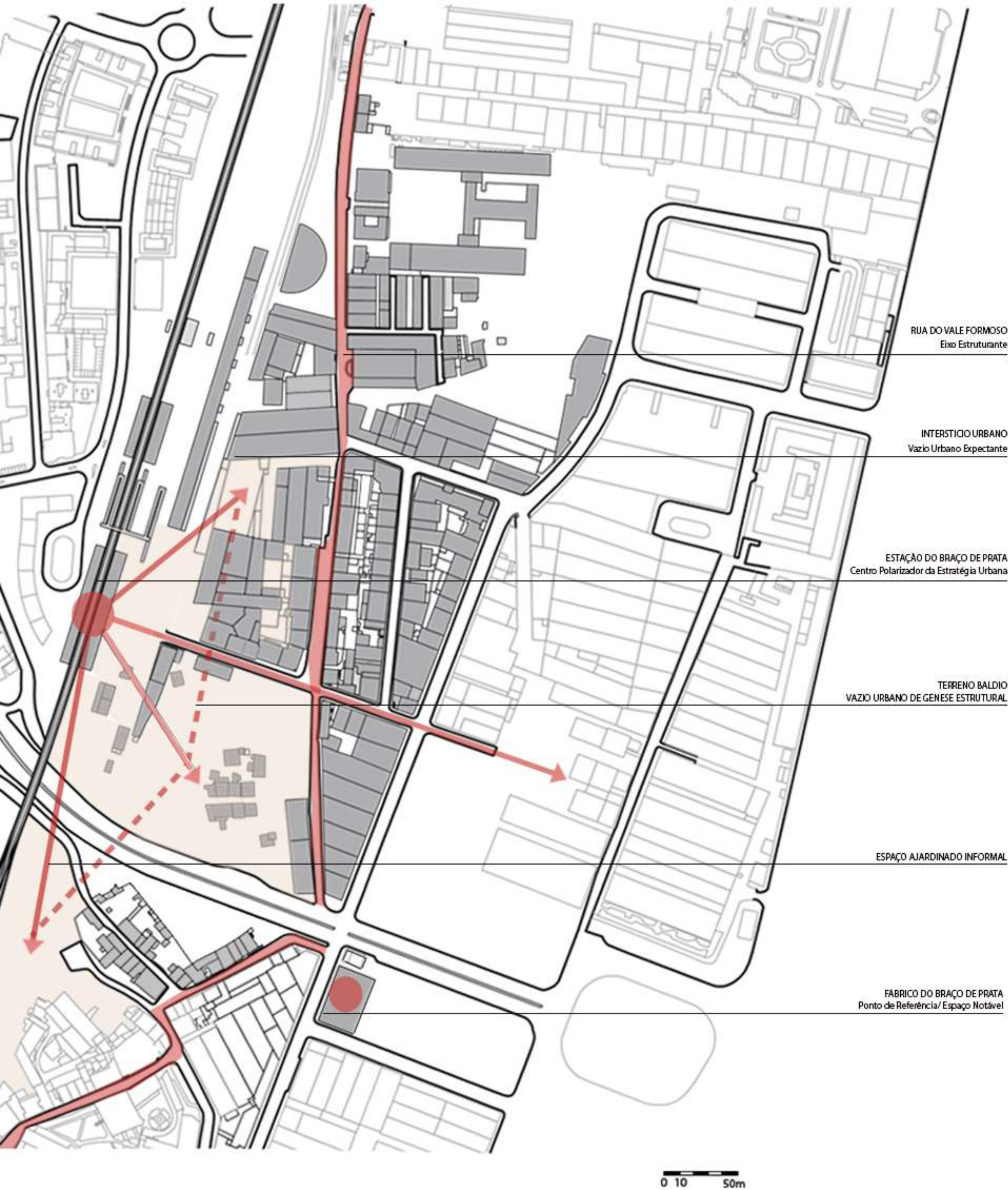
ESTRATÉGIA URBANA

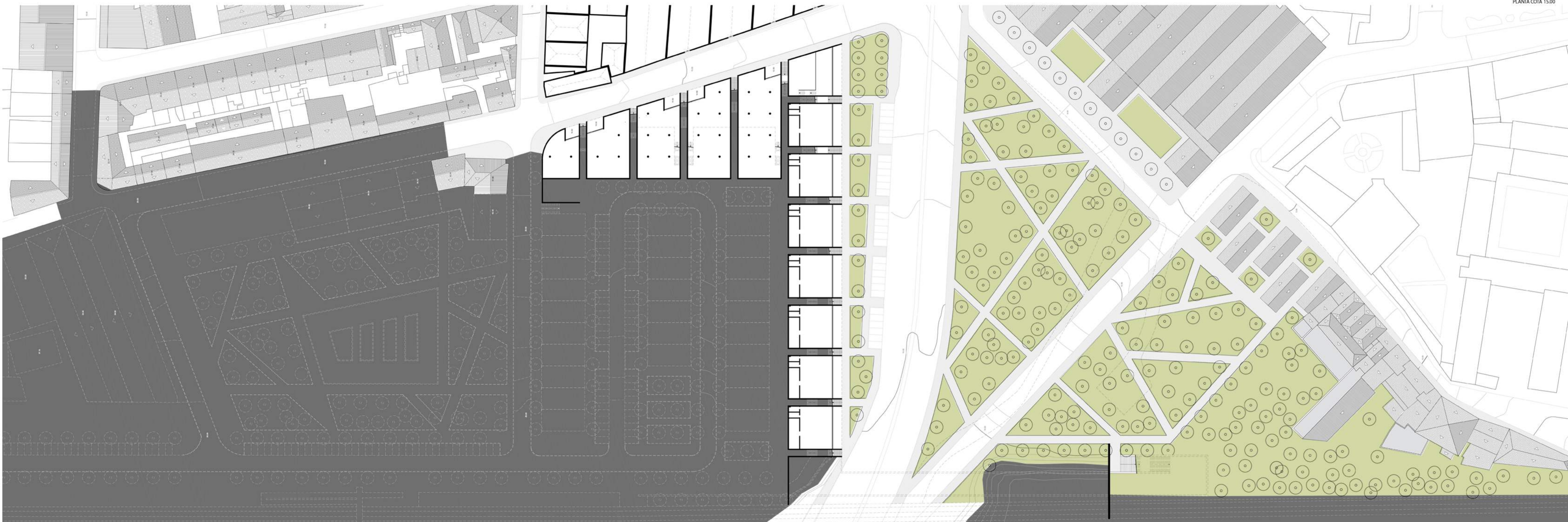
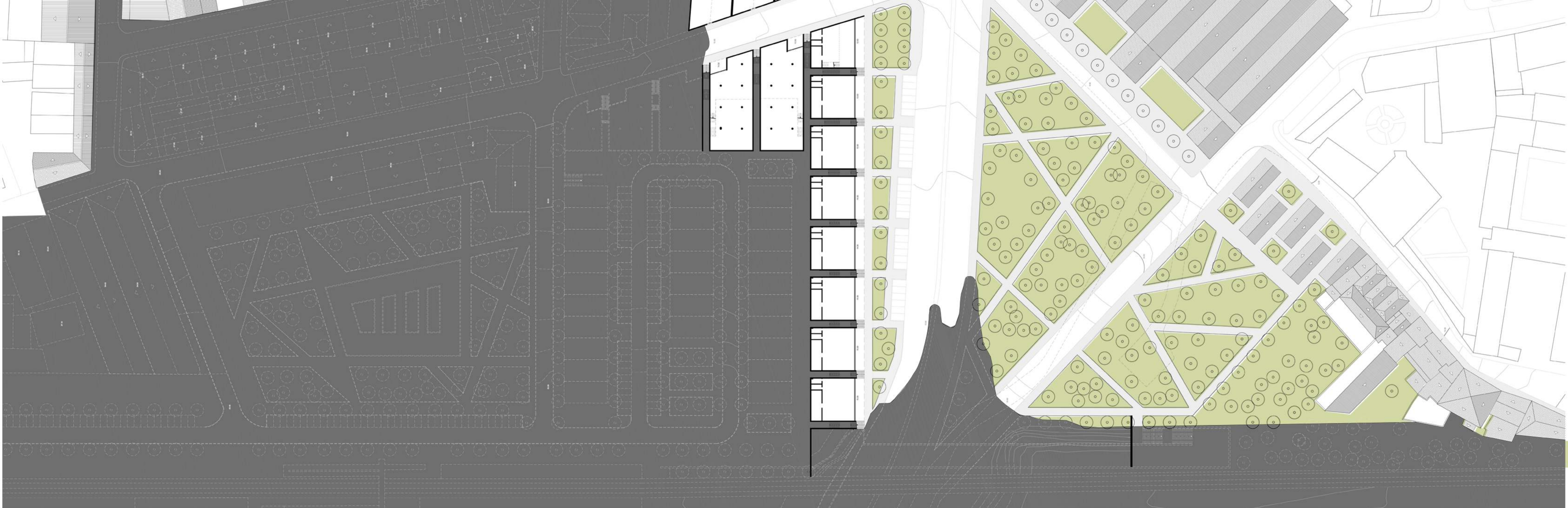
A estratégia de intervenção visa criar uma proposta de Regeneração Urbana através da ligação entre espaço público, edificado existente e construção nova com usos diversificados que permitam a fixação de população jovem de forma a revitalizar o tecido social do local.

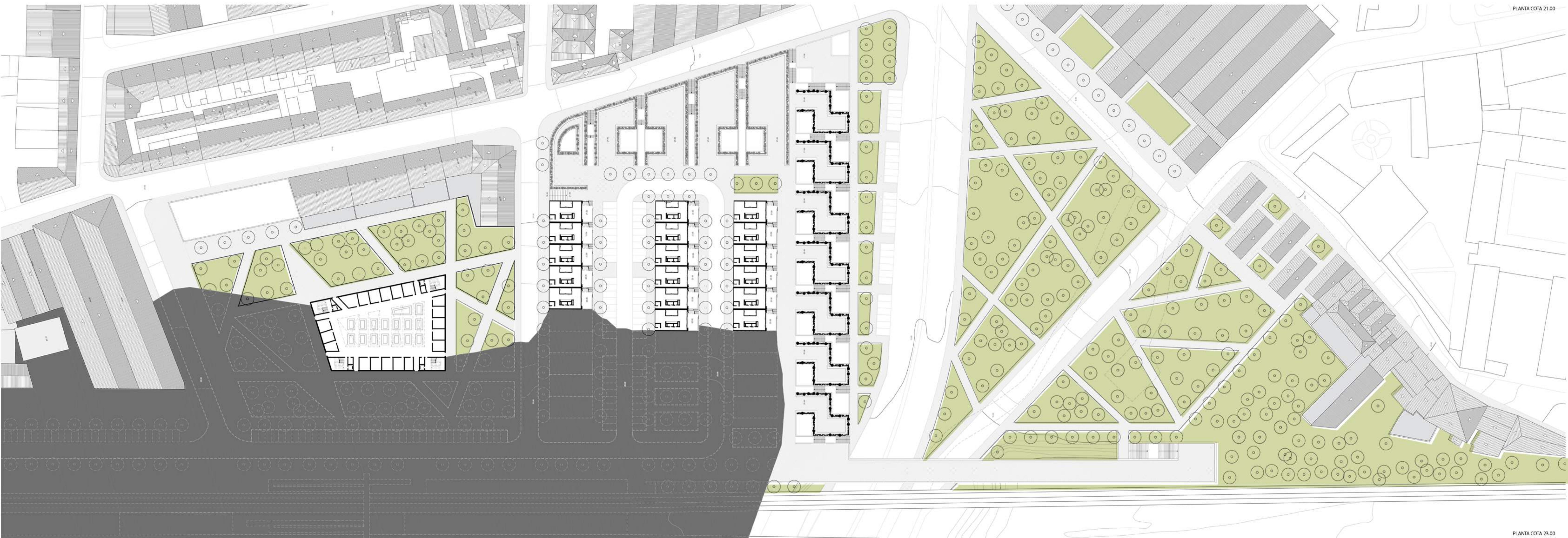
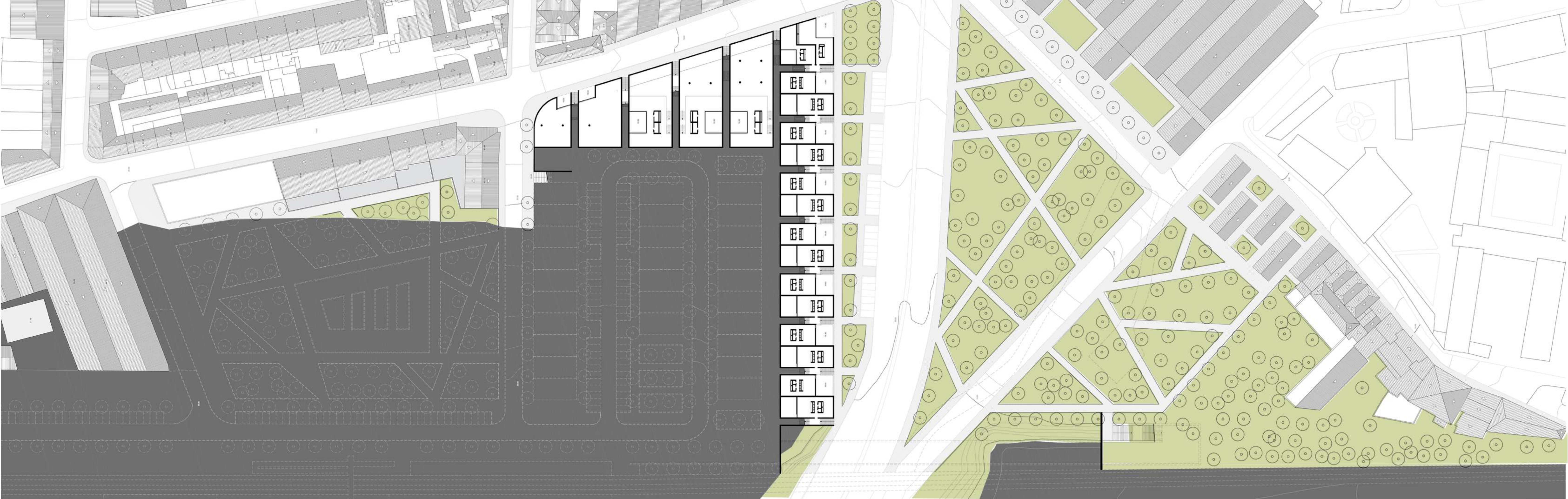
Para o efeito, a estratégia urbana propõe a ligação de três vazios urbanos tendo como denominador comum a Estação do Braço de Prata como gerador de uma nova centralidade.

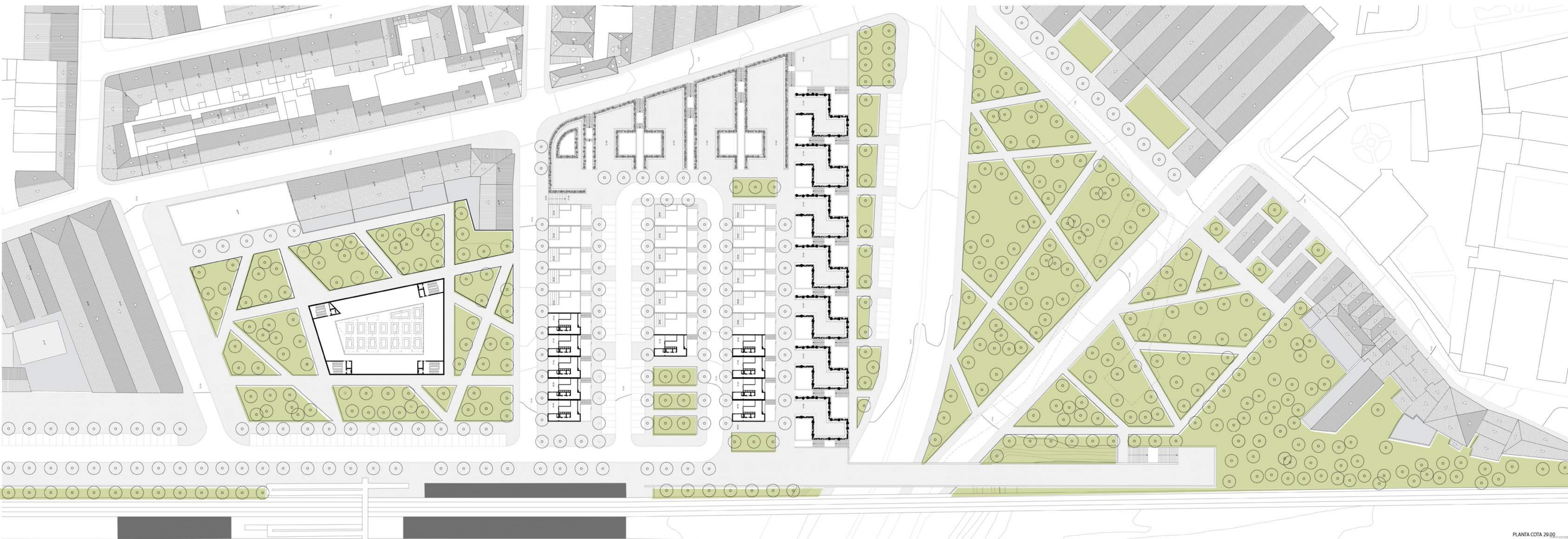
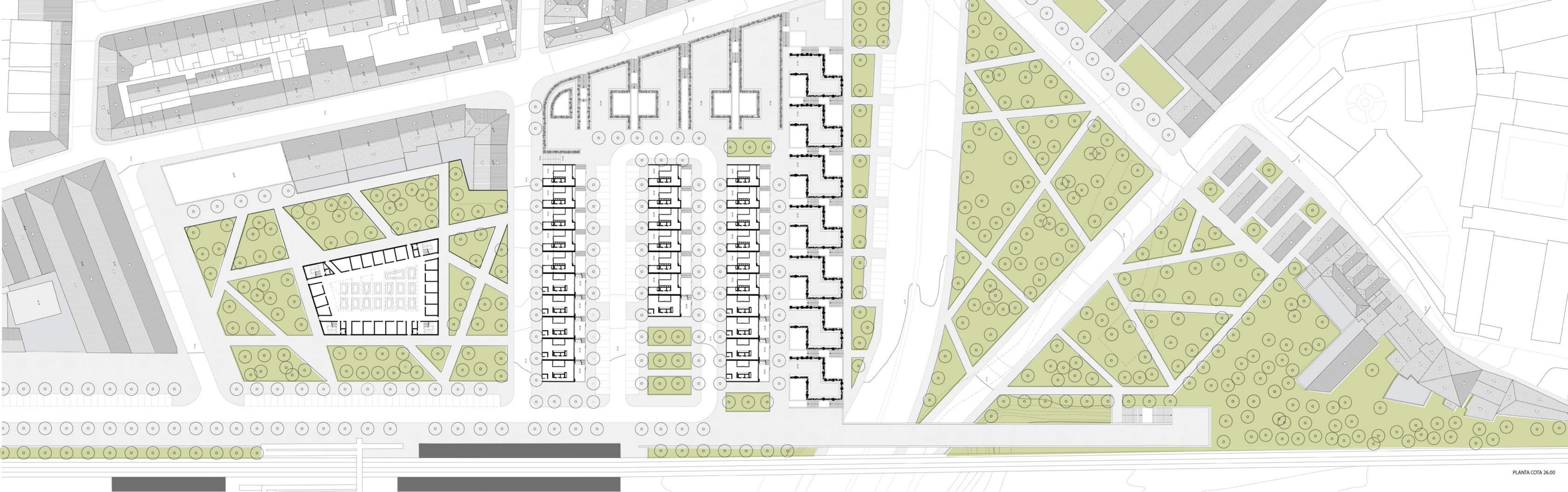
A intervenção está apoiada num percurso verde que acompanha o desenvolvimento de todo o projecto e serve como elo de ligação entre todos os elementos.

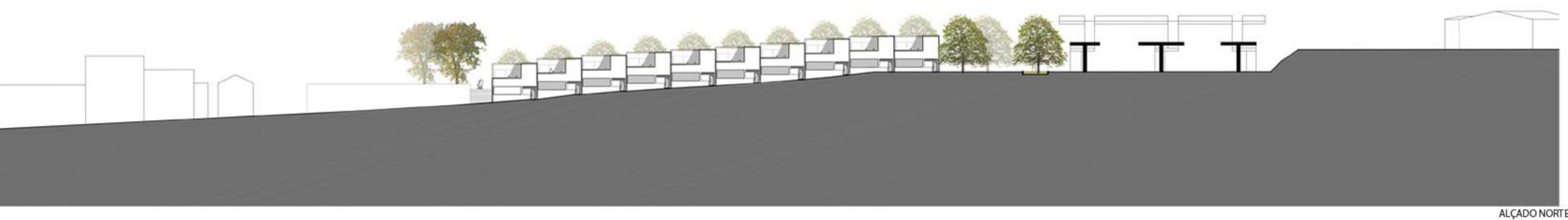
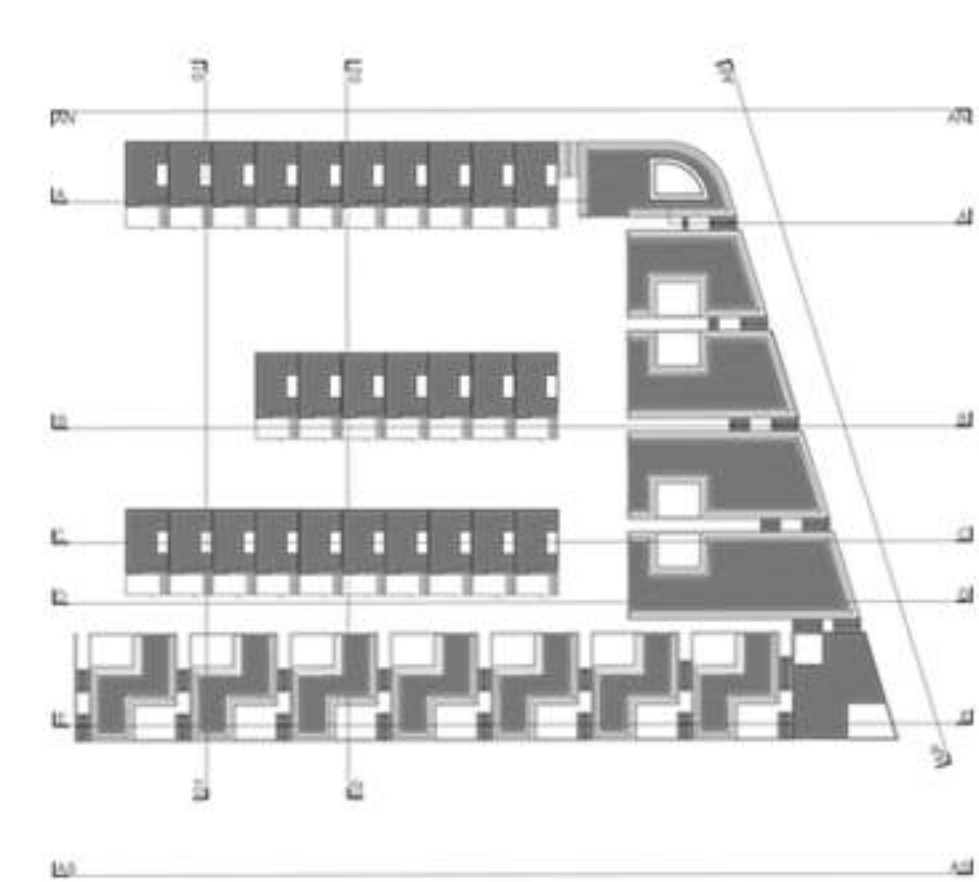
A nível programático, propõe-se um mercado, tipologias destinadas a comércio de rua ou a pequenos ateliers/oficinas e tipologias de habitação de uso não corrente com um cariz flexível de forma a responder às novas formas de habitar o espaço.



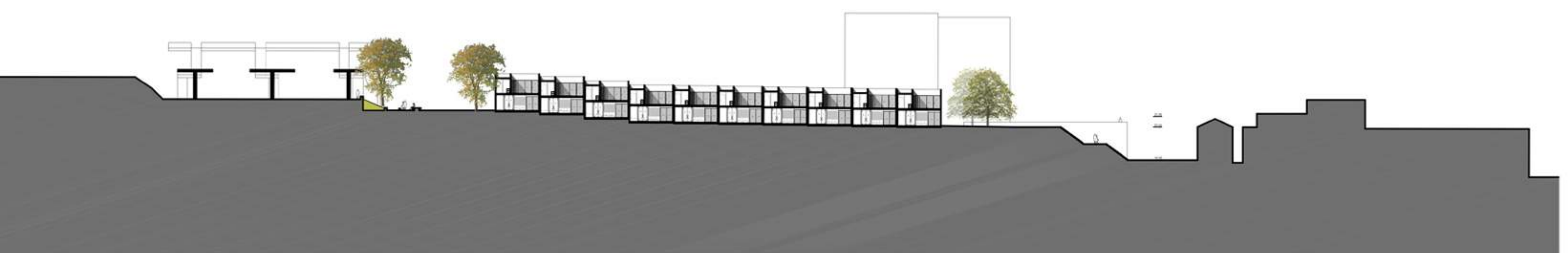








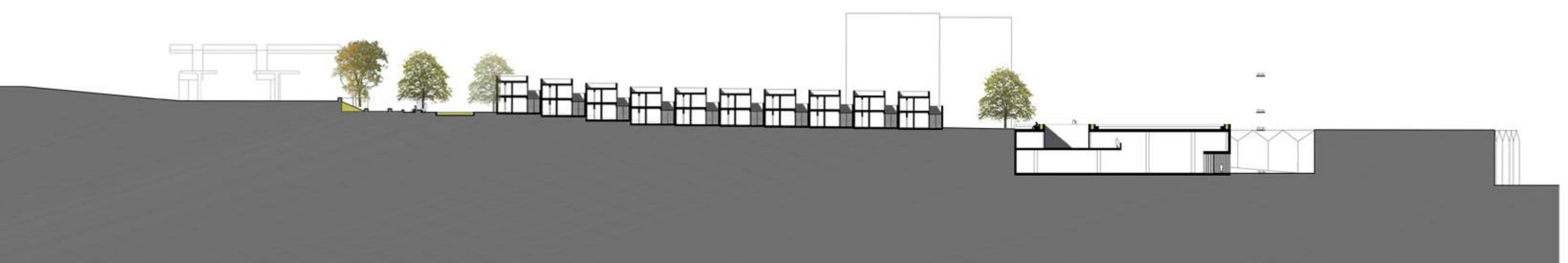
ALÇADO NORTE



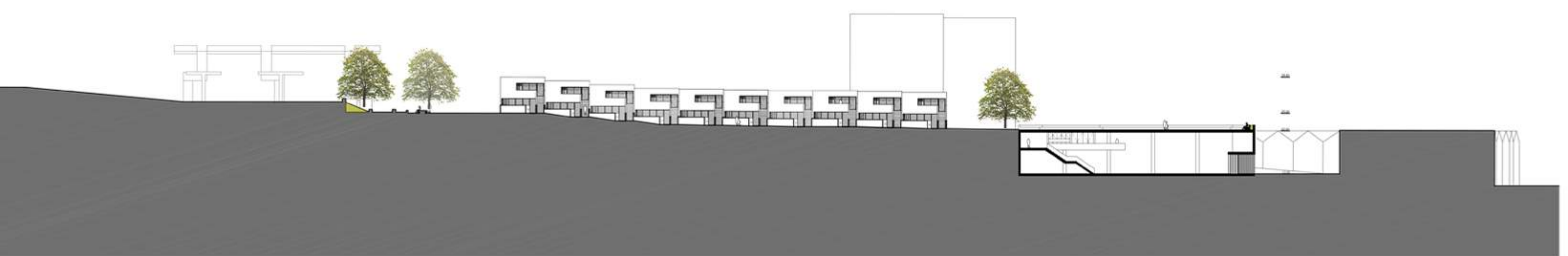
CORTE AA



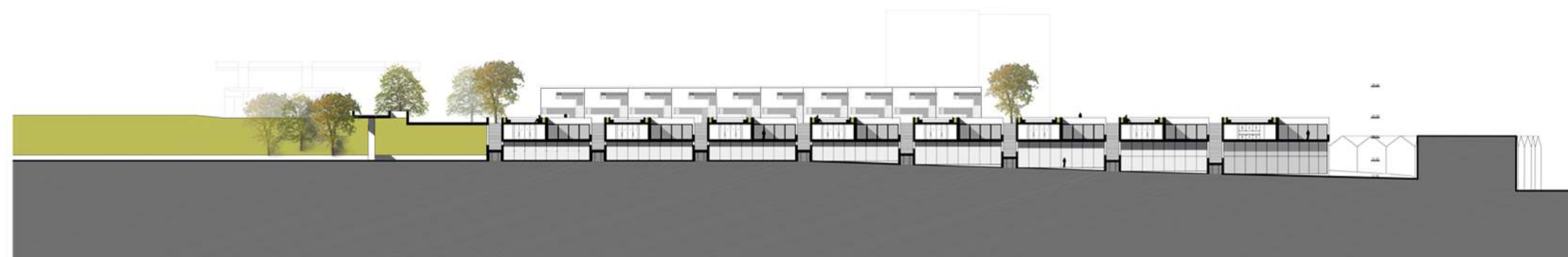
CORTE BB



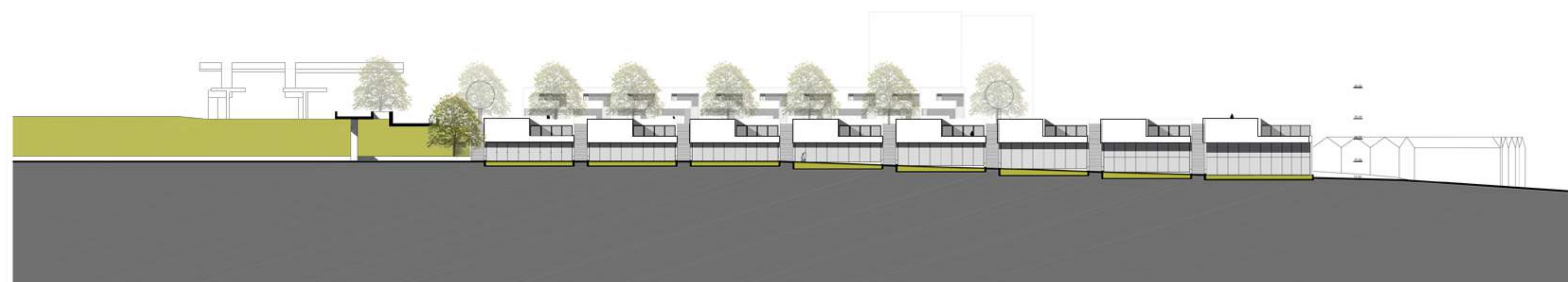
CORTE CC



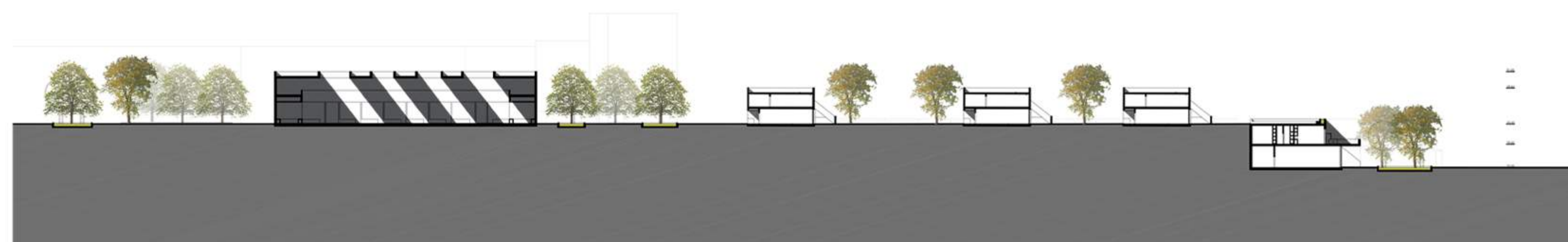
CORTE DD



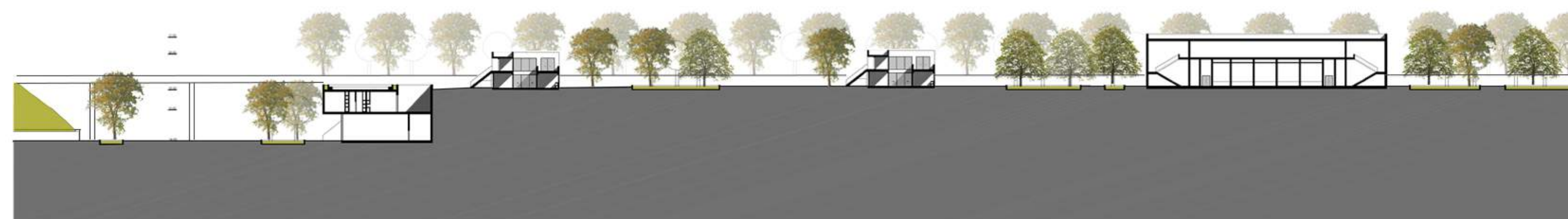
CORTE EE



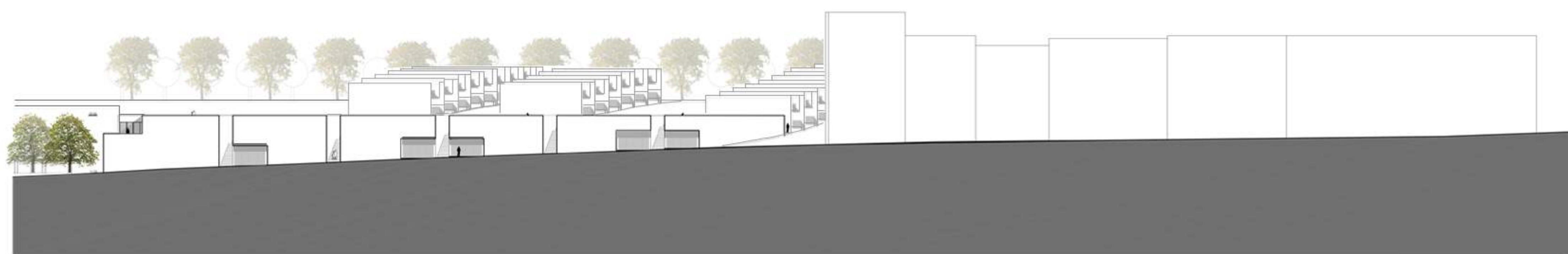
ALÇADO SUL



CORTE 01

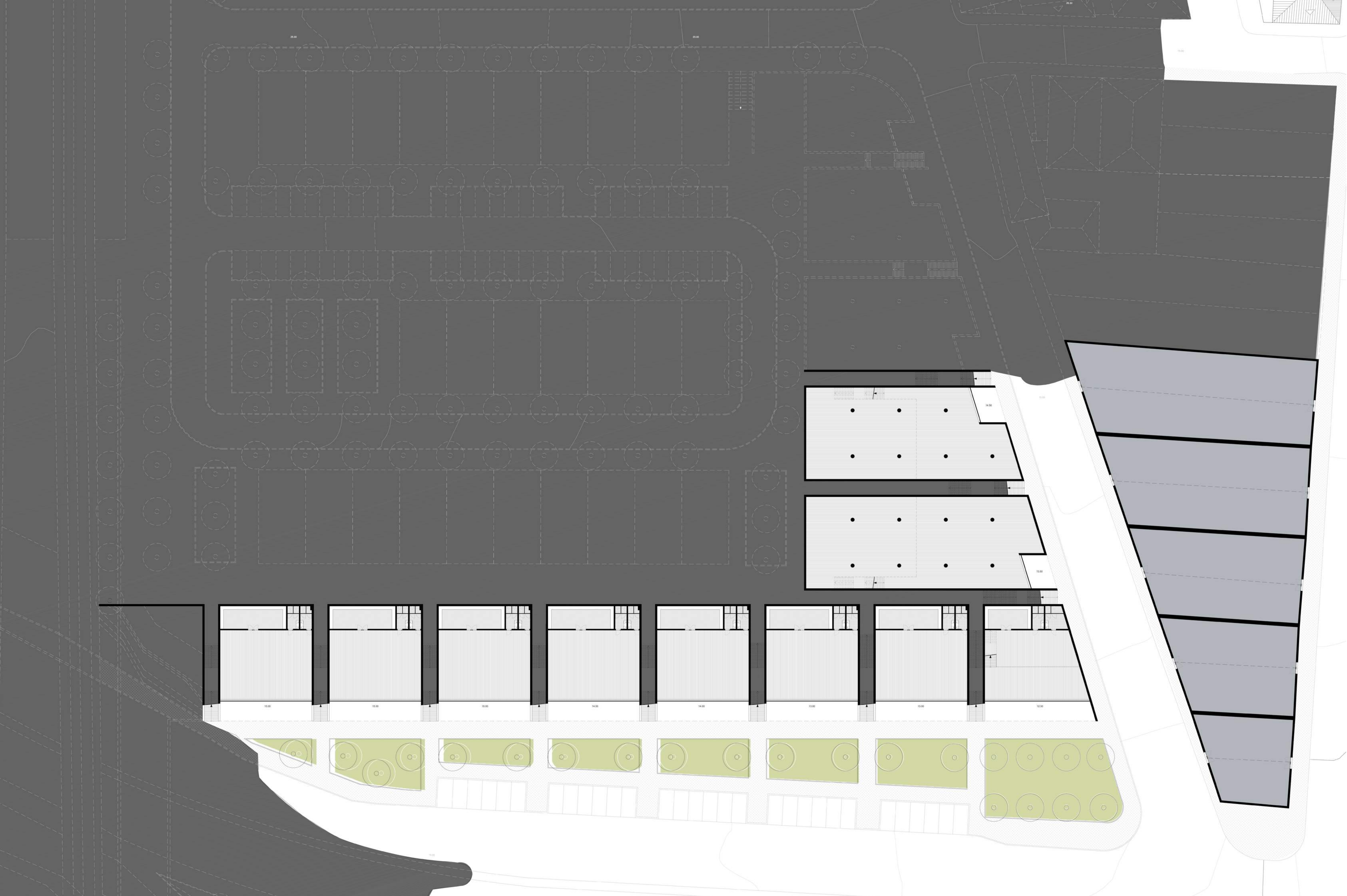


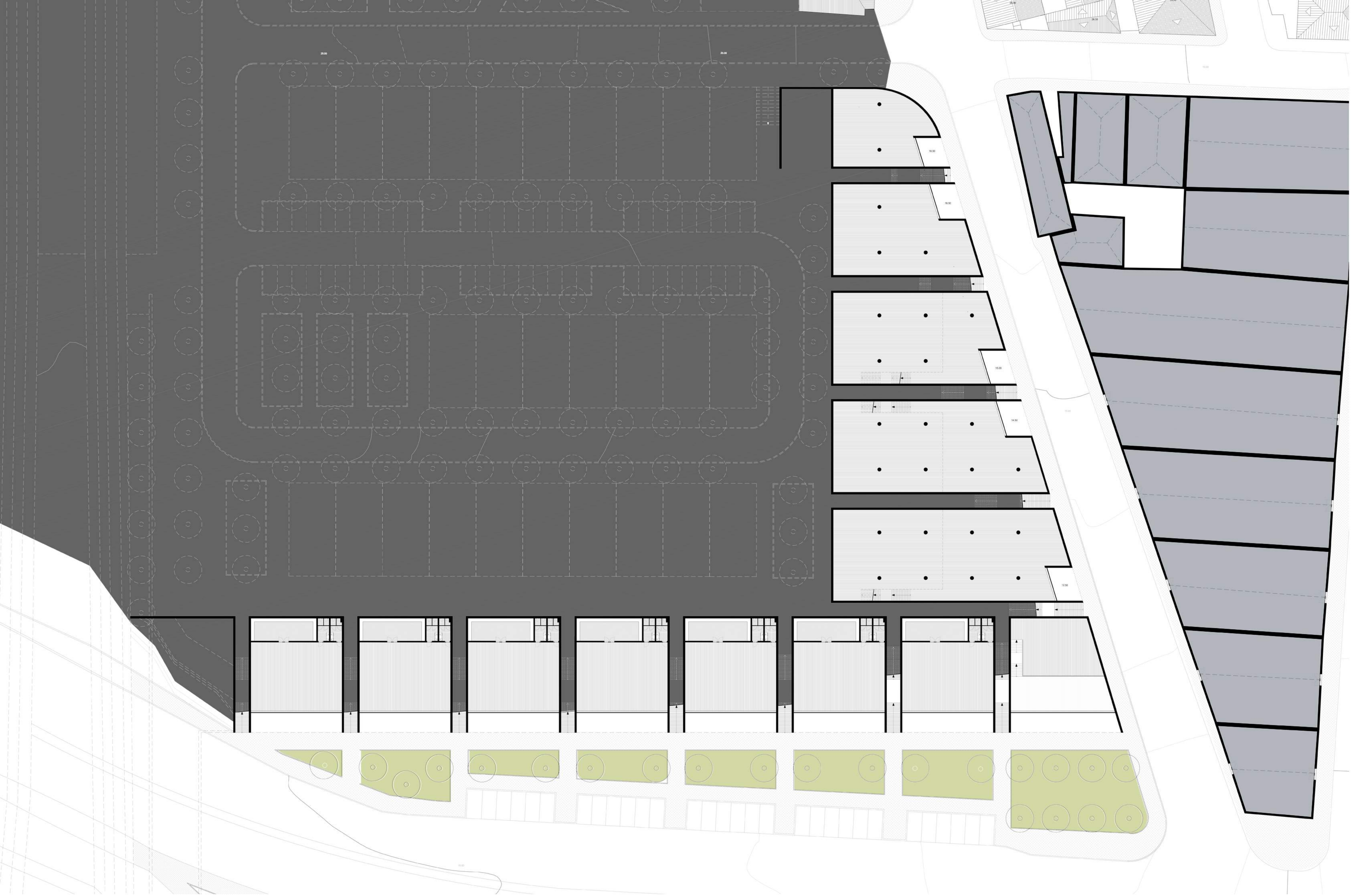
CORTE 02



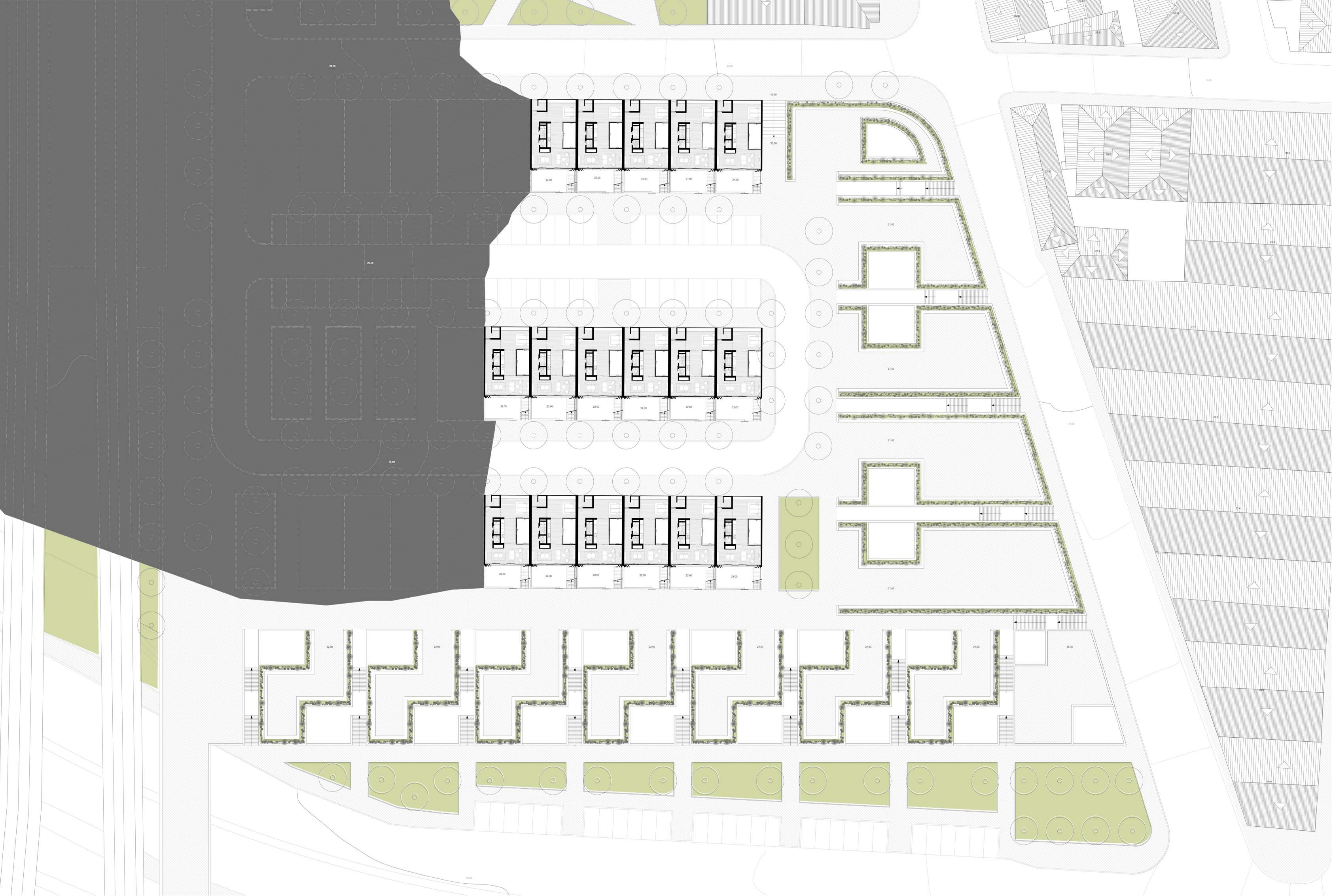
ALÇADO POENTE

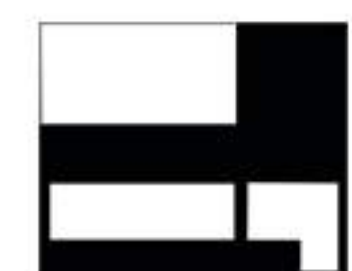




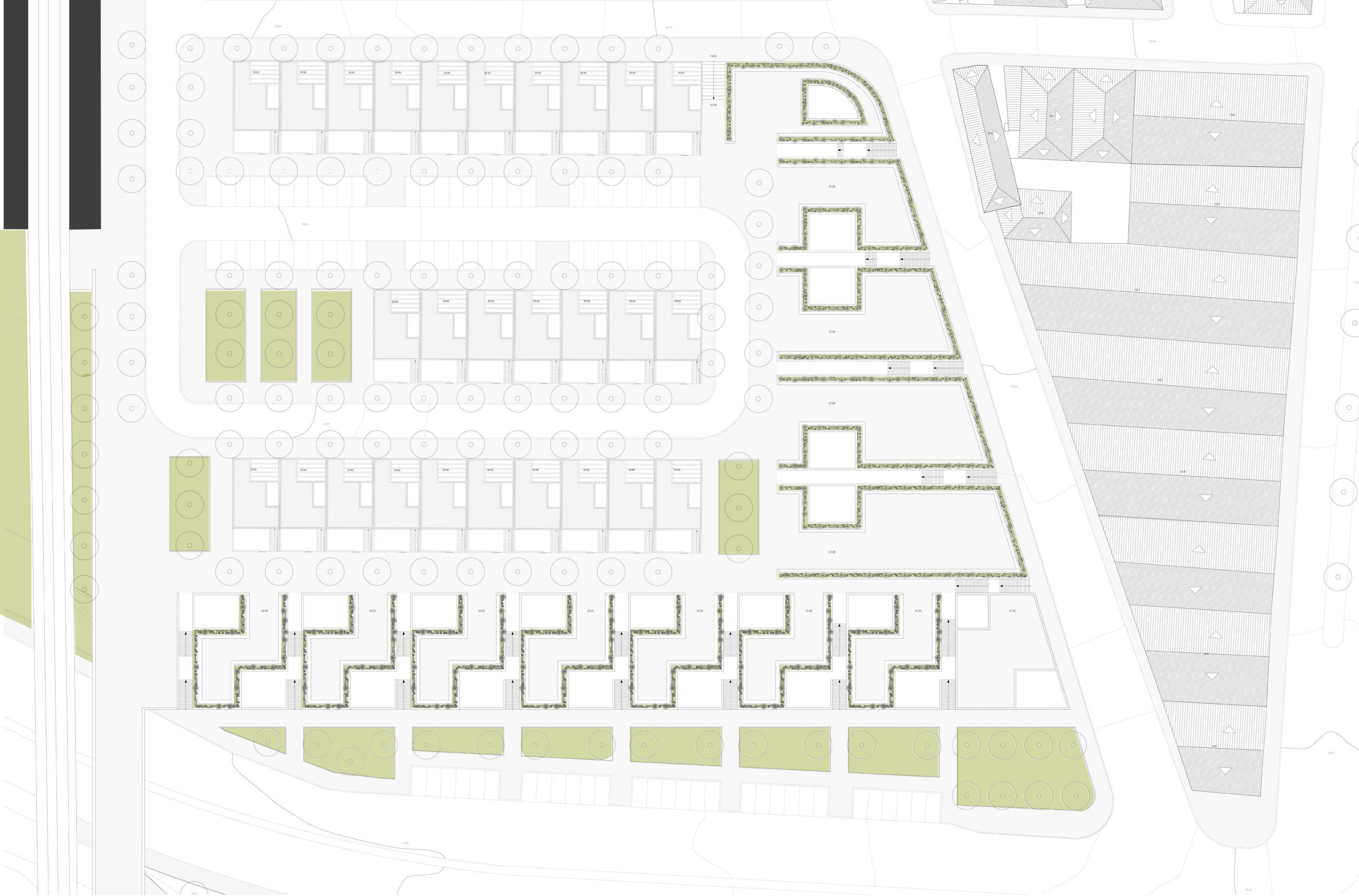


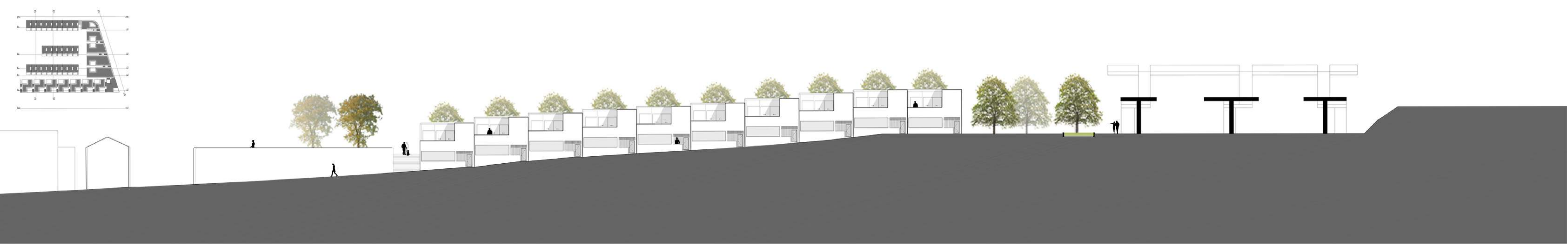




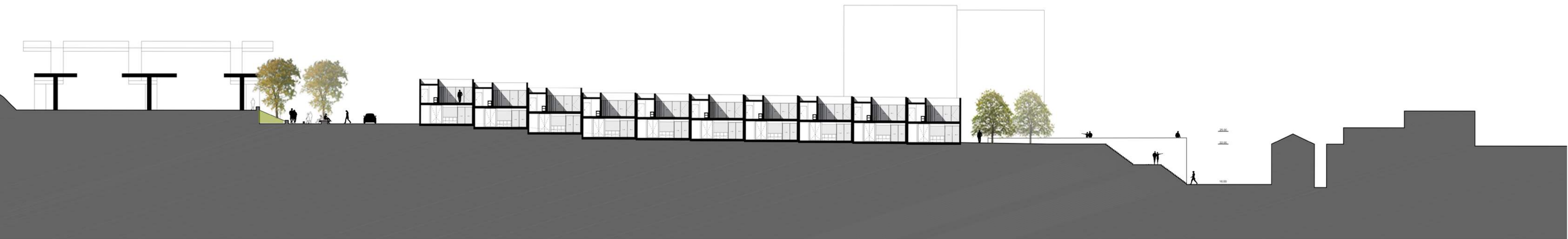








ALÇADO NORTE



CORTE AA



CORTE BB



CORTE CC

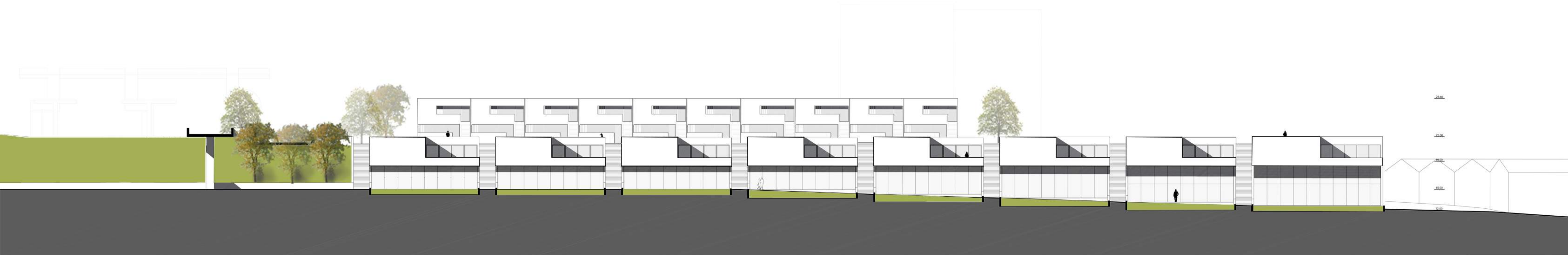




CORTE DD



CORTEEE

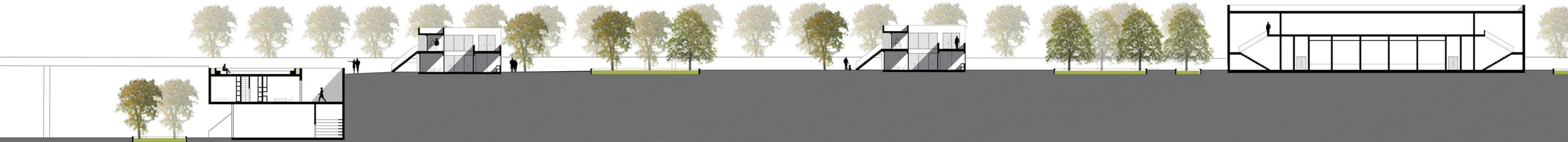
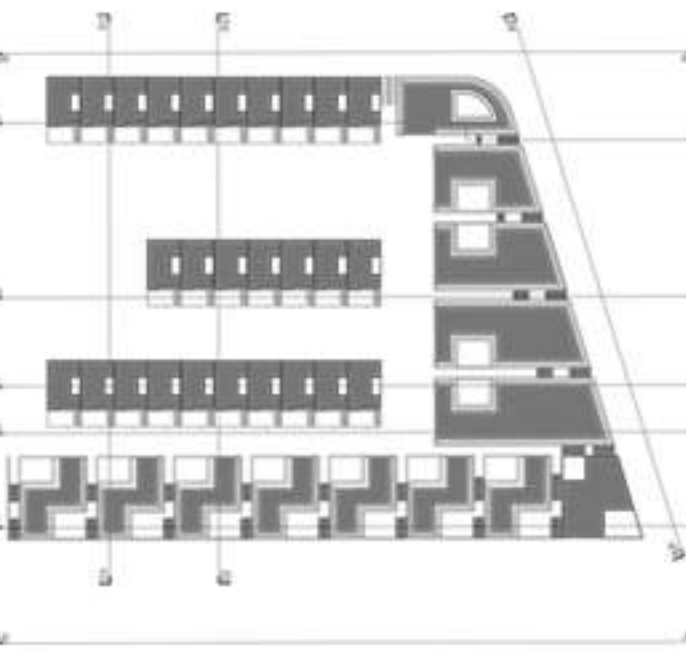


ALÇADO SUL

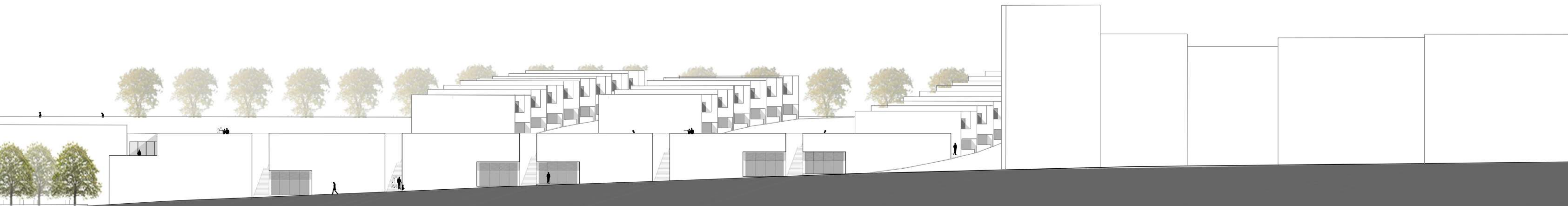


CORTE 01





CORTE 02

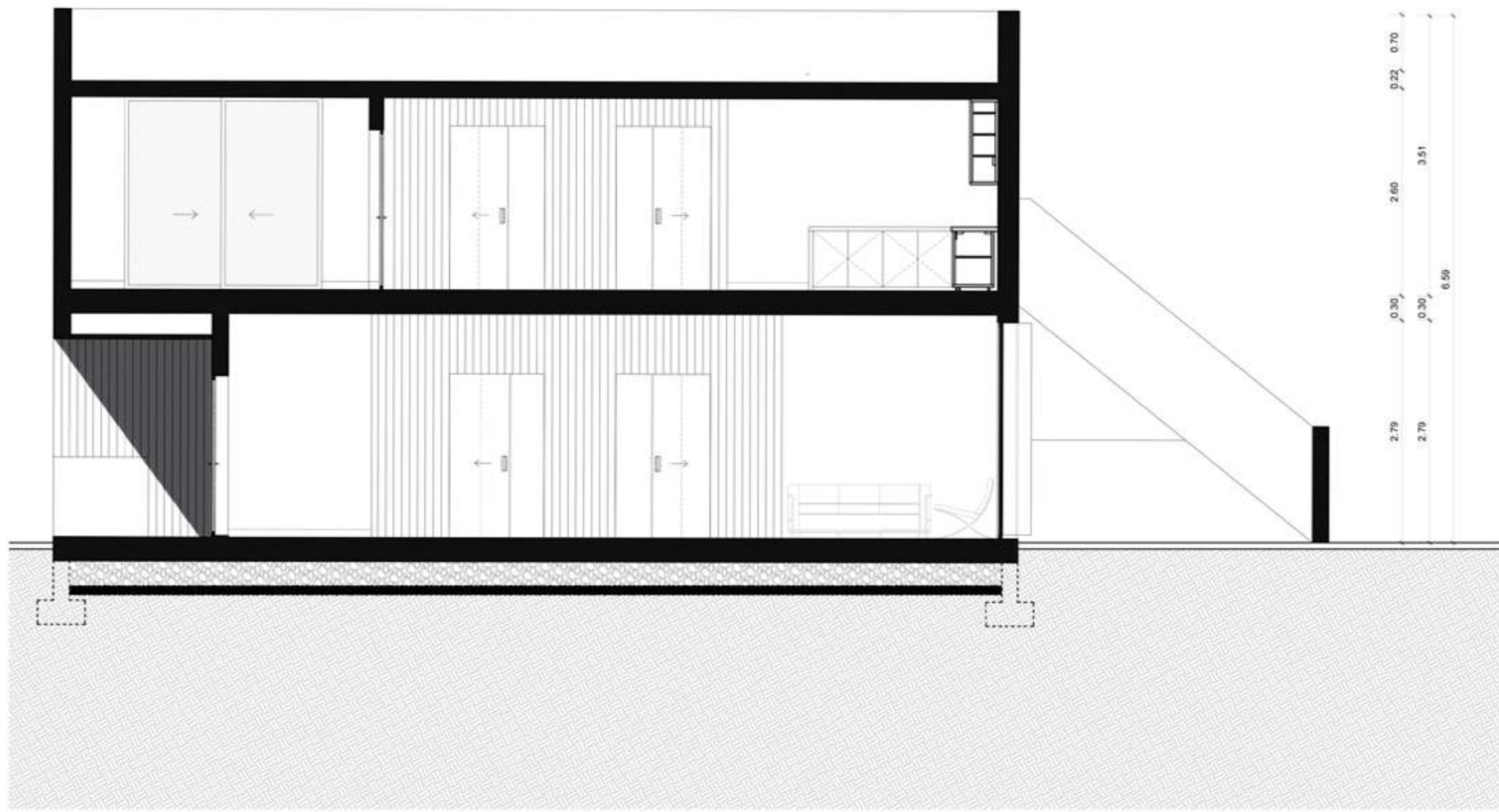


ALÇADO POENTE

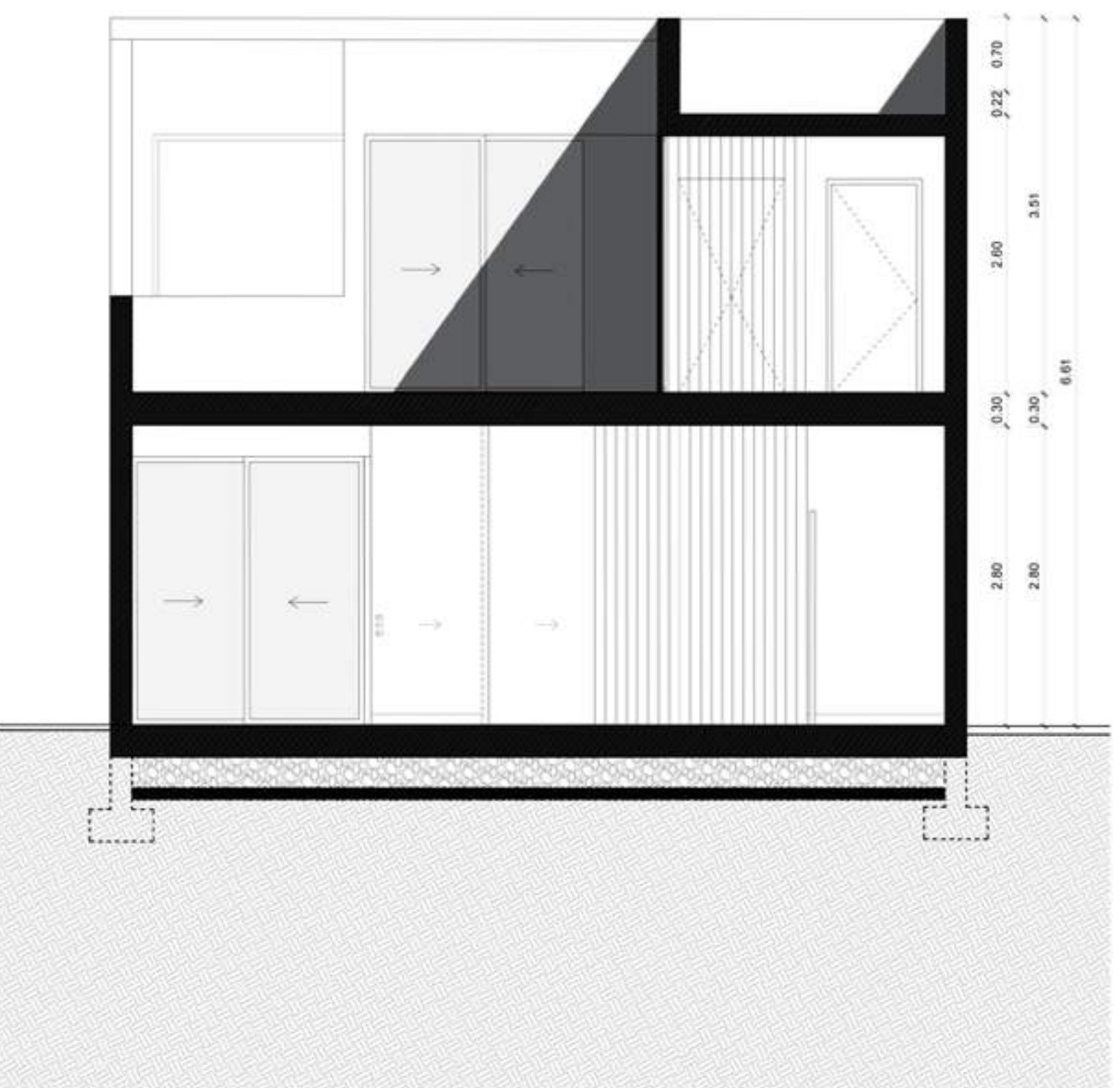




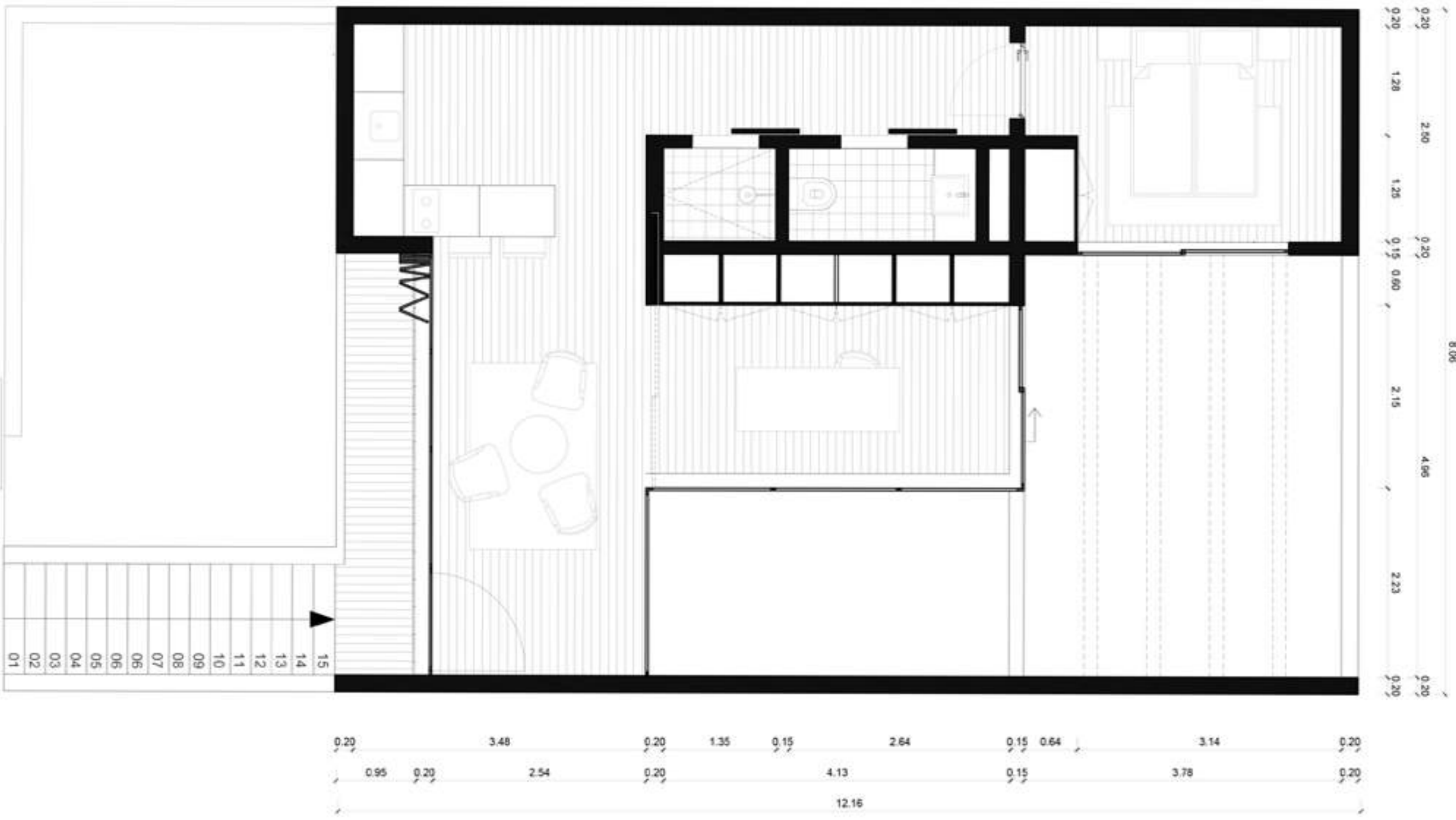
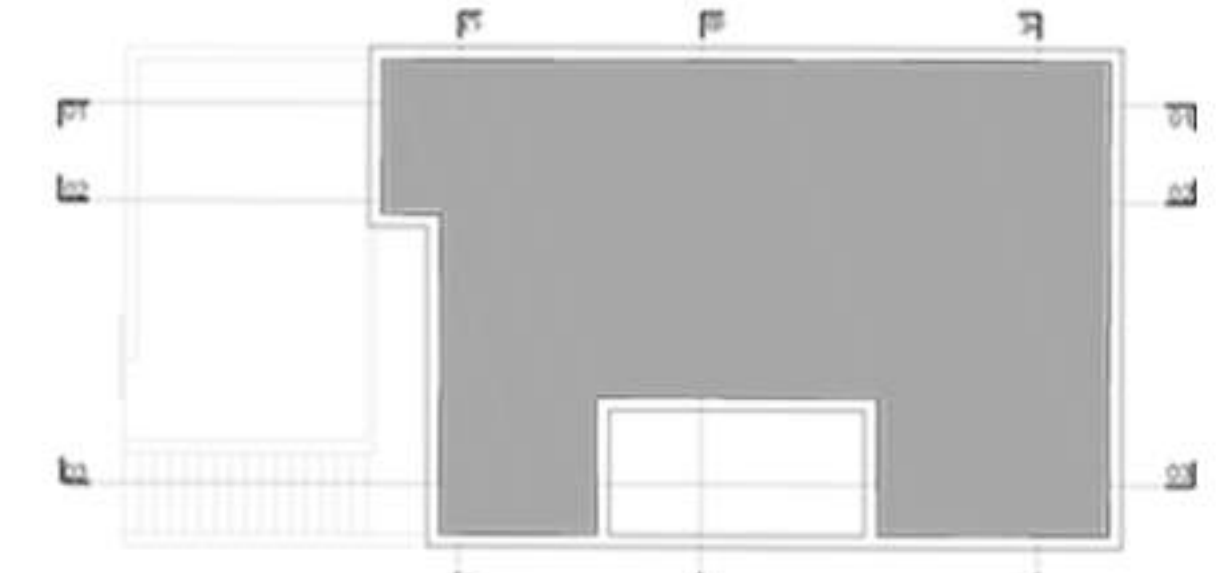
TIPOLOGIA A
PISO 0
ESCALA 1/50



CORTE 01
ESCALA 1/50



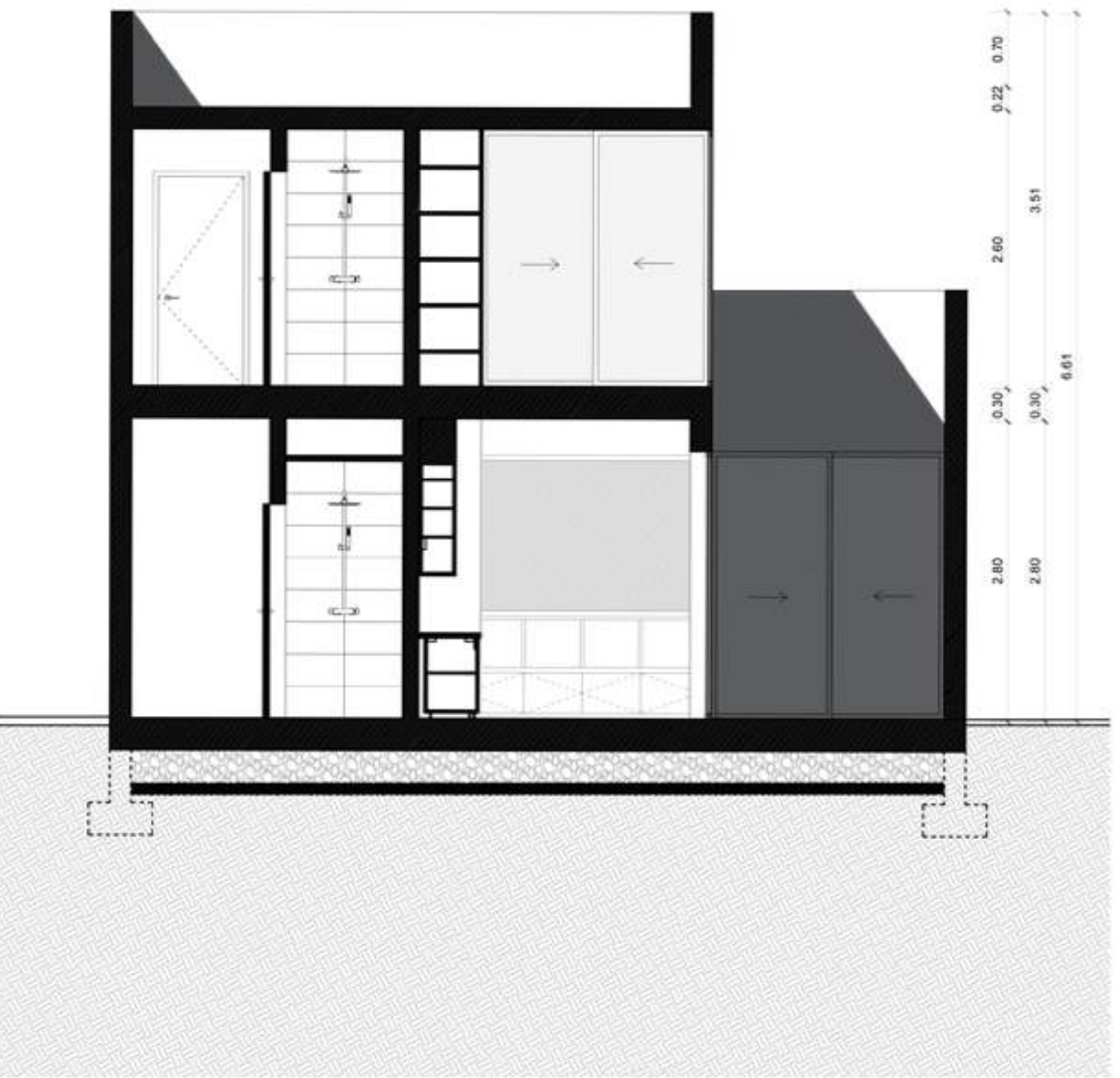
CORTE AA
ESCALA 1/50



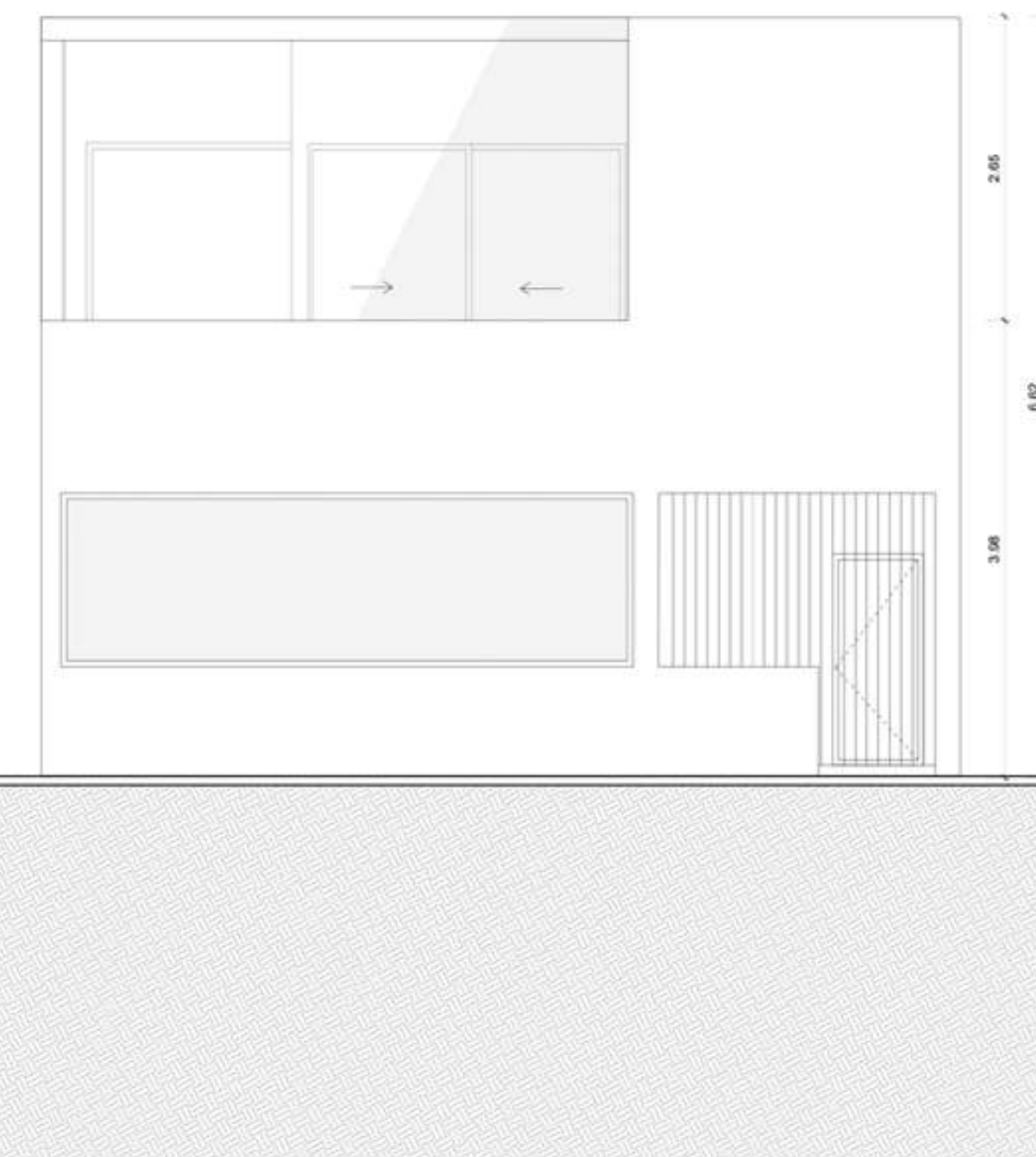
TIPOLOGIA B
PISO 1
ESCALA 1/50



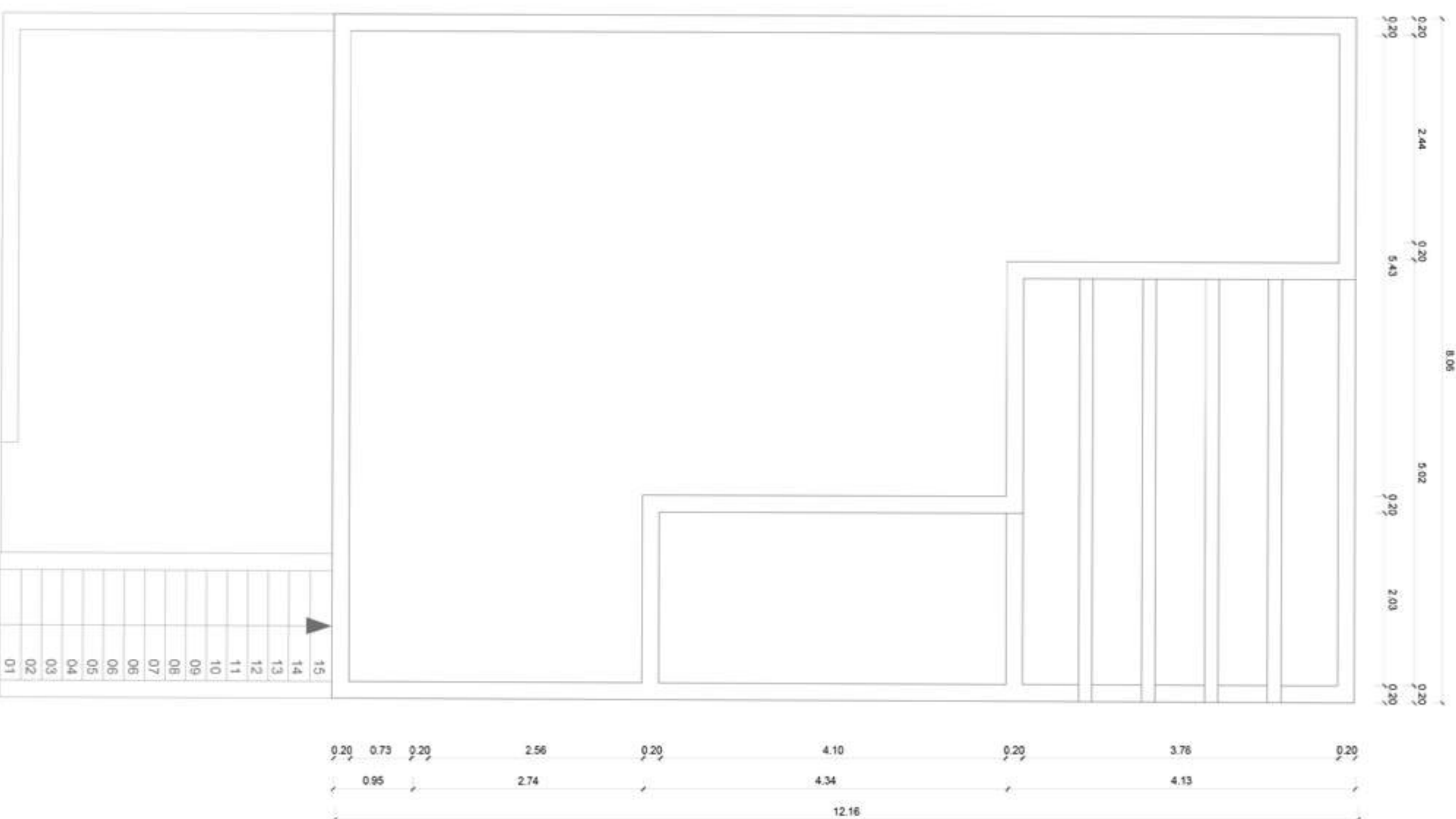
CORTE 02
ESCALA 1/50



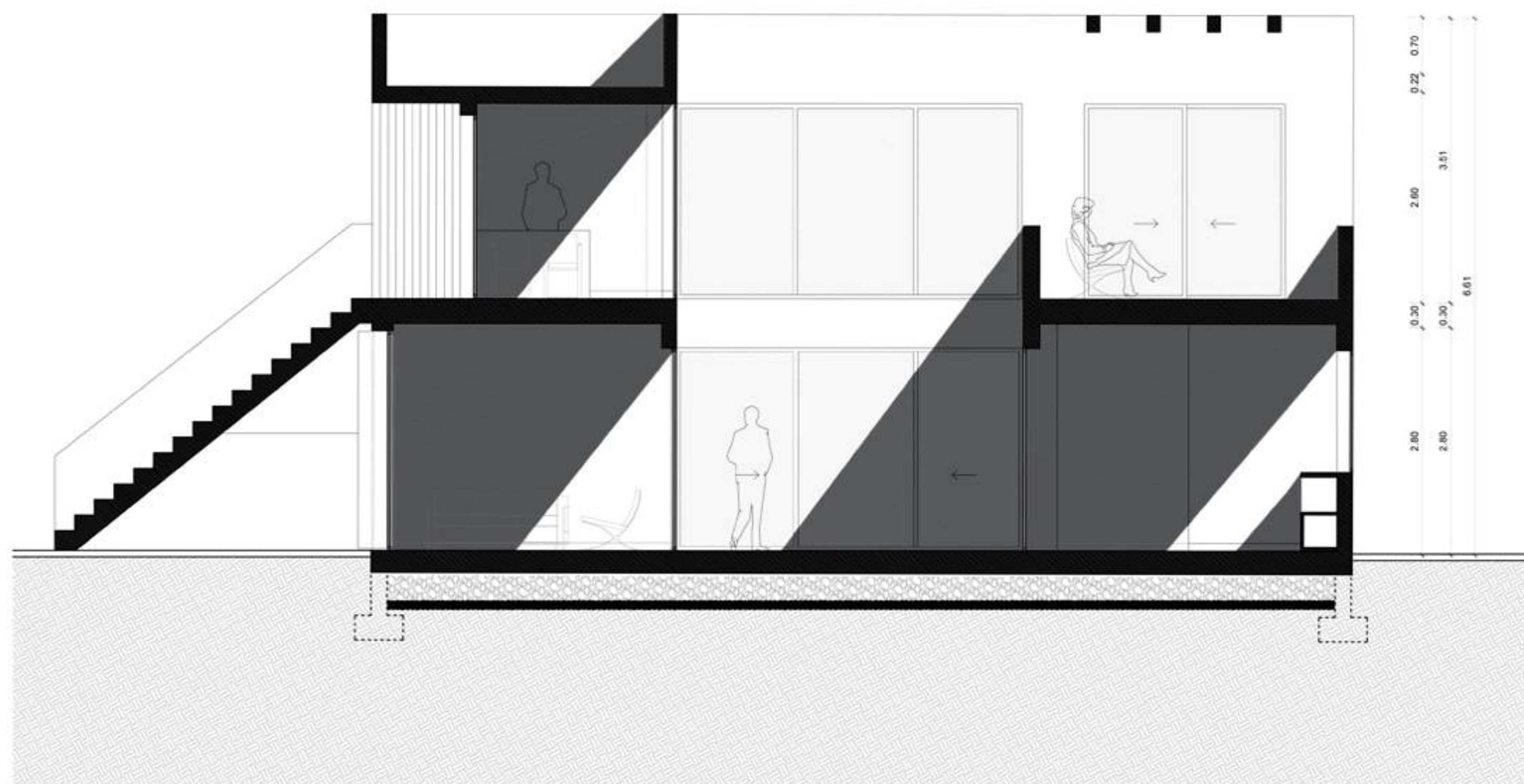
CORTE BB
ESCALA 1/50



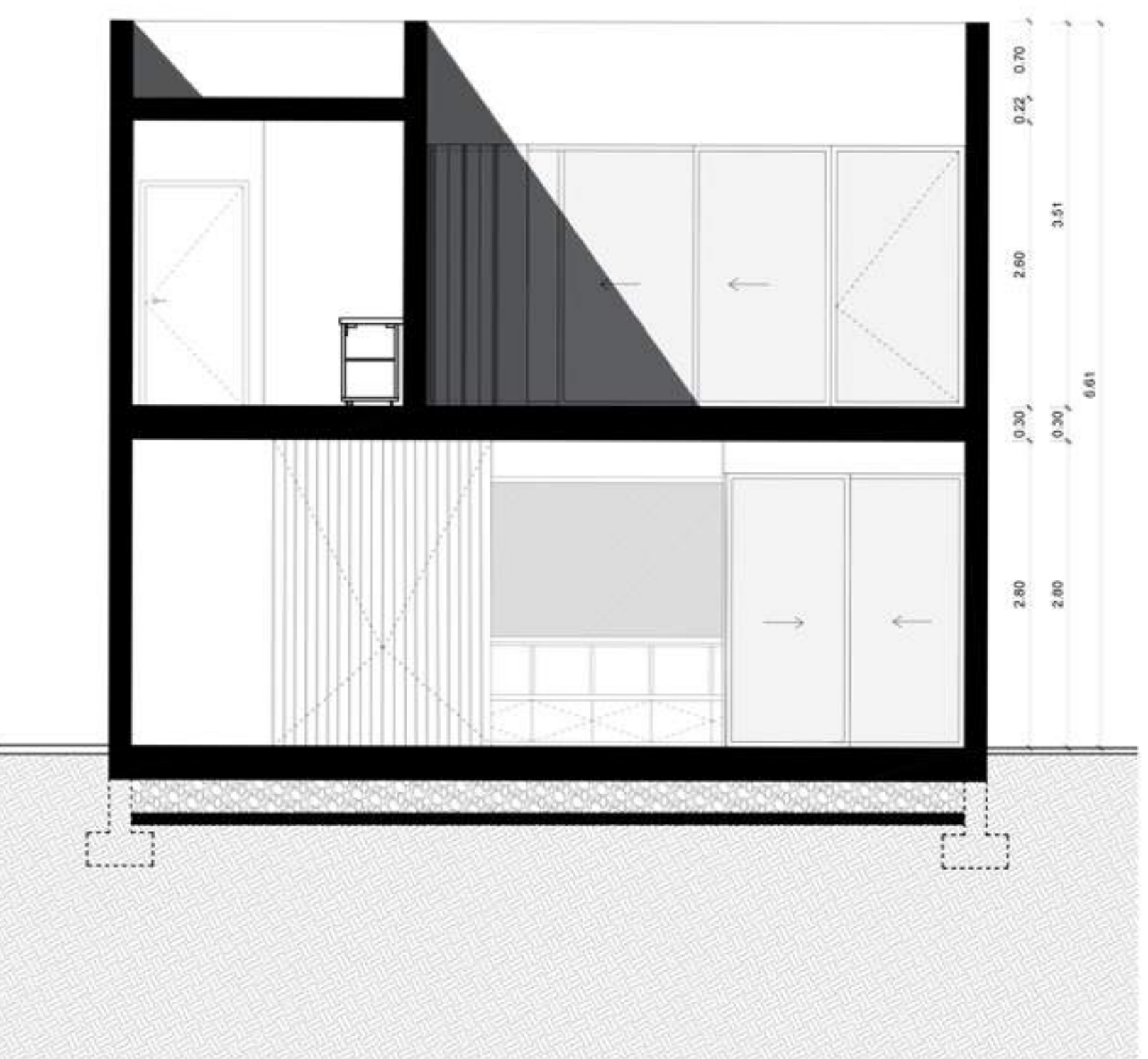
ALÇADO NORTE
ESCALA 1/50



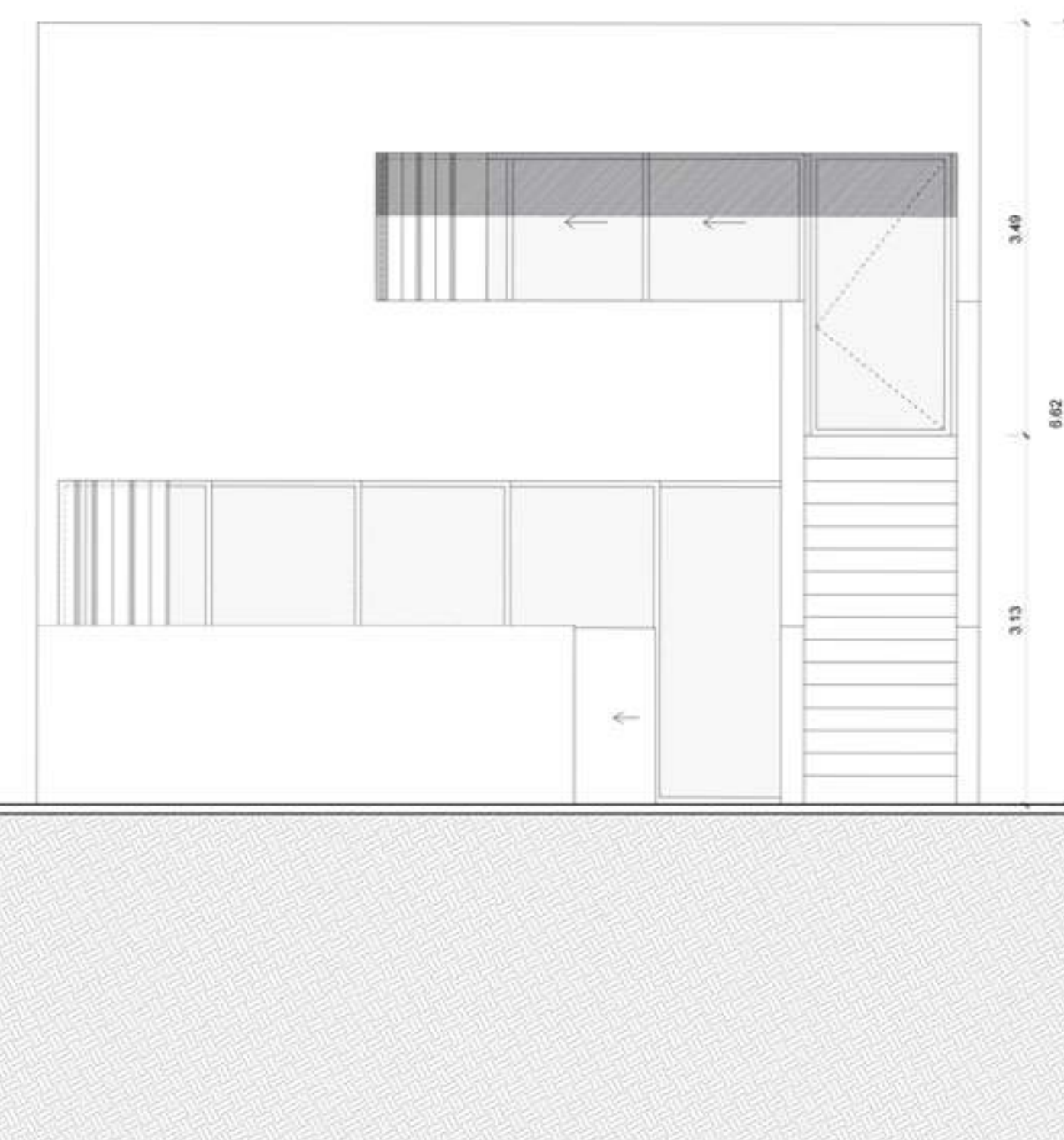
PLANTA DE COBERTURAS
ESCALA 1/50



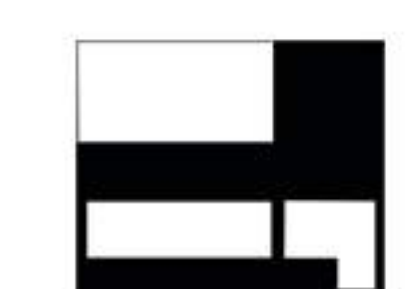
CORTE 03
ESCALA 1/50



CORTE CC
ESCALA 1/50



ALÇADO SUL
ESCALA 1/50



A tipologia de habitação não corrente e adaptável surge como atrativo de fixação de populações mais jovens que, geralmente, representam uma população ativa inserida num contexto laboral flexível- a era digital gerou uma ausência da necessidade de um vínculo físico laboral, permitindo trabalhar a partir de casa- SOHO (Small Office Home Office).

A flexibilidade inerente às tipologias de habitação desenvolvidas promove uma relação mais aberta entre os membros que habitam a mesma unidade habitacional não tendo que, forçosamente, existir uma relação de parentesco entre os mesmos.

Este último fator é determinante num contexto contemporâneo, na medida em que a globalização implica uma permanente mobilidade, criando a necessidade de oferta de tipologias de habitação de curta e média duração- habitação temporária.

